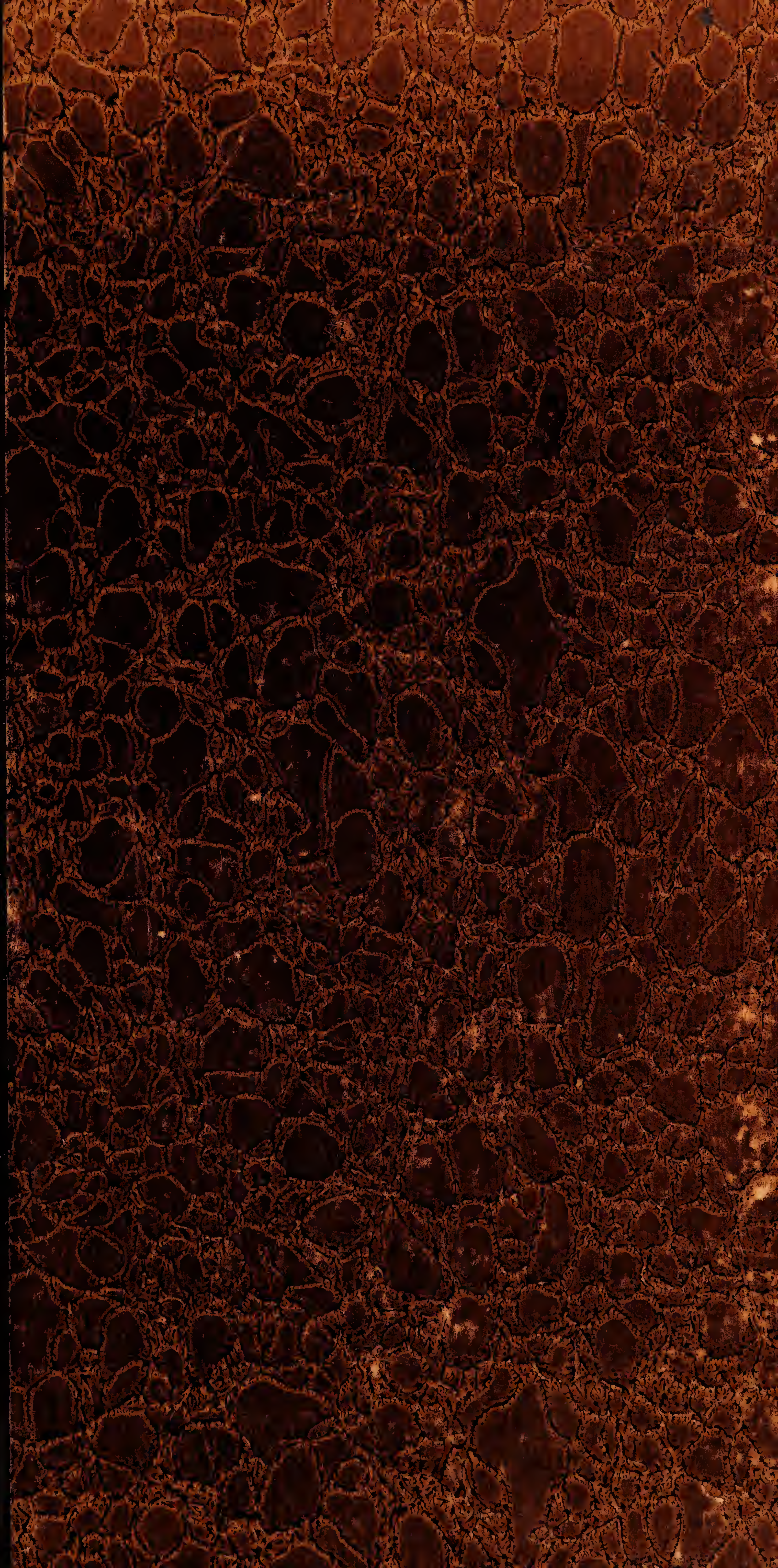


DA.359.AA7

DA.359.AA7



X 76574

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Wellcome Library

https://archive.org/details/b29979997

345

Extraído do

ARQUIVO DE ANATOMIA E ANTROPOLOGIA

VOL. XII — 1928

Publicação do INSTITUTO DE ANATOMIA DE LISBOA
(da direcção do Prof. H. de Vilhena)

GP 71
LISBON : Anatomy : 18 cent.
" : Surgery, Education : 18 ce
A— : Portugal : 18 cent.
S—, E— : P— : 18 cent.

GP 71
LISBON . Hospitals (Hosp. Real de Todos os Santos) : 18 cent

DA.359.AA7



324341

OS MESTRES DE ANATOMIA E O ENSINO DA CIRURGIA NO HOSPITAL REAL DE TODOS OS SANTOS NO SÉCULO XVIII [1]

POR

Sebastião Costa Santos

Renovação do ensino da anatomia com Falconete

Ao principiar do século XVIII pretendeu-se dar uma nova orientação aos estudos de cirurgia no Hospital, criando novamente um lugar de mestre de anatomia a quem eram confiadas a organização e a regencia do ensino anatómico.

O certo é que essa interessante iníciativa, renovada mais duas vezes no decorrer do século citado, só no seu final conseguiu realização definitiva, graças à persistencia inteligente e sagaz dum dos nossos maiores cirurgiões — Manoel Constancio.

A feliz iníciativa data de 1704 e era concebida nos seguintes termos:

Eu ElRey. Faço saber aos que êste Alu.ª virem quetendo consideração a gr.de falta q̃ ha neste R.no da noticia da anathomia que hé precisa p.ª aarte da surgia eainda p.ª adamedicina e pella boa informação q̃ tiue de Luiz Chalbert natural da V.ª de Setubal de ser perito na arte daanathomia e ser formado na arte damedicina na Vniversi.de de Reims em França fui servido ordenar-lhe que emsinase a ditta arte da anathomia no hosp.al Rial de todos

---

(1) Excerto da publicação da Faculdade de Medicina de Lisboa comemorativa do Primeiro Centenário da Fundação da Régia Escola de Cirurgia de de Lisboa intitulada: A Escola de Cirurgia do Hospital Real de Todos os Santos.

os ss.tos destacid.e aos praticantes da surgia, e porque alem do partido q̃ lhe fez o hosp.al real se lhe deue constituir ordenado competente por este trabalho de que pode resultar grande vtilid.e ao cumum do R.no: Hey por bem e me prás fazerlhe me.ce de setenta mil reis cada anno do seu ordenado e que lhe sejão assentados na Alf.a destacid.e para os comessar auencer de treze de septr.o deste ano pres.e dia em q̃ por decreto meu lhe fiz estam.ce. Pello q̃ mando aos vedores de minha faz.da que na forma referida lhe façam assentar nos L.os della da alf.a destacid.e os mesmos setenta mil reis de ordenado e leuar cada anno nas folhas do assentam.to em seu nome p.a lhe serem pagos com certidão do Thiz.ro do Hospital porq̃ conste que foi contino ecuidadozo em ensinar aos praticantes e mais pessoas q̃ quízerem aprender a d.a arte e pratica da anathomia. Eeste Alu.a se cumprirá inteiram.te como nêlle se conthem posto que seu effeito aja de durar mais de hum anno sem emb.o da ordenação em contr.o. E pagou de novos dir.tos dezasete mil e quinhentos rs q̃ foram carregdos ao Thz.ro dêlles Fran.co Sarm.to e Pitta no L.o 2.o de sua R.ta afs. *231.* Edeu fiança a outra tanta q.tia no l.o 1.o dellas afs. *188.* Como constou por c.to feito pello escriuão deseucargo e assinado por ambos, oqualfoi Reg.do no l.o 2.o do Reg.to g.al afls. *104.* Luiz Per.a o fez em Lix.a a 20 de nouembro de 1704. Rei. Sebastião da Gama Lobo o fez escreuer. O conde da Castanhr.a (1)

Por êste alvará era pois Falconete, filho de pais franceses, tendo cursado medicina em Reims, encarregado de restaurar o ensino da anatomia no Hospital.

Tendo em conta as responsabilidades do novo lugar criado, não teve duvida a Mesa da Misericordia em lhe aumentar os honorários por meio da seguinte provisão:

REG.TO DAPROUIZÃO DAMEZA SOBRE OORDEN.DO Q̃ HADE HAUER P. ANO OM.E ANATHOMICO LUIZ CHALBERT FALCONETE (2)

OP.or E Irmãos dameza daCaza das.ta Miz.a destacid.e e hosp.al Real detodos oss.tos della, etc. Porq.to sua Mag.e q̃ Ds. g.de foi seruido ordenar q̃ Luiz Chalbert Falconete lese e exercitasse no hosp.al amateria anatomica por ter noticia de sua sufficiencia e das vtilid.des queseseguirião pondose empratica hũa ciencia tão importante e proueitoza aospraticantes. Eo trabalho q̃ o

(1) Livro de Registo Geral N.o 3. Fls. 21 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.
(2) Livro de Registo Geral N.o 3. Fls. 21 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

espera deconsiderar ser mais desig.al ao orden.o desetentamilrs de q̃ o d.o S.or foi seruido fazer-lhe m.ce por sua real faz.da. Hauemos porbem q̃ haja pella faz.da do mesmo hosp.al sessentamilrs emdinh.ro trigo e ceu.da na forma que se paga aos medicos e surgiões, osquaes comessará avenser dodia da me.ce dos d.tos setentamilrs. Comtalcondição quedará cumprim.toao deduzido em hum seu papel quesetrasladará nas costas deste. Enossos irmãos off.es da faz.da lho farão executar. José da Silua afez em Lx.a, 27 de jan.ro de 1705.

Copia dopapel deluizchalberto falconete : anathomico (1)

Pareceme q̃ p.a se haverem de fazer as anotomias em boa ordem, edesposição, e p.a q̃ os Praticantes mais facilm.e com mais attenção, emenos horroraprendão, sou deparecer, q̃ se fizessem, ou se ditassem duas vezes as lições cada somana por ser de maior conveniencia p.a os q̃ aprendem q̃ estas se não fação, mais q̃ duas vezes, e estas serão as terças e quintas, detarde pellas tres horas, por ser atarde não só p.a M.e a mais propria, mas tãobem p.a os praticantes mais adequada, e quando o tempo for pouco, e ouver algũa lição que necessite de mais dillatado tempo, entrará oM.e pellas dez da menhãa a cortar e preparar p.a q̃ detarde lhe fique mais facil ademonstração e explicação das d.as partes. Fundase o meu parecer, em q̃ haja só duas lições cada somana, primo, porq̃ sendo as lições mais continuadas não terão os praticantes tempo p.a acudirem as mais a q̃ são obrigados assestir: secundo, porq̃ com mais curiosidade se applicarão aesta sciencia, não sendo tão vulgar oseu exercicio, porq̃ oq̃ mais se difficulta em certo modo não menos se estima: Tertio porq̃ sendo o exercicio pratico desta sciencia não uzado nesta terra, parece se deve observar na sua introdução, o q̃ se observa nas mais, q̃ p.a q̃ se estabeleção çom mais acertado fundam.o se lhe dê principio com menos confuzão, p.a q̃ os q̃ aprendem lhe não sirva esta de impedim.o asuacuriosidade quia confusio errorem parit. Pareceme mais q̃ o exercicio desta sciencia se faça em os seis mezes de Inverno que serão Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março, e neste tal tempo só se cortará, demonstrará, e explicará, e nos seis mezes de verão por ser incapaz este tempo do d.o exercicio dictará só oM.e e explicará a Anatomia: Será obrigado nos mezes de Inverno afazer Anatomia em hum enforcado, oqual correrá por conta doSr. Thz.romór mandar pedir, ese nos dittos meses ouver mais algum tendo já feito asua obrigação emopr.o só por sua curiosid.e opoderá fazer em o seg.do sem q̃ para isso seja obrigado, ese nos d.os seis mezes não houver nenhũ enforcado, eq̃ ohaja nos mezes de verão não será obrigado a fazella ese deixará no seu arbitrio oquerer, ou não querer fazer ad.a Anatomia nod.o enforcado, porq.to pode succeder ser em

(1) Livro de Registo Geral N.o 3. Fls. 26 e 26 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

tempo, q̃ não seja conveniente p.ª o d.º exercicio. Sem embargo, do q̃ está ditto, como devo attender mais a conveniencia dos praticantes, eaprecepção deseu estudo, do q̃ a moderação do meu trabalho me parece, q̃ as Anatomias, q̃ se houverem defazer duas vezes cada somana se fação seguidas naquelles outo dias, q̃ ao Anatomico lhe for mais conveniente por rezão da materia; ejuntam.e porq̃ se explicará hũ tratado rg. dos musculos ou da distribuição de veyas, eArterias, eeste ficará mais facil aos Praticantes com ocontinuado da demonstração, e explicação o q̃ será mais difficultoso com a intrepolação de dias. E juntam.e o se seguirá não haver tanta estragação de corpos, porq̃ hum durará em q.to se puder fazer nelle od.º exercicio, oq̃ fazendose duas vezes cada somana será necessario cada vez hũ corpo; advertindose porem, q̃ quando o Anatomico fizer as Anatomias seguidas ficará absoluto do d.º exercicio o mais tempo do mez, q̃ lhe ficar livre satisfazendo nestes dias continuados aquellas Anatomias, q̃ havia de fazer duas vezes cada somana. Equando neste mez, emq̃ se fizer aAnatomia seguida de outo dias for tempo mais adequado, eouver mais abundancia de corpos, por cujas rezões se deva dilatar mais o d.º exercicio cumprindo oAnatomico com o numero de dezaseis dias ficará absoluto do mez q̃ seseguir, porq̃ he rezão, q̃ se attenda ao trabalho antecedente, e mais quando disto não se segue nenhũ prejuiso, antes utilidade, como está ditto, aoHosp.al e aos praticantes delle. Terá licença oAnatomico p.ª q̃ elle, ou desua parte possa mandar levar dacasa dos mortos aquelle, q̃ lhe parecer mais idoneo p.ª as Anatomias, sem q̃ haja de estar sogeito a alguem q̃ lhos dê, ou q̃ lhos escolha, pois q̃ elles não entenderão, os q̃ podem ser mais capazes p.ª od.º exercicio, edaqui se segue o evitaremse ocaziões, das quaes possão nascer algumas teimas, deq̃ se siga algum prejuizo, não só aoAnatomico, mas taõ bem aos assistentes, pois expoem a sua saude no tal caso a obra, aq̃ se aplicão. Eesta licença se entenderá tão bem quando por sua curiosidade quiser fazer algũa experiencia, ou demonstração a algũas pessoas particulares, não evitando isto porem o exercicio das Anatomias publicas, q̃ he obrigado. Eporq.to as novidades trazem consigo multidão de gente, porq̃ desta se não sigua oprejuizo, de q̃ os discipulos não possão assestir com toda a attenção correrá por conta doporteyro opor agente em tal ordem q̃ os praticantes, q̃ ainda não forem examinados sejão os primeyros, q̃ assistão ao M.e p.ª q̃ com mais curiosid.e aprendão, oq lhe convem, oq̃ parece ser de não tanta importancia a aquelles q̃ estão ja fora da direcção dos Mestres da Cirurgia e deAnatomia. Advertindo mais, q̃ aquietação, q̃ se achar nos praticantes não será de menos utilid.de assim p.ª elles, como para oM.e no exercicio desta sciencia, pois he hũa das principais direções aq̃ obrigão os M.es donde se professa a d.ª sciencia. Pareceme tãobem conveniente, digo, tãobem não ser conveniente, q̃ algum da d.ª profissão possa entrar na escolla da Anatomia com espada sem q̃ p.ª isso lhe valha algum previlegio. Tãobem terá oM.e a chave da d.ª escola pois nesta se não deve fazer outro exercicio, e alimpeza desta correrá por conta de algum mosso a quem oSr. Thez.romór for servido mandar, e p.ª o mais, que p.ª este exercicio por necessario aoM.e Anatomico. Luiz Chalbert Falconete.

Êste regulamento ou papel, como o seu autor lhe chamou, foi autenticado por todos os membros da Mesa da Misericordia que então eram: o Conde dos Arcos, Fernão Rodrigues de Brito Pereira, Antonio dos Santos Pinto, José da Silva Picão, Antonto da Costa da Silva, Manuel Telles de Menezes e Faro, Manuel Dias, Francisco André, Balthazar dos Reis e Sebastião da Gama Lobo.

Pode-se aquilatar do valor de Falconete por êste papel? O alvará da sua nomeação diz que era «perito na arte de anatomia» e «formado na arte de medecina na Universidade de Reims». Com efeito, a remuneração estipulada pelo Hospital era muito superior à dos médicos de então. Em 1704 venciam os médicos quarenta mil reis anuais e casa, além disso tinham dois moios de pão meado, dois alqueires de legumes e um quarto de carne pelas festas. Falconete recebia cento e trinta mil reis e os mesmos legumes e a carne.

Grande novidade devia ser para aquela casa a vinda de pessoa de fóra para o estabelecimento do regular estudo anatómico, coisa em que se não falava desde 1565!

A avaliar pelo papel atrás transcrito, Falconete antepunha às conveniencias dos praticantes a sua comodidade. Também o seu ensino durou o maximo quatro anos porquanto começado em 1705 interrompeu-se em meado de 1709 pela sua morte.

Como sempre, muito bem diz o professor Serrano: «Com elle feneceram (e talvez primeiro que elle) as esperanças de rejuvenescimento das estudos anatomicos, em principios do seculo XVIII, no já vasto e populoso Hospital de Todos os Santos» [1].

No principio do século XVIII, começou a exercer clinica em Lisboa um cirurgião que dentro em breve era nomeado cirurgião do Hospital, onde lecionou praticantes, e em seguida ascendia até a camara real onde foi cirurgião do infante D. Antonio, irmão do rei D. João V; referimo-nos a Santos de Torres.

Santos de Torres nasceu perto de Cezimbra em 1676, de pais de condição humilde, e foi devido à intervenção de estranhos que logrou fazer as primeiras letras.

Sentindo-se com vocação, abraçou a carreira cirurgica e obteve a respectiva carta em 1701. Requereu pouco depois ser admitido familiar do Santo Oficio e obteve deferimento em 1709.

---

[1] SERRANO. Tratado de Osteologia Humana. Lisboa, 1895. Vol. I, pag. LXXVIII.

Na vaga de cirurgião dos males do Hospital deixada em 1717 pela promoção de Lopes Correia foi provido, como segue, Santos de Torres:

REG.TO DA PROUIZÃO Q̃ A MEZA DA MIZ.A DEU A SANTOS DE TORRES P.A CERURGIÃO DOS MALLES DO HOSP.AL (1)

OProv.or e Irmãos da Meza dacaza da S.ta Miz.a destacid.e deLisboa, eHospital Real detodos os Santos della etc. Por nos constar dasufficiencia doLecenceado Santos Torres, eter seruido dechirurgião das vezitadas do Lemite de Santa Catherina, aquem asestiu comm.to cuidado zello, echaridade; havemos porbem deoprouer noLugar, q̃ vagou por promição de João Lopes Correa com as obrigaçõens do seu cargo, de que hauerá de seu ordenado proes, emmolumentos ecazas etudo omais q̃ tinha seu antecessor emq.to o houuermos por bem e não mandarmos ocontrario eparaconstar do referido selhemandoupassar aprez.te Prouizão q̃ será registada donde necess.o for João de André Leytão afes em Meza 15 de Junho 1717 *o Conde de Coculim Prov.or* || *Dom Lopo de Almeyda* || *D. Do M.el* || *Ant.o Tavares Velho* || *Fr.co Pinheiro* || *D. Antonio Henriques* || *Joseph P.ra* || *Anto Correa da F.ca* || *Ant.o deAlbuquerque CoelhodeCarualho* ||.

Prouizão por q̃ V. Ex.a e Irmãos fazem m.ce ao L.do Santos de Torres deoprouerem no Lugar de Cerurgião dos males do Hosp.al

Em 1728 requereu Santos de Torres para ser promovido a cirurgião dos feridos o que lhe foi deferido pela forma que segue;

REG.TO DA PROUIZÃO Q̃ A MEZA DA MIZ.A MANDOU PASSAR AO L.O SANTOS DE TORRES P.A CERURGIÃO DOS FERIDOS POR PASSAGEM DOS MALLES (2)

OP.or e Irmãos da Meza da Caza da Miz.a desta cid.e de Lx.a e Hosp.al Real de todos os s.os della etc. Por nos constar da sufficiencia e Tendosse consideração ao q̃ Santos de Torres nos reprezentou em sua petição enos constar estar seruindo o Lugar da enfermaria dos malles ha m.os annos com boa esatisfação cuidado e vigilancia: Havemos por bem de O removermos p.a o Lugar da enfermaria dos feridos q̃ vagou por dezistencia do L.do João Lopes Correa de q̃

(1) Livro de Registo Geral N.o 3. Fls. 96 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.
(2) Livro de Registo Geral N.o 3. Fls. 155. Arquivo dos Hospitais Civis.

havera as cazas e omesmo ordenado, proes emmulum.[os] q̃ lhe tocarem como tinha od.[o] seu Antecessor em q̃ o houermos por bem enão mandarmos o Contrario || João de Andrade Leytão afez em Meza 19 de Dez.[ro] de 1728 *o Conde de Assumar Prov.[or] || . Ayres de Saldanha de Albuquerque || . Conde de Vimioso || . Sylvistre Rib.[o] || . M.[el] de Almeyda e Carv.[o] || . Joseph Viejra || . Mauricio Correa* || . Provisão por q̃ V. Ex.[a] e Irmãos da meza fazem m.[ce] a S.[os] Torres de oprouerem no Lugar da enfermaria dos feridos.

No lugar de cirurgião dos feridos vago pela morte de Francisco da Silva foi provido Santos de Torres, naturalmente a seu pedido. Eis os termos da provisão;

Reg.[to] dehua prouizão q̃ ameza mandou passar ao L.[do] Santos de Torres (1)

OProuedor e Irmãos da Meza daS.[ta] Miz.[a] desta Cid.[e] de Lx.[a] Hosp.[al] Real de todos os s.[tos] etc. Havendo attenção ao cuid.[o] com q̃ o L.[do] Santos Torres tem asestido aos enfermos do Hosp.[al] na ocupação de Cerurgião dos feridos hauemos porbem de opremutar p.[a] olugar q̃ vagou por fallecim.[to] do L[do] Fran.[co] da S.[a] com omesmo ordenado, proes, eemmolum.[tos] q̃ teue seu antecessor q̃ assim o ordenamos por esta nossa prouizão emq.[to] não mandarmos oContr.[o] O P.[e] Fran.[co] X.[er] afis em Meza aos sette de Abril de *1738 = oBisconde Thomas da Silva Telles Prouedor = oConde de Pouellide = Dom João de Souza = Simeão daCosta Bayrros = Manoel Ant.[o] de S.Payo = José Gomes Serrão = Tellis Adantta = Manoel Gerr.[ro] Camacho = D. José Gomes deMenezes = Fernando Mrz Freyre* = Prouizão por q̃ V. Ex.[a] e Irmãos da Meza fazem m.[ce] depromutar p.[a] lugar do L.[do] Fran.[co] daS.[a] aoL.[do] Santos Torres como assima se declara P.[a] V. Ex.[a] Ver =

Sentindo-se Santos de Torres velho e cansado, foi aposentado do Hospital em 1748 nos termos seguintes:

Prouizão sobre apozentadoria do L.[do] Santos Torres (2)

OProuedor eIrmãos da Meza da S.[ta] Caza da Miz.[a] desta Cid.[e] de Lx.[a] Hosp.[al] Real de todos os S.[tos] etc. Sendo informados da incapacid.[e] em q̃ se

(1) Livro de Registo Geral N.º 3. Fls. 204. Arquivo dos Hospitais Civis.
(2) Livro de Registo Geral N.º 3. Fls. 263 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

acha oL.do Santos Torres havemos porbem deoapozentar com meyo ordenado doq̃ antigam.te tinha assim em dinhr.o como em trigo ecevada ficando as cazas p.a oq̃ lhe succeder nolugar na forma da rezolução da Junta grande do L.o 6.o dos Acordãos af. *194v*. q.tu assim ordenamos por esta nossa prouizão em q.to não mandarmos o contr.o Bar.meu José de Oliu.ra afez por ordem da meza em o prim.ro de Jan.ro de *1748 = oConde de onhão = P = O Marq.z de Angeja = Jozé de Alm.da Lamego = Jacinto José Fr.co = Domingos Roiz Pinto = Fran.co de Tavora = Fellipe Jozé de Barros* = Provizão por q̃ V. Ex.a emais senhorez da meza são seruidos apozentar ao L.do S.tos de Torres naformaq̃assima sedeclara P.a V. Ex.a ver.

Pouco mais de um ano sobreviveu Santos de Torres à sua aposentação.

Do seu ensino encontram-se traços nos livros de matriculas dos praticantes e deixou-nos prova em um livro que publicou pela primeira vez em 1741, intitulado PROMPTUARIO || PHARMACO, || E || CIRURGICO, || EM QUE SE ACHARA'M LIMITADOS || OS PEZOS, || quantidades, formas e disposições de muitos, e singulares || remedios simples, e compostos, contra as muitas, e || graves, enfermidades, que affligem o corpo humano. M.DXX.XLI. É um pequeno livro *in*-8.º de 160 paginas, não contando a dedicatória à Senhora do Cabo, o proémio ao leitor, as licenças e o índice. Desta obra fez-se uma segunda edição em 1756 na capital.

Com respeito ao objectivo da obra, diz-nos o autor no seu proémio assim: «Supposto não ignoras, que ha annos me entrego no fatigavel uso da faculdade Cirurgica, e que ha que neste Real Hospital de Todos os Santos assisto aos enfermos, cuja cupiosa concurrencia, como he notorio, nos ministra todos os dias diversos casos, diversas enfermidades, e gravissimas queixas, em cuja observação se hão declarado (a favor da mais exacta experiencia) varios remedios, que tem servido aos pobres enfermos de alivio, a quem os applica de estima, e à mesma arte de credito;...» Era portanto um manual de terapêutica da época.

Dividida a obra de Santos de Torres em dezoito capítulos, começa o primeiro «*Em que se mostra a ordem, que se ha de seguir em toda a obra*» por nos dizer: «A ordem pois, que seguirey em toda esta obra, será explicar brevissimamente a enfermidade, de que se offerece tratar, e logo dividindo as intenções segundo os tempos, e causas, que em ela se conheceram, receitarey succintamente o remedio, que se deve applicar, segundo o melhor methodo racional, que se deve seguir.».

O capítulo segundo é consagrado ao estudo *do fleimão e sua cura,* onde aconselha receitas várias das quais destacamos os cosimentos de malvas e violas, a mistura de tormentina lavada com gema de ovo e o oleo de Aparicio, êste como digestivo, e os unguentos com base de enxundia de galinha e de pato e do tutano de vaca.

No capítulo terceiro ocupa-se o autor da erisipela para o tratamento da qual indica a mistura do cosimento de malvas, aguardente camforada e agua de flôr de sabugo.

Seguem-se os capitulos quarto e quinto, o primeiro dedicado ao *edema* e o ultimo ao *scirro.* No sexto capítulo «*Em que se mostra, que cousa seja cabeça, quantos os seus ossos, e quantas as suas comissuras: que logares occupão: e como conhecerão em os casos de fracturas de craneo*», começa assim: «A cabeça he aquele nobre membro, que se acha no logar mais iminente do corpo, como todos sabem:...» Como facilmente se compreende, é um capítulo de anatomia, assim como o capitulo décimo e décimo segundo, um «*Em que se mostra quais sejão as partes, que compoem a cavidade do peito chamada pelos Authores, ventre do meyo*» e outro que se ocupa «*da Anathomia do ventre*».

Segundo a opinião abalisada do professor Serrano, que já lhes fez a devida critica, «A sua anatomia, decerto elementarissima, como elle proprio repetidas vezes declara, remettendo o leitor para os tratados especiais, acha-se inquinada, como toda a obra, de meros lapsos de revisão typographica, que a cada passo se faz mister corrigir, mas não a deturpam crassissimos erros de doutrina e de facto, que tanto deslustram os pesados in-folios do seu contemporaneo João Lopes Correia». (1)

No capitulo sétimo trata o autor «*das feridas contusas de cabeça*» e para a sua cura aconselha os nossos já conhecidos mel rosado e clara de ovo. Nos dois capítulos seguintes trata «*das feridas incisas de cabeça com damno no osso parcialmente*» e «*das feridas de cabeça feitas por instrumento perforante*».

«*Das feridas do peito penetrantes*» se ocupa o capítulo undécimo e «*das feridas do ventre penetrantes*» o décimo terceiro, onde a proposito das feridas do figado e do baço, diz Santos de Torres que, sendo a ferida do abdomem pequena, se trata com mecha molhada em balsamo de Aparicio e passada primeiro por

(1) SERRANO, *loco citato.* Vol. I, pag. LXXXVII.

aguardente e em seguida se fará a sangria, porém se a ferida exterior fôr grande, «muito descomposta», como êle diz, sutura-se na parte alta e na parte baixa trata-se como acima, recomendando que no caso de ferida grande de qualquer destas partes se faça um prognóstico muito reservado «mandando Sacramentar o enfermo, porque assim mostra o Cirurgião não ignorar a essencia da ferida, nem os symptomas, que se lhe podem sobrevir, e como não obrigado a curar todas as enfermidades, mas sim a applicar-lhe os remedios que a Arte lhe ensina : e a seu tempo com o prognostico que faz, se isenta da calumnia, ou vituperio que maliciosamente lhe pódem fazer na cura de semelhantes feridas, que sem duvida são de grande trabalho, e cheas de perigos».

No capítulo XIV trata o autor «*das feridas dos nervos*» e é uma copia fiel de HIDALGO.

«*Em que se trata da cura gallica*» é o titulo do capítulo seguinte. Poucos progressos, para não dizer nenhuns, apresenta. Trata o sifiloma com uma mistura em partes iguais do unguento branco e de pós de Joannes de Vigo. Os bubões são tratados como fleimões e a gonorreia como no século anterior.

«Quando o gallico está cõmunicado ao todo», sangra-se primeiro depois da-se xarope de fumaria e no quarto dia à noite «não andando lubrico do ventre, isto he liso e escorregadio, que he o que significa a palavra lubrico, se lhe mandará neste caso dar uma ajuda», no quinto dia novo purgante de fumaria e sene, e no dia seguinte outra purga de sene, e depois das purgas deve o enfermo «entrar a tomar suores» em estufa todo tapado, só descoberta a cara, e tomando antes de entrar na estufa um xarope sudorifico. Não suando, põem-se-lhe braseiras e o doente ficará uma hora na estufa, depois muito bem coberto vai para a cama e fica ao regime de salsaparrilha durante quarenta dias.

«*Em que se dá huma breve noticia das unturas e a forma com que se deve preparar o enfermo para ellas*» é o titulo do capitulo décimo sexto e sobre o assunto não acusa progresso algum sobre o que se fazia no século XVI e que noutro logar já mostrámos [1].

Só depois de bem purgado o doente e passados dois ou três dias é que se lhe começavam as fricções. Cada fricção levava uma

[1] COSTA SANTOS. O tratamento das boubas do Hospital Real de Todos os Santos em principios do século XVI. Lisboa, 1916.

onça de unguento de mercurio e faziam-se as fricções até o doente babar um quartilho nas vinte e quatro horas.

Na pagina 135 do seu livro, diz o autor: «Isto he o que a experiencia me tem mostrado por mais seguro, e melhor acerto com que no discurso de quarenta annos exercito a Arte de Cirurgia e ha vinte e quatro, que tenho deste exercicio no Hospital Real de Todos os Santos desta Corte, e Cidade de Lisboa:...»

«*Em que se dá uma breve noticia, e fórma de embalsamar os corpos mortos, talvez de novidade para muitos*» é o assunto do capítulo dezasete e termina o livro com o capítulo dezoito «*Em que faço menção de varias receitas particulares, efficacissimas para os achaques, a que são applicadas, como se verão pelos Capitulos porque se declarão as enfermidades, e debaixo de cada huma sua especial receita.*» Como o seu titulo diz, é uma série de receitas para as lombrigas, sezões, belidas dos olhos, para urinar e desfazer a pedra, para secar o leite, dores do estomago e chagas, umas «pirolas para a tosse» e vários cordiais.

Como livro sem pretensões e destinado muito principalmente a auxiliar os praticantes de cirurgia do Hospital é que êle deve ser considerado e sob esse aspecto não merece a critica acerba e violenta que lhe fez Sá Mattos. A obra retrata perfeitamente o ensino da época.

Monravá, anatómico do Hospital

Pela segunda vez no século XVIII se intenta a restauração do estudo da anatomia no Hospital e porque se não encontrasse no país pessoa idonea importou-se de Espanha o catalão Monravá.

A biografia dêste segundo mestre de anatomia do Hospital está feita pelo professor Serrano e com tal precisão de detalhes que não é facil de igualar e é impossivel de exceder. O retrato do doutor D. Antonio de Monravá e Roca feito pelo seu biógrafo nas seguintes linhas é inexcedivel de perfeição: «Não creio que exista, em toda a historia da medicina portugueza, mais extranha individualidade,

desconnexa psychologia, que a d'este personagem grave e ridiculo, sabio e charlatão, descompostamente vaidoso, infatigavel no trabalho, na polemica argucioso, chanceador e insolente, de vivissimo engenho e imaginação encandecida, — o mais irreductivel desprezador de auctoridades, a par do mais charro e ignobil plagiario!» ([1])

Monravá nasceu na vila de Pons, bispado de Urgel, provincia da Catalunha, e teve por pai Francisco de Monravá.

Não concordam bem as datas que cita para a sua idade em vários pontos das suas obras, naturalmente por não querer parecer tão velho como era. Assim, no tomo IV da sua «Novissima Medicina», no tratado proémial e argumento primeiro aos discipulos, diz: «Vinte, e quatro anos ha que estou cõmunicando a todas as minhas insuficiencias, que por tempo de 55. annos antecedentes me custarão de adquirir com bastante trabalho, e suor applicando para isso as minhas mãos, todo o corpo, e potencias intellectuaes, sobre varios fetos pertencentes aos fundamentos da Filosofia, da Anatomia, da Cirurgia, e da Medicina». Ora o volume foi publicado em 1747, menos vinte e quatro é 1723, data em que começou a lecionar, e menos cincoenta e cinco annos é 1668, anno em que deve ter nascido e que concorda com a idade que se atribue Monravá, no tomo III da mesma obra na petição ao Conde de Unhão, dizendo: «E vendo-me já tão adiantado na minha idade de quasi 80. annos acho-me immerito de toda a Merce por agora, e para em diante;» sabido que êste volume apareceu tambem em 1747.

No proémio do «Desterro critico», publicado em 1739, escreve: «Nem tomo a pena pelo motivo de acreditar-me de Erudito. Porque em esta minha idade de 70. anos, já não desejo grangear creditos.» Aqui arredondou a idade, o que não tinha importancia alguma.

Como êle proprio conta em alguns dos seus livros, estudou successivamente em Barcelona, Valencia e, por fim, em Lerida, por onde se doutorou. Ainda interpretando palavras suas, diz o professor Serrano ser provavel que se destinasse primeiramente à vida eclesiastica vindo a tomar ordens menores, o que o não impediu de se casar mais tarde. Quanto a nós, dado o caracter religioso das instituições universitárias da peninsula ainda néssa época o ter tomado ordens menores nada próva, pois era condição de preferencia para a matricula em qualquer faculdade.

([1]) Serrano, *loco citato*. Vol. I, pag. LXXXVII.

Mais declara mestre Monravá que serviu dez anos os hospitais dos exercitos francês e espanhol e nos dez anos que se lhe seguiram fixou residencia em Madrid, onde travou relações com o embaixador de Portugal, Diogo de Mendonça Corte Real, a instancias do qual veio a ser nomeado professor de anatomia no Hospital de Lisboa, em 1721.

A crêr numa passagem da dedicatória da sua obra «Feijoo defendido» (1), só foi admitido ao serviço do Hospital após tres atos de próva perante os médicos e cirurgiões hospitalares. Em todo o caso a provisão seguinte, que o nomeia, é omissa a tal respeito.

PROVIZÃO Q̃ A MEZA DA MIZ.A MANDOU PASSAR AO D.OR D. ANT.O DE MONRAVÁ P.A ANATOMICO DO HOSP.AL REAL (2)

O Provedor e Irmãos da Meza da Caza da S.ta Miz.a destas Cid.es de Lix.a e Hospital de todos os Santos etc. pella boa informação q̃ tivemos da Sciencia do D.or Dom Ant.o de Monravá: Havemos por bem deoprover na occupação de Anatomico do Hospital Real com obrigação de insinar os Praticantes assim pratica como espiculativam.te deq̃ haverá o mesmo ordenado que tinha seu antecessor, proes emolum.os, em q̃ ohouvermos porbem enão mandarmos o Contrario. Rafael Correa afez em Meza 10 de Agosto de *1721* || *Marques Mordomo Mor Provedor* || *P.o Mz.e Cabral* || *D. Fran.co X.er P.a deSouza* || *Amaro Sanchez* || *Joseph Soares Braga* || *Conde de SantaCruz* || *Conde de Atouguia* || *Sylvestre Ribeyro* || *Fran.co da Mota* || E porque V. Ex.a e mais Irmãos da Meza fazem m.ce ao D.or D. Ant.o Monravá de oprover no Lugar de Anatomico do Hosp.al Real. Reg.do no L.o 5.o das provizoys a f.o *122*. Rafael Correa.

O seu ensino oficial, começado em 1722, durou ininterruptamente até 1732, ano em que por um decreto de D. João V foi obrigado a aposentar-se «por ter mostrado a experiencia, que a cadeira de Anatomia estabelecida nesta Corte, que rege o Anatomico Antonio Monravá serve de pouca utilidade pellas rezões que me forão prezentes».

Com efeito o zêlo e a competencia do professor não conseguiram combater a pouca freqüência dos praticantes do hospital à aula

---

(1) MONRAVA E ROCA. A um mismo tiempo Feijoo defendido y Ribera convencido. Antuerpia, 1732.

(2) Livro de Registo Geral N.o 3. Fls. 118. Arquivo dos Hospitais Civis.

de anatomia, porquanto êstes ao matricularem-se tinham mais em vista os seus interesses pecuniários do que uma sólida preparação cirurgica, além de que a aula de anatomia não lhes tinha ainda aguçado a sua pouca curiosidade scientifica.

Era Monravá um homem sabedor e um cirurgião bastante hábil e erudito mas o seu espirito demandista, o seu caracter verrineiro, aliados a uma incomensuravel vaidade, fizeram com que êle sustentasse polémicas várias, criando assim inimizades e antipatias tais que o levaram até a aposentação forçada.

Monravá, verificando logo de começo o estado de decadencia em que se encontrava a cirurgia entre nós, quiz deslumbrar-nos fazendo um compendio de cirurgia em oposição ao de Antonio Ferreira, ainda então muito em voga. Publicou o primeiro volume em 1725 e o segundo em 1728.

Ninguém hoje contesta o valor de Monravá como cirurgião e a atestá-lo está a citada obra mais tarde incluida na sua «Novissima Medicina» em quatro volumes.

Tudo servia a Monravá para contradizer as doutrinas então reinantes, segundo dizia um autor contemporaneo da época; (1) «Não se pódem totalmente expurgar os argumentos, e proposiçoens erroneas de Monravá nesta e outras obras; e basta dizer-mos que elle se deixou levar do seu enthusiasmo opinativo, para contradizer em tudo e por tudo as doutrinas de Ferreira, Almeida, e outros bons Practicos, que então se seguião na praxe e nas liçoens, pelo que olhamos as ditas obras como nocivas, e incorregiveis. Não deixaremos porém de lamentar a guerra civil, que estas doutrinas ateárão entre os Practicantes de huma, e outras Aulas; porque supposto os Mestres Cordatos se rião de Monravá, e os Monravistas erão em mais pequeno numero, com tudo, desasucegavão-se os rapazes, e perturbava-se a attenção do Publico na confusa, e prevertida ordem dos verdadeiros principios d'Arte, que lhes ocasionavão aquelas e outras futilidades, abstracçoens, e puras *questoens de nome*, de donde nascião rixas e desafios etc. Tal era o estado da mocidade Chirurgica do nosso Reyno, quando não sendo elle occulto á vigilancia daquelle grande Rey, tomou a resolução de fazer vir de Italia o prudente, e douto Anatomico Santucci, em quem proveu a Cad. de Anat., aposentando com honesto pretexto ao Estoico Monravá,

(1) Sá Mattos. Bibliotheca elementar chirurgico—anatomica. Porto, 1788.

e dando todas as provas da sua magnanimidade no ordenado que lhe mandou continuar em quanto foy vivo».

Esta seria uma das «rezões que me forão prezentes», conforme dizia o decreto real que o aposentou.

Para bem se avaliar do espirito verrineiro de Monravá basta para aqui trasladar periodos insertos nas suas obras didáticas onde não perdia a ocasião de abrir polémica. Assim, no prólogo do tomo II da «Nueva Cirugia», lá diz: «Tres instrumentos, ò modos de Pelear tengo; la Pluma, la Lengua, y el Bisturion Anatomico. Con la Pluma, responderé a los, que de lexos escribieren Objectiones, con la Lengua satisfaré a los que proposieren Dificultades, Argumentos, Questiones, Dudas, y Preguntas. Y con el Bisturion, manifestaré, en los Cadaveres Humanos, todo aquello que, por escondido, ignoran, en los Cuerpos vivos».

No tomo I da sua «Novissima Medecina», na dedicatória ao rei, diz também o seguinte; «Quem Contra Todos peleja, por Maravilha, póde vencer. Eu, que 23. Annos ha, que vencido cada dia por elles. Mas, que ha, que admirar, se as Armas, e os Militares são muito desiguaes? Elles contra a minha Pessoa. Eu com Razoens da Ciencia contra as suas Oppinioens».

Ainda no tomo II da mesma obra, escreve Monravá, na suplica ao Conde de Unhão para que désse conhecimento da obra ao rei: «Eu que contra tantos adversarios Potentados Principes da Medicina com tanta Guerra intellectual intento conquistar hum novo Mundo Medico debaixo da Vassalagem, e idioma de Portugal. Se por ventura consigo essa gloriosa empressa com as minhas Armas, a saber: palavras, penas, letras, livros e o bisturião anatomico ás cutiladas em cadaveres humanos, e vivos animais brutos, que he o modo, com que sirvo a SUA MAGESTADE, na Cadeira de Anatomia por tempo de vinte, e quatro annos. Se alcanço (como digo) a victoria tão desejada, de muitos, e varios curiosos, me contentarei em premio do meu trabalho, em que a SUA MAGESTADE, se dé por bem servido de mim, e me tenha no sua Amizade, e Graça.»

É, como se vê, ainda da mesma maneira, demandista, que Monravá suplíca a protecção real.

Interessa-nos saber a maneira como Monravá ensinava e é êle mesmo quem nos vai informar do seu método de ensino. Assim, no proémio do tomo I da sua «Nueva Cirugia», diz: «Las Leccione de Cirugia se exercitarán en quatro dias cada semana, y seran, en Lunes, Martes, Jueves, y Viernes, por la tarde, desde las dos horas,

hasta las quatro, em que se escrivirá postila, se darà lecion, se explicarà, se arguirà, y se satisfazerá, y aveces se haran Experimentos, en vivos Animales, divagando por todo lo tocante a la Cirugia, desde lo mas facil hasta la Transmigracion de Enfermedades, y Cirugia Infusoria».

Verifica-se, portanto, que o seu programa de ensino era bom e completo. Não sabemos se Monravá o cumpria à risca. Os despachos que a seguir transcrevemos suscitam-nos duvidas a esse respeito, tal é a falta de confiança na assiduidade aos trabalhos anatómicos que se depreende da sua leitura.

REG.TO DE HUA ORDEM Q̃ MANDOU A MEZA DA MIZ.A SOBRE O ANATHOMICO (1)

Nossos Irmaos off.es da Fazenda do Hosp.al tenhão entendido, q̃ Sua Mag.de por rezolução sua de 30 de julho de *1727* tomada em consulta do cons.o da fazenda de *6* de Julho de *1727* foi seruido ordenar q̃ o Anathomico q̃ hauer de cobrar o ordenado assim da caza da fazenda como q̃ pella Alfandega selhemanda dar há de fazer as Anathomias todas as vezes q̃ pellos off.es daFazenda lhe for mandado e,q̃ sem isso se lhe não passará certidão p̃ hauer o d.o pagam.to e prontam.te q̃ os praticantes q̃ elleensinar não serão obrigados assistir alição mas tambem áoperação das Anathomias ep̃ hauer deserem aprouados p.lo Cerurgião Mor acertidão q̃ o d.o Anathomico lhes passar há deser tambem assinada pelos off.es da Fazenda e q̃ sem isso os não aprouará o d.o Cerurgião Mor, detalsorte q̃ faltando aesta assistençia nossos Irmãos off.es da Fazenda lhes não assinarão as ditas certidões e q̃ p.a sim sem execute nossos Irmãos off.es dafazenda lhofarão saber em Meza *26* de Out.ro de *1727. O Conde D. Fellipe Mascarenhas Prou.or = Dom Afonso de Noronha = Francisco da Costa = João Marques Bacalhão = João Carlos Cezar de Menezes = Bisconde de Barbacena = D. Antonio de Corcamo Lobo = João Gomes Serrão = M.el Luis = Antonio Correa =*

Epor outro despacho da Meza de 26 de 9.ro de 1727 le mandou o seguinte: Nossos Irmãos officiaes da fazenda são conferidas q̃ od.o Anathomico ter a chaue da Caza da anothomia ou atenha em seu poder 7. dias. *Conde D. Fellipe Mascarenhas* || *Prou.or* || *D. Affonso de Noronha* || *Fran.co da Costa* || *José Carlos Cezar de Menezes* || *João Marques Bacalhao* || *Ant.o Guedes P.ra* || *José Gomes Ribeyro* || *Luiz Roiz Palma* || *Joseph. Gomes Serrão* ||

Quanto à doutrina professada por Monravá no seu curso, far-se-há uma pequena idea compulsando a sua primeiro obra: BREVE

(1) Livro de Registo Geral N.o 3. Fls. 148. Arquivo dos Hospitais Civis.

CURSO || DE NUEVA || CIRUGIA, em dois tomos: o primeiro publicado em 1725 e o segundo em 1728.

O primeiro tomo da obra é dividido em três tratados, o primeiro sobre anatomia subdividido em cinco capítulos, o segundo sobre a «Universalidad de la Medico-Cirugia» e o terceiro sobre apostemas em comum e em particular.

O segundo tomo é também dividido em três tratados, o primeiro sobre ulceras, o segundo sobre *heridas* e o terceiro sobre algebra.

Não nos dá novidade nenhuma nêste seu livro Monravá, não vale por isso a pena que nos detenhamos na sua análise tanto mais que logo mais adiante dêle nos ocuparemos novamente quando nos referirmos a outra obra do autor «Novissima medicina», em que êle é incluido.

Monravá, uma vez aposentado e com mais de sessenta anos de idade, começou então uma vida intensa de trabalho intelectual, naturalmente para provar a sua competencia e saber.

Logo no ano em que foi aposentado fez publicar duas obras suas. Uma intitulada «A um mismo tiempo Feijoo defendido y Ribera convencido. Antuerpia, 1732» em que continua a sua antiga polémica contra Soares de Ribera com que já em 1729 enchera dois volumes sob o titulo de «Antiguedad y Ribera impugnados».

A outra obra intitula-se «Academicas oraçoens phisico-anatomico-medico-cirurgicas» e constitui uma série de discursos muito pretenciosos e até ridiculos feitos pelos discipulos da sua «Academia das quatro sciencias» que era uma especie de colegio particular, inventado e mantido por Monravá, onde ensinava medicina, física, cirurgia e anatomia. Mais adiante mostraremos de que maneira era ministrado o ensino nessa nova escola.

Como anterôsto traz esta ultima obra uma gravura grosseira representando a lição de anatomia de Monravá, inspirada porventura no frontispicio do manual de anatomia de Jean Riolan. Esta gravura que vai reproduzida a paginas 212, aparece repetida em várias outras obras do autor, nomeadamente na «Novissima Medícina».

Em 1734, publica Monravá, em Lisboa, a segunda edição do seu trabalho intitulado «Cinco preciosos remedios tirados da mais rica mina e fructuosos campos», que tinha vindo à luz da publicidade pela primeira vez em 1728 no tomo II da «Nueva Cirugia». Basta enumerar quais eram os medicamentos para se concluir sobre o interesse e valia dêste seu trabalho.


Quatuor Scientiarũ
ACademia
Sic Altera Non Visa.
Monr a Va Preside
Medicina
Physica
Cirugia
Anatomia
Disci puli has Omnes
Discuntur,
Idioma Materno,
Sciencias.

O primeiro remédio era o *oleo humano* que estaria indicado nos tumores frios, scirros, gomas, gota serena, catarata, colicas, fistulas e tambem para fazer crescer o cabelo. Deve ser a origem remota duma pequena industria ainda existente no nosso tempo de estudante de medicina e explorada pelos serventes do teatro anatómico.

O segundo remédio era o *espirito de sangue humano*, verdadeira panacea para as doenças nervosas e mentais.

O terceiro remédio era o *craneo humano* «seguro remedio para toda a *Febre maligna...* e para toda a *Febre Ectica,* e para todos *Phtisicos*, e para todos os *Defluxos...*».

O quarto remédio era o *sal humano* com que Monravá fazia um emplastro *Contra rotura*, único no Mundo,

E o quinto remédio era a velha e relha *mumia* com que curava todas as enfermidades que não fossem evacuaveis pelas purgas ou pela sangria.

Em 1737, tendo a Academia Rial de Cirurgia de Paris aberto um concurso de memórias médico-cirurgicas para um prémio anual, Monravá julga indispensavel concorrer com trabalho da sua autoria. Como não fossem considerados merecedores de prémio os trabalhos entregues, repete-se o concurso em 1739 com prémio dobrado e nêle ficam classificados em primeiro lugar Lecat e Lassone, o que indignou profundamente Monravá e fez com que escrevesse uma catilinária contra a Academia de Paris, intitulada «Manifesto da Razam de Queixa», publicada em Lisboa em 1744, e posteriormente incluida no tomo II da sua «Novissima Medicina». Dêste manifesto se publicou ainda em 1752 uma edição espanhola.

Em 1739, Monravá publicou um folheto de 21 paginas com o titulo de «Operações anatomicas e cirurgicas», um verdadeiro jornal médico da sua Academia contendo trabalhos scientificos ali executados. Consta êste numero do periódico de cinco experiencias de fisiologia e patologia experimentais.

A primeira experiencia consiste em abrir o tórax dum cão para observar os movimentos do coração. A segunda teve por fim verificar os vários envolucros do feto para o que se abriu o ventre e o utero duma cadela prenhe. Como se vê, era fisiologia e da boa.

A terceira experiencia tinha por objecto verificar se uma ferida penetrante do ventre com lesão do intestino se podia curar, o que se realizou num cão. A quarta consistiu no exame microscópico duma mosca.

A quinta e ultima experiencia teve por fim averiguar se seriam

curaveis as feridas penetrantes do estomago o que se provou afirmativamente em um cão.

Apesar de tantos defeitos, demonstrava comtudo Monravá uma orientação nova na investigação scientifica com a qual procurava levantar o nível do ensino da cirurgia.

Todas estas experiencias são mais tarde novamente publicadas na sua «Novissima Medicina».

No final de fevereiro ou no começo de março de 1739 publicou Santucci, sucessor de Monravá no ensino hospitalar da anatomia, a sua *Anatomia* e logo em trinta de março era distribuido às censuras o manuscrito que Monravá redigira com a crítica a essa obra, intitulado «Desterro critico das falsas anatomias que hum anatomico novo deu á luz em Lisboa, neste presente anno de 1739».

É, como se pode calcular uma obra de polémica viva em que tudo quanto Santucci escreveu é passado à fieira duma crítica acerada e apaixonada. Nas trezentas e tantas paginas de crítica à «Anatomia» de Santucci, Monravá dá largas ao seu espirito verrineiro e à má vontade contra o seu sucessor, apesar de no prólogo dizer que o não queria melindrar pois dêle não tinha recebido ofensa alguma, acrescentando mesmo que o mundo podia esperar dêle, Santucci, pela sua muita aplicação uma autoridade que agora não era pelos seus poucos anos. Mais adiante, apezar da paixão que põe no seu trabalho de crítica, Monravá confessa o merecimento de Santucci.

Monravá começa a obra em forma de conversa, entre três pessoas: o doutor, o discípulo e o recopildaor. O discípulo dá-lhe noticia da publicação do livro novo de Santucci e vai-lhe lendo vários trechos que o doutor comenta a seu belo prazer.

Das impugnações feitas a Santucci muitas são injustas, mas algumas vezes são com fundamento as críticas.

O professor Serrano. que percorreu uma a uma essas impugnações e que não póde ser classificado de benévolo para com Monravá, termina o seu exame ao «Desterro critico» com o seguinte periodo. «Por ultimo direi, porque a verdade o exige que ás vezes Monravá — se bem que raramente — critica acertado, como quando nega a existencia de glandulas, que o peritoneu, segundo Santucci, segregaria os soros das cavidades splanchnicas; como quando contesta, que o ar misturado na boca com os alimentos influa na digestão; como quando se ri do preceito de Santucci, de evitar, por perigoso, ferir o raphe escrotal, nas intervenções cirurgicas, vista a confluencia de vasos néssa linha.»

MANIFESTO
DOS
OCULTOS,
OU NOVO NOCTURNO, E SINGULAR
ESTUDO
DE NOVISSIMA, CERTISSIMA, UNIVERSAL
MEDICINA,
QUE DÆ NA SUA AULA

O D[OR] ANTONIO
DE MONRAVA', E ROCA,
LENTE REGIO JUBILADO DE ANATOMIA do Hospital Real de todos os Santos de Lisboa.



LISBOA:
Na Officina do mesmo AUTOR

Anno M. DCC. XLIII.
Com todas as licenças necessarias.

Sobre o programa e modo de ensino da sua escola a que prom-posamente chamava «Academia das quatro Sciencias» publicou Monravá em 1743 um folheto intitulado «Manifesto dos Ocultos» cujo frontispicio vai reproduzido na pagina 215 e cujo conteúdo, por ser deveras interessante, se traslada a seguir:

Manifesto
dos
Ocultos

Introducçam

Em continuação dos Cursos antecentes desde o anno 1722. repetidos de tres em tres annos, agóra se deu principio ao presente Curso en 10. de Março deste presente anno de 1743. em cujo tempo forão concluidos 7. Cursos, e com este serão 8. *Volente Deo.*

§. I.

Occultos

Estão dentro de hum Aposento 20. Occultos. Consiste cada Occulto em hũa Cadeira, hũa Banca, e hum Candieyro acceso: ao que rodeão quatro cortinas ocludentes a modo de quatro paredes. Dentro de cada Occulto está assentado hum Discipulo, em que em razão da immediata proximidade, todos ouvem qualquer palavra, que cada qual pronuncia; mas ninguem vê a outro, nem a outra cousa, com que possa divertir-se. E do mesmo modo está o Mestre na Fronte do Theatro. Disposição he certamente esta primorosa, para que a vista de varios Objectos não perturbe aos Entendimentos no ouvir das vozes da explicação do Mestre, e das duvidas, e repostas dos mesmos Discipulos.

§ II

Sciencias

Quatro faculdades ao mesmo tempo correm o seu Curso, a saber: *Anatomia, Cirugia, Fisica,* e *Medicina:* todas no especulativo, e no pratico: ao que acrescentaremos a *Botanica.*

§ III

Liçoens

Em tres dias na semana se celebrão as Liçoens, a saber: nas segundas feyras, nas quartas e nas sextas. Da-se principio pelas seis horas da tarde, e se

não dá, fim senão pelas duas horas de Manhãa do outro dia, que são Oito horas de Lição.

Destas Oito horas as duas primeyras são para a *Anatomia.* A primeira hora se gasta estudando até ter decorado a Lição determinada antecedentemente. Na segunda hora se dá a Lição decorada, se explica, se poem duvidas, se responde a ellas, e talvez se faz Anatomia em Corpos vivos, ou em Cadaveres Humanos.

Nas duas horas segundas, a saber: desde as 8. para as 10. se celebra a Lição de *Cirurgia,* com semelhante estilo, a saber: na primeira hora estuda-se com silencio, na segunda hora se dá Lição decorada, se explica, se poem duvidas, se responde a ellas, e tal vez se faz algũa operação Manual de Cirurgia em Caons, ou outros Animais, e su curão as Feridas delles como nos Homens.

Nas duas horas terceiras, a saber: desde as dez para a meya noite trata-se da Fisica, ou Fisiologia tambem estudando na primeira hora, e na segunda dando Lição decorada, se explica, se pòem Argumentos em forma Sylogistica, se responde a ellas, e tal vez se faz algum Experimento Fisico.

Finalmente nas duas horas quartas desde a meya noyte atè às 2. horas da manhãa trabalha-se sobre a Faculdade dos Medicos chamada Medicina: na primeira hora estuda-se a Licão, na segunda se dá decorada, se explica, e se pratica sobre hũa suposta Enfermidade, da mesma sorte que se o Doente estivesse presente. Então chegadas as duas horas da madrugada se dá fim ao Acto.

E logo todos os Discipulos buscão o retiro para dormir ao estilo *Bellico,* e esperar a que appareça a luz do Sol: em cuyo tempo se abrem as portas, e cada qual se vay para sua casa. Parece, que só para estes Discipulos está aquelle Trilhado *Omnis homo naturaliter desiderat scire.* Porque sómente a natural inclinação à Sabeduria póde vencer tão grave trabalho. E o Mestre promete, que cada Discipulo em tres annos ha de saber tanto, como elle sabe, e tal vez mais.

§ IV

Institutos

As Leys instituidas para esse celebre Exercicio são as seguintes.

1. Que o Mestre se obriga a ensinar, instruir aos seus Discipulos tudo quanto ha que saber de ordinario nas quatro ditas Faculdades no especulativo, e no pratico até ficar aptissimos para curar a todo o genero de Enfermidades assim internas como externas, isto he: até perfeitos Cirurgioens, e juntamente Medicos; para cujo trabalho o Mestre espera a remuneração de Deos, e del Rey N. S. póis com isso cuida servir a ambas Magestades, a saber: Divina, e Humana.

2. Que esse celebre Exercicio Intellectual será tão continuado, que por nenhum tempo se darão dias alguns de suetos, salvo no dia do Nascimento de nosso Redemptor.

3. Que a assistencia dos Discipulos em cada Lição ha de ser tão prompta, que quem não chegar ao ponto das seis horas da tarde no Theatro preparado, depois já não terá lugar para entrar: porque já estarão fechadas as portas, que para nenhum se abrirão. E hũa vez entrado qualquer, a nenhum se dará porta para sair até o outro dia já aparecida a Aúrora.

4. Que por todo o tempo das Oito horas do Acto estão prohibidas tres cousas, a saber: o palrar huns com outros, o comer cousa alguma, e o tomar tabaco, mas se lhe dará agoa para beber.

5. Que metidos todos os Discipulos no Conclave, e cada qual no seu Occulto determinado, quando chegão as horas de decorar as liçoens, então estarão as cortinas corridas, ou fechados os Occultos, para que cada qual nada tenha diante dos seus Olhos além das cortinas, e a banca tudo de cor azul para precaver toda diversão.

6. Que no tempo de dar as Liçoens decoradas estarão abertos os Occultos e os Discipulos patentes, para não ter Occasião de fraudar, lendo nos Livros em vez de fallar pela Memoria, e pelo Entendimento.

7. Que no tempo de explicar o Mestre, tambem no tempo de pór duvidas, e Argumentos os Dicipulos, e arguhir huns com outros, hão de estar os Occultos fechados, para que com os Olhos se não divirta o Pensamento, do que se esta falando, e ouvindo.

8. Que no tempo, que se fizerẽ Anatomias, e quando se fizerem Operaçoens Cirurgicas, e Experimentos Fisicos, os Occultos estarão abertos, para que cada qual desde o seu assento perceba com os Olhos o que se pratica com as mãos.

9. Que quem faltar com a sua assistencia em tres Liçoens, será expurgado do exercicio Academico (salvo se fór por Doença) E o mesmo succederá a quem não comprir com todos os Institutos postos.

10. Que por quanto entre os Dicipulos sempre ha alguns menos cuydadosos, se estes fossem perseguidos do Sono no tempo das Oito horas do Acto, para a sua Vigilancia está posto hum Sino em lugar alto no meyo de todos, e bastante grande, que como a Sentinella despertadora dará vozes, de tanto em tanto, pela ordem de dous Dicipulos semanarios, que pegando pela corda puxarão pelo badallo, cujos golpes não pouco retumbão aos Ouvidos dos tentados do sono.

§ V

Classes

Os Dicipulos estão divididos em tres Classes. Os primeyros são os Decurioens, e são 7. os quais por torno de Semanas ajudão ao Mestre a governar a Aula, a saber: nas Operaçoens Manuaes de Cirurgia, Anatomia, e Experimentos Fisicos, e tal vez fazerem-se todas, ou algumas à sua conta. Tambem tomão as Liçoens decoradas, assinão as Liçoens futuras, corrigem os erros, e finalmente cuidão, que se guardem os Institutos postos.

A segunda Classe são chamados de Numero, e são doze, aos quaes os Institutos comprendem indispensavelmente.

A terceira Classe são os Super-numerarios, e serão até doze ou mais, cujos Occultos não estarão dentro do Theatro, mas fóra em outra casa correspondente onde poderão entrar, e sair cada vez que quizerem, e estarão proximos para entrar na Classe de Numero nas primeyras vacantes, e nas ausencias cotidianas.

§ VI

INTENÇAM

Eu, que considero como immensa a Sabedoaia Médica, e a mim muito atrazado nella, procuro meyos incessantemente para aprender Medicina, e entendendo, que não me basta a continua lição dos Livros, nem a continua Observação na Anatomia, na Botanica, e na Praxi, tomey tambem para aprender Medicina, o Exercicio perpetuo de ensinar Medicina. Pois tenho por inconcusso, o Adagio *Quis alios docet, se ipsum docet.*

Os Escolasticos Cirurgicos Tirones, que estão mal contentes dos Rudimentos, e Praxis de Ferreira, e outros Autores; como tambem da Especulativa, e Pratica dos Mestres, que por esses Autores ensinão; desejosos de tirar-se de mil difficuldades, que cada dia se lhe offerecem nas Doutrinas, que vem nos Livros, e que ouvem dos Mestres explicadas. E por outra parte esses mesmos Tirones aspirão ansiosos para penetrar tudo quanto ha que saber na Faculdade de curar a todas as Doenças, até ser perfeitos Medicos, que he circunstancia muito precisa para os que levão a tenção de ser Cirurgioens das Náos, Frotas, e Armadas do Mar, onde não assiste Medico Algum Coimbrense; appellão para a minha Aula, com proposito firme de se esquecer de tudo aquillo, que dos Antigos, e Modernos aprendérão; e então com proposito de estudar novamente pelas minhas Doutrinas dos Meus Livros; suposto, que poucos são os que asobem á esta minha trabalhosa, e elevada Aula. E não ha que admirar. Porque o caminho da Sabedoria Medica (como o da Gloria Eterna) he muito estreito, e muito alto. Porisso os Medicos *multi sunt vocati, pauci vero electi.* Por essa causa, me parece (e assim eu faço) que para gozar de hũa vida Suave, segura, e honrosa deve ser o trabalho do Medico incansavel por toda a sua vida.

§ VII

PRETEXTO

Quem nos tem ajuntado para este curioso Exercicio he o Amor da Sabeduzia. *Congregavit nós in unum Sapientiæ Amor.* Esta sabedoria se divide em duas, a saber: *Positiva, e Negativa.* A primeyra he saber a verdade das cousas Medicas como ella não são em si, ou saber os enganos della.

A primeira se dedica a estabelecer hũa nova Medicina, isto he: reformar a Antiga. A segunda cosiste em saber declarar os erros dos Autores, que escreverão de Medicina, e Cirurgia desde Hyppocrates até o ultimo Escritor, *inclusivé*. Este he o Assumpto desta minha Academia.

Bem sey, que para tão grande Empresa tenho poucos Talentos. Mas anima-me o saber, que Hyppocrates, Galeno Paracelso, Helmoncio, e outros Celebres Homens, que tentárão, e executárão semelhante Empresa não tinhão os seus Orgãos Intellectuaes mais aproximados a sua Alma, do que eu tenho os meus á minha. Nem será grande prodigio o acertar eu, onde todos elles errárão.

§. VIII.

PROJECTO

Eu não fasso pouco mal em pór os meus Pensamentos ao Juyzo de todos os Homens com palavras, com Obras, e com escritos. Porque (que duvida tem) elles poderão julgar os Direitos por Torcidos. Mas a consolação, que tenho he, que já a estas horas esses golpes não me serão dolorosos. Porque pelos muitos, e innumeros semelhantes golpes, que os Idiotas, Necios, e Dolosos me tem dado no tempo de 50 annos por este meu Exercicio de inventar Doutrinas, e correger erros na Medicina, se tem feito callos insensiveis nas feridas. Quem não ha de ser golpeado, indo contra a corrente de todos? Quem não ha de ser tido por Douto, dizendo o que ninguem disse, e fazendo o que ninguem faz?

Quem não ha de ser tratado de Asno, não acontentandose com o que a todos agrada? Quem não ha de ser aborrecido por inutil, não obrando pelas regras de todos? Com todos pois esses Oprobrios sou eu reputado (Oh! Infeliz fortuna) pelos Homens mais Nobres, e mais Sabios desta Terra. Mas porque? Direy *summissa voce*. Os Sabios porque *Figulus Figulum odit*. Os Nobres porque *à Medicis consilium audiunt*. De cujas Injustiças appello ao Tribunal do Tempo.

Estes mesmos Tormentos padecérão, sem duvida, pelo barbarismo da gente todos os Inventores das cousas. As Letras são vituperadas pelos Ignorantes. E porque? Porque a desgraça dos Sabios consiste em que ha poucos Sabios; asim como a felicidade dos Necios consiste em que ha muitos Necios.

Eu tomára de boa vontade a qualquer Archiatro por Juiz desta minha Causa; mas ay! Que de todos desconfio. Porque elles tem por imposivel, que algum Medico possa chegar onde não chegarão os mayores Archiatros Hippocrates, e Galeno. Porisso; *justa illorum omnium suspentione*, appelo para o *Tribunal do Tempo*.

Todos os Apolinos estão mal-contentes comigo: porque eu não sou devoto daquela excelsa virtude de *Juravi in Verba Magistri*. A mim não me parece boa; mas esquecido das Autoridades, estou melhor com a Razão, e a Experiencia. Elles para cubertura do Dolo, explicão, que eu faço opinião (a parte)

toda Paradoxa, a qual por inaudita aborrecem, parecendo-lhes melhora commúa, e trilhada; como se os seus Autores houvessem dado fim á Medecina; e nem hum frouco della houvesse para descubrir!

§. IX.

MATRJCULA

Discipulos da primeira Classe.

O Dr. Jozé de Monravá e Soler,
Manoel Henriques Elvas,
Manoel Jozé Correa,
Jozé Antonio,
João Rodrigues de Oliveyra,
Andre Ferreira,
Thomás de Aquino.

Discipulos de Numero.

Bernardo Lucas da Sylva Rebello,
Antonio Pereira Christovão,
João Alves Ferreira,
Jozé de Oliveyra,
Antonio José Ribeiro Salamão,
Diogo Nunes,
Antonio Francisco Claro,
Silvestre Ribeiro Sarmento,
Vicente de Almeyda,
Francisco Gomes da Cunha,
Bento Rodrigues Castanhiera,
Jozé Luiz Faria.

Supernumerarios.

João Ferreira,
Pedro Monteiro,
Domingos Marques,
João Gonçalves dos Santos,
João de Araujo,
Francisco Nunes,
Antonio Martins,
Antonio Gonsalves dos Santos,
Fransisco Pereyra,
João Antunes Parente,
Caetano Jozé,
Domingos Rodrigues Pereyra.

FIM

Não é êste texto concordante com o que sobre o mesmo assunto publicou Monravá na sua «Novissima Medicina» a paginas 15 do Tomo I no ARGUMENTO X. *Estudo Altissimo de hum Estudo particular,* com o seguinte subtitulo: *Noticia curiosa do novo, e grave Estilo, com que se ensina toda a Materia Scientifica, pertencente à Medicina, na Escola do Doutor D. Antonio de Monravá, e Roca, Lente Regio Jubilado de Anatomia do Hospital Real de todos os Santos de Lisboa, &c. da qual he Presidente, e Fundador, que se começou, em 5 de Janeiro de 1739.*

Segue-se um resumo dos articulados que acabamos de transcrever e termina assim: «Este excellente, e firme modo de ensinar Se continuou por tempo de dous Mezes, com a assistencia de 35. Discipulos, todos bem condicionados; e muito contentes, vendo manifesto o seu adiantamento consideravel nas letras de ambas as quatro Faculdades; suposto o seu trabalho, que não hera pequeno. Quando estando assim gustosissimos todos, veyo-me á noticia, que certo Ministro tomou por delito, que eu tivesse este novo exercicio novamente posto, por causa de entrar expressamente nele o Ensino da Faculdade de Medicina, entendendo elle, que o ensinar Medicina estava reservado á Real Universidade; e assim que para mim estava prohebido, sem expressa licença de elRey N. S. e de aqui tomou resolucão de castigar este (imaginado) delito. Para o que mandou tirar devaça. Mas estando no meyo das deligencias da devaça, tive eu noticia della. E eu temeroso de algum perigo, intentey acomodarme com o Ministro (como se eu fosse delinquente) para o que me apadrinhou o meu Amigo e Senhor Licenciado Manuel Vieira, Cirurgião da Camara de Sua Magestade, por cujo patrocinio fiquey livre da persecução da Justiça, fazendo determinação de largar o tal novo exercicio; e tornar ao antecedente começado no Hospital no principio da residencia da Cadeira».

Uma vez conhecidas as pequenas diferenças existentes nos dois textos do «Manifesto dos Ocultos», está explicada a origem da divergencia de opiniões sobre os *Ocultos* havida entre o professor Serrano e o dr. Bernardino A. Gomes. O professor Serrano só teve conhecimento dos *Ocultos* pelo que dêles escreveu Monravá na «Novissima Medicina» e o dr. Bernardino A. Gomes manuseou o autentico «Manifesto dos Ocultos», folheto hoje rarissimo de encontrar. Ambos tinham, pois, razão. Só Monravá podia produzir afirmações tão divergentes em tão pequeno espaço de tempo. Emquanto que em 1739 afirma ter suspendido os seus cursos para evitar a

justiça e as perseguições, em 1743 declara ter já instruido sete cursos de três anos cada e inaugurar o oitavo em dez de Março *volente Deo,* como se não tivesse havido interrupção ou suspensão alguma. Quando é que êle fala verdade?

Obra de folego e a que melhor póde caracterizar o espirito didático do seu autor, é a que Monravá, já quasi octogenário, faz imprimir de 1744 a 1747. Intitula-se: Do D. MONRAVÁ || NOVISSIMA || MEDICINA || IMPUGNANTE Á NOVA VELHA E || velhissima dos autores Antigos, e Modernos, em quatro || Tomos dividida, || Anno M.DCC.XLIV.

A obra consta de quatro volumes *in*-folio, a duas colunas. É ao mesmo tempo obra didática e de polémica, nela se encontram repetidas muitas das obras anteriormente publicadas pelo autor, algumas das quais modificadas, como já mostrámos para os «Ocultos».

O tomo I da obra ocupa oitocentas paginas e começa pela dedicatória ao rei feita com certa habilidade e terminando por dizer: «*Os 23. Annos que Eu tenho servido a* V. REAL MAGESTADE *na Cadeira de Anatomia ora Residente, ora Jubilado, me tem infundido hum ardente Amor a* V. REAL MAGESTADE. *E este me dá atrevimento para buscar o Maravilhoso Subsidio com essa pequena Offerta desta Obra Medica:* Novissima Medicina, em 4. Tomos dividida, *que humildemente offereço a* V. REAL MAGESTADE».

Consta êste volume de seis tratados com vários apendices. No tratado primeiro ou *prohemial* lá vem nos conselhos aos alunos o modo de ensino; «Que durará o Curso de ambas as Faculdades tres annos: no primeiro se lerá a Theorica, em breve, e no segundo, e terceiro a Pratica de ambos, sem esquecer as Observações manuaes da Cirurgia, e Anatomia. Concluidos os tres annos se começará outro Curso com Discipulos novos, cujo trabalho será depois de impressas estas duas obras mais facil para mim, e para vos outros».

Ainda nêste tratado *prohemial*, nas generalidades sobre medicina e cirurgia, escreve Monravá que quatro «Gremios de Gentes» se puzeram mal com êle: filosofos, anatómicos, cirurgiões e médicos, só pelas coisas inauditas que dizia. Assim, entre outras coisas, os filosofos não lhe perdoavam que afirmasse que as quatro qualidades: calido, frigido, humido, e sêco, não eram primeiras; os anatómicos que êle dissésse «que a Respiração não he necessária para a Vida;» os cirurgiões que êle sustentasse «Que toda a Chaga, e

Ferida digesta, e com materias purulentas, se cura mal com Balsamos, Oleos, Unguentos, e Emprastos» ; e, finalmente, os médicos que êle defendesse «que em toda a Febre não devemos Sangrar».

A seguir ao «Manifesto dos Ocultos», no Argumento XI, erradamente numerado IV, publica os estatutos e o respectivo requerimento de aprovação de uma *Academia cirurgica ulissiponense* que pretendia erigir em Lisboa com colegas seus amigos e admiradores. Monravá informa-nos acerca do fim que teve êste seu projeto : «Foi remitido este Requerimento a informar ; mas foy informado com tal desgraça (para este Povo) que foy despachado negativamente : *Escusado*».

Termina o tratado primeiro com conselhos aos galenistas, isto é, uma série de argumentos a defender as suas ideas.

O tratado segundo é consagrado á anatomia e, como o professor Serrano já demonstrou à evidencia, esta é copiada da «Anatomia completa del hombre» de Martin Martinez, livro de texto adotado no ensino da anatomia em todas as universidades espanholas dessa época, durante quasi um século.

O tratado terceiro ocupa-se da fisiologia e é dividido em sete capítulos dos quais o primeiro sobre generalidades, o segundo sobre fenomenos, que o mesmo é dizer funções, o terceiro trata das partes solidas ou membros, que eram os tecidos e orgãos, o quarto ocupa-se das partes liquidas ou humores do corpo, que eram 26, o quinto dedicado à «quylificação» ou nutrição, o sexto á sanguificação ou conversão do quilo em sangue e o sétimo à filtração.

Começa esta interessante parte da sua obra pelo seguinte introito : SIRVO-TE LEYTOR MEU, EM GRANDE MANEIRA, dando-te a ler este Tratado chamado *Fisiologia*. que he grande parte da Medicina ; pois he o primeiro Fundamento della utilissimo, e necessario, assim para os Cirurgioens. como para os Medicos. Em breve acharás tudo quanto conduz á Medicina, tocando ás cousas Naturaes, que conduzem para á cognição do Homem, no estado natural ; digo *em breve* : porque acharas escusados tres Tratados do estilo Antigo, a saber : *Elementos, Espiritos, e Faculdades,* por nós esquecidos, como a inuteis Materias».

O tratado quarto dedica-se já à patologia mas pelos titulos dos seus vinte e sete capítulos conclui-se que é ainda patologia geral. Assim, os primeiros capítulos ocupam-se da «Exuperancia», cousas não-naturais, dieta, método de curar, «cousas preter-naturaes» ou tudo que é contra natura e portanto prejudicial, evacuação do

sangue e, a êste proposito, pergunta «quantas são as columnas da Medicina Templo de Apolo» respondendo: «Quatro a saber: A Sangria, A Purga, O Absorbente, O Bisturião».

Seguem os capítulos sobre menstrua purgação, hemorragia, evacuação de humores por purgantes, por vomito, por urina, por suor, por salivação, por narizes, por esputo e por insensivel transpiração. Continúa a obra com capítulos sobre «remedios incrassantes, e restringentes contra todo o fluxo de sangue, e humores», sobre a resolução de humores espessos, sobre a «corroboração», sobre a correcção de movimentos excedentes, a «emolição e emoliẽtes», «atenuãtes, incindẽtes, desobstruentes», a «correcção de predominancia», os flatos e os «absorvẽtes». Termina êste tratado com dois capítulos sobre anodinos, narcoticos e venenos, alexifarmacos, besoardicos, contra-venenos e especificos.

O tratado V ocupa-se da semiologia ou arte de prognosticar e compreende capítulos vários sobre sinais, prognósticos pelas funções, pelas partes do corpo, pelos humores, pelos excretos, pelas coisas preter-naturais, e o ultimo sobre «crisis impugnada».

O tratado VI é consagrado aos alimentos divididos em dezeseis capítulos dedicados aos alimentos em comum, bebida, pão, hortaliça, raizes comestiveis, legumes, frutos ortenses, inclúsos e de arvores, condimentos, quadrupedes, miudezas dos animais quadrupedes, liquidos dos quadrupedes, aves, peixe e ar. De notavel só tem a afirmação da pouca necessidade de comer carnes e a propósito das aves o dizer que elas são de facil digestão.

O tomo segundo apareceu em 1745 e compõe-se de seis tratados também. Começa por uma suplica ao Conde de Unhão para que désse conhecimento desta obra ao rei e, comprovando como Monravá tinha em mira voltar a ocupar o lugar de anatómico hospitalar, lá diz: «Mas se por acaso por minha pouca habilidade toda via faltasse alguma parte Medica, para conquistar, suplico a V. Excelencia, que peça a SUA MAGESTADE, seja servido mandar conservar-me na dita Cadeira, para que eu nunca perca a ocasião da minha peleija por todos os dias da minha vida. Porque supposto que esta já chega a 75 annos; mas toda via estou objecto para continuar a mesma Guerra; e com essa continuação cuido, que conseguirey a dita conquista, da qual já agora falta pouco».

O primeiro tratado dêste volume intitula-se «prohemial». O segundo tratado ocupa-se dos apostemas ainda à moda de Galeno. O terceiro tratado é consagrado ás chagas e nêle já se fala da gan-

grena e da necrose ou esfacelo. O quarto tratado fala-nos das feridas e nêle, a propósito das feridas da cabeça, condena a doutrina de Ferreira. O quinto tratado é preenchido pela *algebra*. O sexto tratado dedica-se ao estudo de várias especies de queixas.

O tomo terceiro da obra publicou-se em 1747 e é dividido em quatro tratados: um «prohemial», outro de enfermidades da cabeça, outro de enfermidades do peito e ainda outro de enfermidades do abdomen.

Na petição ao Conde de Unhão que prefacia o volume, diz assim: «Para fazer, que os Medicos, e os Cirurgioens de Lisboa abaixem tres testemunhos, que me tem levantado, a saber: que eu sou Asno, que sou Doudo, e que sou Inutil; Asno no fallar: Doudo no obrar: e Inutil na Républica, em pontos das quatro Ciencias, que professo, e ensino em Aula publica. Ah! que ha 26. annos, que esses testemunhos estão levantados!»

O tomo IV da obra compõe-se de cinco tratados sem dedicatória alguma. O primeiro dos tratados ê tambem «prohemial». O segundo intitula-se «Enfermidades pertencentes a todo o corpo».

O terceiro trata das enfermidades pertencentes às mulheres. O quarto tratado é «prohemial febril» e o quinto ocupa-se de «febres».

Nêste volume só digno de nota há a doutrina defendida pelo seu autor de que os cirurgiões devem saber medicina, coisa de que até ali ninguém se tinha lembrado.

Como matéria nova que não era costume vêr tratada em livros de medicina e cirurgia, ocupa-se Monravá das doenças proprias do sexo feminino e dalguns acidentes da gravidez. Assim, ocupa-se das nauseas e vomitos, tão freqüêntes durante a gravidez, do aborto, das molas, do parto dificil, da retenção de placenta, dos loquios e dos acidentes puerpurais. Monravá ocupa-se ainda de alguns casos graves de distocia.

Em conhecimentos obstetricos levou Monravá também vantagem aos cirurgiões da época, comquanto algumas vezes não sejam de aceitar os seus conselhos.

Por êste curto resumo da obra de Monravá verifica-se que ela marcava rialmente um progresso sobre a cirurgia do tempo.

Do que era a cirurgia em Portugal no tempo de Monravá informa-nos Verney (1) na sua carta XII onde, entre outras coisas,

(1) Verdadeiro metodo de estudar, para ser util á Republica, e á Igreja: proporcionado ao estilo e necessidade de Portugal. Tomo II. Valensa, Ano MDCCXLVI.

escreve: «Passemos à outra parte da Medicina Pratica, que é a Cirurgia: da-qual nam sou eu o que digo a V. P., que se-ignora em Portugal; sam os mesmos Portuguezes, e alguns Cirurgioens, que confessam serem pouco praticos dela. Eles fundam-se neste principio: que os Estrangeiros tem mais pratica, das-operasõens de maons, e mais ligeireza. E com efeito nos-cazos graves, v. g. para cortar perna, ou coiza semelhante; sempre se-chama algum estrangeiro, porque os Portuguezes nam se-arriscam. Cuidam os Portuguezes, que a boa Cirurgia consiste, na maior ligeireza das operasoens: e nam pasam para diante, mas nisto manifestamente se-enganam, e mostram nam intender, que coiza é Medicina. Com efeito os Cirurgioens Portuguezes, quazi todos sam meros sangradores. Sabem dar alguns pontos: e os que sabem mais, e sam posos de ciencia, murmuram alguma coiza, sobre os quatro elementos, ou qualidades ocultas. Porem a verdade é, que a Cirurgia pede outros fundamentos, que eles nam intendem.» Segue o mesmo autor descrevendo-nos as qualidades que deve ter um bom cirurgião, primeiro que tudo ser um bom fisico e saber anatomia.

Referindo-se aos cirurgiões portugueses diz mais: «Mas desta faculdade á grande falta em Portugal: onde intendem, que para ser cirurgiam, basta saber talhar a veia. E ainda nisto á bastante ignorancia: porque os-ensinam a sangrar omens vivos, sem lhe-mostrar primeiro, a dispozisam das-veias nos-cadaveres. De que vem, que estes aprendizes aleijam bastantes doentes, ou lhe-fazem padecer dores incriveis. E observei uma coiza mui galante, que, quando lhe-falam em Anatomia, respondem com uma rizada. Proguntei a alguns barbeiros, que tinham carta de Sangrador, e Cirurgiam, se tinham frequentado a Anatomia: e responderam-me, que alguma vez tinham ido ver um cadaver para satisfazer ao estilo: e contudo iso eram Licenciados. Isto digo na Corte, aonde no-ospital Real, á um Anatomico estrangeiro. Mas se saimos fóra dela, acharemos, que nenhum Cirurgiam vio cadaver aberto: o que sei com toda a certeza. E chamam-se estes, Cirurgioens! e á quem se-meta nas suas maons!»

Ainda sobre o saber dos cirurgiões dêsse tempo, acrescenta Verney: «Eu já lhe-perdoára, que nam fosem Filozofos, e nam soubesem curar por-principios: o que nam poso sofrer é, que nam saibam nada da-Anatomia, sendo esta a parte mais necesaria em um omem, que á-de fazer operasoens de maons. De que vem, que a quem sucede uma desgrasa, e os-chama: se nam é coiza de

pouco cuidado, ou á-de chamar um estrangeiro, ou á-de morrer. E o que acho mais galante é, que separam da-Cirurgia, as suas dependencias; como se-fosem faculdades diversas, e contrarias. v. gr. Deslocou-se um oso do-pé, ou do-braso: nam á Cirurgiam, que saiba curar isto, é necesario recorrer a um omem, a quem, com um vocabulo novo, chamam *Algebrista,* o qual é um tremendisimo ignorante, que com tanto voltar a parte, se nam tem a felicidade de a-comsertar logo, aleja o doente».

Outro testemunho também valioso sobre o papel de Monravá como cirurgião e mestre de cirurgia é-nos dado por Manuel José Leitão ([1]) nas seguintes palavras: «foi quem na Cirurgia abrio os olhos aos Portuguezes, pois antes d'elle não sabião os Cirurgiões desta Nação, mutilar hum membro, nem laquear uma Arteria».

Aos seus habitos de polémica esteril e às suas dilatadas discussões abundantes em sofistica se devem atribuir a má vontade que lhe tem Sá Mattos e a critica acerada do professor Serrano.

Sá Mattos, falando da vinda de Monravá para o Hospital, refere-se a uma projetada reforma das nossas Artes pela seguinte forma: «Porém o certo foy, que todos estes projectos forão mais efficazes no animo do Principe, do que na execução d'aquelles, talvez pelas sinistras razoens, que se pondérão no Compendio Historico da Univ. de Coimbra, e para que as suas Paternaes maximas ficassem de alguma sorte illudidas em tudo, até na escolha do novo Prof. para aquella Cad. lhe sobmetterão, em lugar de hum homem sábio e fecundo de que ella era susceptivel, hum homem cheio d'amor proprio, como o de que vamos a tractar.» ([2])

Mais adiante refere-se Sá Mattos à «Nova Cirurgia» de Monravá nos termos seguintes: «obra que logo no seu Proëmio dá bem a conhecer as frioleiras que contém, e a farfancia de seu A.».

Serrano, criticando Monravá, dá-lhe às mãos ambas, não o poupa e dá largas às suas belissimas qualidades literárias. Já é conhecido o retrato de Monravá feito por Serrano logo no principio da noticia que sobre êle escreveu. ([3]) Logo, um pouco mais adiante, escreve êstes curiosos periodos: «O cerebro de Monravá,

---

([1]) Leitão, Manuel José. Tratado completo de anatomia e cirurgia com um resumo da historia da anatomia e cirurgia, seus progressos e estado d'ella em Portugal, Lisboa, MDCCLXXXVIII.

([2]) Sá Mattos, *loco citato.* Discurso terceiro. Pag. 48.

([3]) Serrano, *loco citato.* Tomo I. Pag. LXXXVIII.

por maior que fosse a sua capacidade, era acanhadissimo para a vaidade que continha. Torturava-o a preocupação de ser o reformador de toda a sciencia medica: *ego et ratio, contra omnium philosophorum ac medicorum torrentem,* chegando a ser delirante a sanha quixotesca, em que arremetia, armado de... syllogismos, contra tudo que tivesse nome, desde Hippocrates e Galeno até aos seus coevos. Conhecia, e blasonava de conhecel-os bem os *novos inventos anatomicos:* a circulação do sangue, os vasos lymphaticos, os succos acido pancreatico, etc., etc., mas era impessoalmente que os acolhia e acatava; nunca Harvey lhe mereceu um encomio e Aselli uma referencia. Odiava a notoriedade de quem quer que fosse. Os antigos — uns embusteiros, os modernos — uns insignificantes, os novissimos — uns tolos. Só n'elle tinha assento a verdadeira sabedoria. *Et sic foris medicinam subverto.* Com semelhante feitio, é bem de crer que as suas prelecções, a egual dos seus livros e dos seus discipulos, fossem um acervo de byzantinas disputas, feridas no ar com retumbante estrondo mas vasias de utilidade, e que de taes alumnos, a poder de embuidos nas logomachias de uma rançosa escholastica, em vez de brotarem praticos modestos para medicar e curar, surdissem enxames de sabbatineiros pataratas, dementados e pedantes, aturdindo o orbe com sandias filaucias. De outra banda, a mordacidade e embofia do destrabelhado catalão em breve lhe acarretaram, de entre os confrades, uma legião de detractores, feridos, a maior parte, na propria pequenez de espiritos tacanhos, outros escandalisados com as irreverencias e aggravos, aos barbaçudos patriarchas do tradicionalismo medico».

A êstes bons pedaços de prosa portuguesa não há personalidade, por mais eminente que seja, que resista.

Quanto a nós, Monravá, apesar dos defeitos imensos de polemista atrabiliario e das suas longas deduções sofisticas, foi o primeiro que no Hospital de Lisboa e fóra dêle procurou encaminhar a cirurgia para uma nova e progressiva direcção com o ensino das modernas doutrinas.

Se é certo que, como anatómico, Monravá é fraco, a verdade é que no ensino da cirurgia ocupa um lugar de destaque pela nova orientação que lhe pretendia imprimir e que só mais tarde com Constancio e seus discípulos definitivamente se instalou.

Santucci lente de Anatomia no Hospital

O decreto aposentando o anatómico Monravá nomeava ao mesmo tempo um outro estrangeiro, desta vez um italiano, Santucci, lente de Anatomia no Hospital, estabelecia-lhe as condições a que havia de satisfazer e tornava obrigatória para os praticantes de cirurgia a freqüência da anatomia.

Eis os termos do decreto e do regulamento da cadeira de anatomia para a regencia da qual Santucci foi nomeado:

REGISTO DO DECRETO DE S. MAG.DE
AFAUOR DO ANATHOMICO BERNARDO
SANTUCCI — DIZ O EMMINDADO —
DECRETO — (1)

Por ter mostrado aexperiencia, que acadeira de Anatomia estabelecida nesta Corte, que rege o Anatomico Antonio Monrauá serue depouca utilidade pellas rezo.es que me foram prezentes: Fui seruido apuzentar aodito Antonio Monrauá; eHey por bem que emquanto assistir nestaCorte logre o mesmo ordenado, e emolumentos, q̃ vencia com a ditta cadeira, posto que não tenha o exerciçio della, com declaração, que atodo o tempo, que selhe ordenar qualquer outros da ditta arte de Anatomia será obrigado aexecutalo, enão ofazendo selhe suspenderão ospagamentos athé noua ordem minha. Epella boa informação que tenho de Sciençia, ecapacidade do Anatomico Bernardo Santucci onomeio para Lente da ditaCadeira, aqual regerá na forma das condições expressadas no papel incluzo assignado pello Secretario de Estado, em quanto eu houuer por bem enão mandar ocontrario. eVencerá em cadahũ anno de ordenado quatroçentos eoitenta mil reis, quelheserão pagos aos quarteis pello rendimento da Alfandega desta çidade, mostrando çertidão, de que está regendo a dita Cadeira; eoutrossim selhe darão em cadahũ anno pello mesmo rendimento da Alfandega çento evinte mil reis p̃ aluguer das cazas, em que viuer, asquais selhe tomarão por Apozentadoria junto do Hospital Real para mais cómodamente possa satisfazer as obrigações da ditta cadeira; Epara que os Praticantes da cerurgia seapliquem comohé precizo ao estudo, epratica da Anatomia sem aqual não podem ser bons cirurgiões; Mando que nenhũ

(1) Livro de Registo Geral N. 3. Fls. 167 verso a 169 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

praticante possa ser aprouado pello cerurgião Mór do Reyno sem que lhe aprezente certidão do ditto Bernardo Santucci, em q̃ a este com juramento, que pello que pertence á Anatomia está capas de exercitar a Cerurgia eanãhũ sepassará a ditta certidão sem que primeiro seja examinado publicamente e nã mesma Aula da Anatomia emereçendo aaprouação pagará ao dito Lente pello trabalho do exame eçertidão mil eduzentos reis. oConselho da Fazenda otenha assim entendido, epella parte, quelhetoca ofará executar. Lisboa occidental a quatro de Fevereiro de mil setecentos e trinta e dous annos—Rubrica de S. Mag.de—.

Desp.o doCons.o da Fazenda

Cumprasse e registesse. Lx.a *15* de Feuer.r de *1732* com tres rubricas—Reg.do af. *198*—P. Alvará a *23* de Mayo de *1732*.

Registo do papel deq fas mensão o Decreto supra de s. Magestade assinado pello Secretario de Estado

Regimento que deue obseruar D.or Bernardo Santucci Lente da Cadeira de Anatomia do Hospital Real de todos os Santos

Primeiram.te será obrigado o ditto Lente aler tres lições publicas em cada semana asaber nas segundas feiras, quartas, e Sextas feiras demanhã não sendo dias Santos depreçeito, enas ditas licões hirá explicando, e demonstrando aestructura do corpo humano, uzo e offiçio decadahũa das suas partes, eaconexão, que tem huas com outras, regulando a materia das lições, e demonstrações, conforme adiferença dos tempos.

Epor que os mezes de Dezembro, e Janeiro são os mais proprios para se abrirem os cadaueres nelles explicará a Anatomia uniuersal principiando as operações pellas oito horas da manhã continuará pella tempo que for necess.o segundo as demonstrações, que forem decorrendo athé ao meio dia explicando com paciencia a dita Anatomia uniuersal atodos os que dezejarem ser informados da preparação que demonstrar; eás dittas lições poderão assistir, alem dos praticantes. Os Medicos, e cerurgiões que quizerem.

Passados outros dous mezes, sendo ainda otempo proporcionado para abrir cadaueres, demonstrarã nas lições dos quatro mezes seguintes hũa Anatomia particular em cada hũa, principiando das outto horas da manhã athé as onze; asaber nos mezes de Feuereiro, e Março fará ver comosemouem as partes; como sechamão todos os musculos, aonde principião eacabão para que se saiba omodo que deve obseruarse em cortar algũa parte dos corpos viventes, fugindo dos erros que comettem, não sabendo como se achão dispostos os musculos.

Nos mezes de Abril e Mayo demonstrará a circulação do sangue, eos luga-

res das veyas, edas arterias, para que instruidos os cerurgiões nestas matterias possam fugir destes vazos, que estão debaixo, quando for preçiso cortar em algũa dasdittas partes, e vitandosse tambem por este modo as emorregias mortaes.

Nos mezes de Junho, e Julho demonstrará todos os neruos, ligamentos, eossos declarando os seus nomes, eomodo por que fazem sustentar o Corpo ese articulações: eno cazo em que se acabem estas demonstrações no mes de Julho, tornará arepitir as lições dos ossos, como couza mais necessaria de saberse para as deslucações fracturas, doutras operações cirurgicas; eno mais tempo do anno incapas, pello muito calor, deseuerem as partes frescas fará as demonstrações nas partes q̃ o dito Anatomico conserva em sua caza incorrupta.

E por q̃ para aproueitamento dos Praticantes, q̃ se pertende não pode bastar que estes oução as ditas Lições, se ao mesmo tempo não fizerem particularm.te algũ estudo sobre as mesmas materias será obrigado oLente ou aparteciparlhes as suas Apostillas para q̃ possão copialas, e estudar por ellas, ou aeleger hũ dos AA. principaes, q̃ escreuerão da Anatomia, oqual hirá explicando nas lições referidas e seguindo as suas doutrinas, para que pello mesmo possão os ditos praticantes fazer os seos estudos; esempre no fim de cadalição declarará amateria, de que ha detratar na seguinte afim de que os Praticantes possão Leuar estudados os mesmos pontos.

Todos que assistirem as referidas Lições e demonstrações publicas estarão attentos e quietos, não interrompendo o Lente com perguntas, ou outro qualquer embaraço, porem omesmo Lente terá o cuidado deregular o tempo emforma que sempre reste liure a ultima hora lectiua para nella satisfazer a algũa duuida queselhe propuzer sobre sobre amateria daLição e conferila com os Praticantes fazendo-lhe aspreguntas, quelheparecer em ordem a que com mayor cuidado se apliquem ao estudo eseposssa saber os que mais aproueitão.

Para o mesmo fim será tambem obrigado o d.º lente adeputar hũa tarde em cada mes, naqual os Praticantes, que elle eleger defenderão suas concluzições publicas efarão as suas demonstrações argumentandolhes outros easmais pessoas, que quizerem concorrer ao dito Acto.

Se algũ Medico, ou Cerurgião quizer ver algũa parte, quelheseja necessario para informarse dequalquer duuida ou regular melhor algũa cura será obrigado o Lente ademonstrarlhes ou publico ou particularmente tudo o que pedirem, não sendo porem em hora occupada com alição effallescendo no Hosp.al Real algũa pessoa que senão saiba ou seduuide de que enfermidade morreu odito Lente será obrigado afazer ver no cadauer tudo o que sedezejar como tambem acurar algũ enfermo do dito Hospital quando for chamado pello Enfermeiro Mór expedir aqualidade da doença não ficando por isso obrigado atomar semana nem as vezitas ordinarias no Hospital.

Os praticantes terão touda attenção ao dito Lente obedecendolhe quando lhes mandar fazer algũas operações para sua utilidade e ensino no q̃ terá grande cuidado parra que os mesmos Praticantes sehabelitem no exercicio pratico desta Arte, sem oqual não basta o estudo especulativo das suas regras.

Ao dito Lente concederá a Mez.ª, ou quem gouernar o Hospital todos os Cadaueres quelhe forem necessarios, eda mesma sorte os dos enforcados, sendolhes precizos para fazer nelles algũas operações. Lx.ª *4* de Feuereiro de *1732* Diogo de Mendonça Corte Real — Reg.do af *198* v. Reg.to dehũaCarta do Secretario de Estado com copia do dito regim.to.

Sua Mag.e me manda remetter a V. S.ª acopia do regim.to pello qual seobrigou D.or Bernardo Santucci areger aCadeira de Anatomia que se estabeleceo nesse Hosp.al e héomesmo S.r seruido q̃ V. S.ª faça copiar o d.º regim.to nos Liuros delle p̃ q̃ se saiba se elle cumpre com as suas obrigações ordenando ao Escriuão da Fazenda, q̃ em cadahũ dos quarteis do anno q̃ se vencem de tres em tres mezes passe certidão de como regeo ad.ª cadeira aqual remeterá á Secretaria de est.º q̃ se lhe passar outra p̃ poder cobrar os seus ordenados Alg.e a V. S.ª Paço *24* do Nou.ro de *1732* Diogo de Mendonça Corte Real. S.r Pedro G.lz da Cam.ra.

Não é abundante a biografia de Santucci. Nasceu em Cortona, ao tempo pequena cidade do grão ducado da Toscana, onde foi batisado a 4 de setembro de 1701. Era filho de gente nobre; seu pai chamava-se Carlos Santucci e sua mãe Maria Galeazze.

Foi aluno laureado da celebre universidade de Bolonha por onde se doutorou em medicina, indo depois para Florença onde freqüentou o grande Hospital de S.ta Maria Nuova para se aprefeiçoar no estudo da anatomia.

Segundo um regulamento (1) que possuimos dêste hospital, funcionava ali uma escola de medicina e cirurgia práticas com oito cadeiras. O objetivo da escola hospitalar era o aprefeiçoamento, principalmente sob o ponto de vista prático, dos médicos fornecendo-lhes a instrução prática e teorica indispensaveis e formar cirurgiões sabedores e especializados.

Nela eram admitidos os praticantes do hospital e indivíduos estranhos ao hospital para aprenderem a cirurgia ou médicos formados pelas universidades. Quando os pretendentes eram muitos, fazia-se a sua escolha por merito e por concurso. Para os estranhos havia um exame de admissão que versava sobre conhecimento de lingua latina, geometria e logica.

As catedras eram as seguintes; Anatomia, Medicina prática, Instituições cirurgicas, Casos práticos de cirurgia, Operações cirurgicas no cadaver, Obstetricia, Botanica e Materia Médica, e Far-

(1) Regolamento del regio arcispedale di Santa Maria Nuova di Firenze. Firenze, MDCCLXXXIII.

macia Quimica. Em 1727 foi inaugurado um novo teatro anatómico onde, porventura, já Santucci trabalhou.

Havia um professor *(lettore)* de Anatomia que era obrigado a dar duas lições por semana, das onze às doze, segundas e quintas, de novembro a junho. Tinha um preparador *(dissettore)* e o curso de anatomia completava-se em dois anos.

Mercê dos conhecimentos e experiencia adquiridos por Santucci na escola do Hospital de S.ta Maria Nuova conquistou fama que o levou até ser médico da princeza da Toscana, Violante Beatriz de Baviera, então viuva. Sob a protecção da princeza veio para Lisboa, em 1730, com cartas de recomendação para o rei D. João V.

Segundo dois seus biógrafos e compatriotas Lombardi ([1]) e Mancini ([2]), o rei, simpatizando com êle, nomeou-o seu anatómico em 1730 e só dois anos depois referendou o decreto mandando-o ensinar anatomia no Hospital.

O professor Serrano, que não lhe regateia elogios, começa assim a sua biografia: «A mais lidima gloria do ensino da anatomia, na escola de Lisboa, é Bernardo Santucci, italiano de nação — «o prudente e douto anatomico», segundo o nomeia Sá Mattos».

Santucci abriu o seu curso em 7 de julho de 1732. O acontecimento teve as honras da publicação nas colunas da *Gazeta de Lisboa* nos seguintes termos: «O Doutor Bernardo Santucci de Toscana, que agora rege a Cadeira de Anatomia no Hospital Real de Todos os Santos fez a sua Prefacção a 7 do presente mez, a 9 a primeira lição demonstrativa e a 11 a segunda, com grande concurso dos Professores das Artes e de hum grande numero de curiosos».

Durante o tempo que esteve em Lisboa, antes de ser nomeado para o Hospital, o novel anatómico, vindo de Bolonha e tendo-se especializado no grande hospital de Florença, devia ter tomado conhecimento dos métodos e processos do seu antecessor e devia ter estranhado a maneira como eram instruidos os praticantes. Foi, porventura, essa sua crítica que influenciou as altas esferas governativas por forma a produzir a aposentação forçada de Monravá.

Como prova do seu ensino, Santucci deixou-nos um livro de que

---

([1]) Lombardi, Augusto. Brevi Cenni Biografici sopra I due Medici Cortonesi Francesco Amandoli e Bernardo Santucci. Cortona, 1891.

([2]) Mancini, Girolano. Il contributo dei cortonesi alla Coltura italiana. Firenze, 1898.

em breve trataremos, e discípulos que muita honra lhe fizeram. Assim, entre os seus alunos contam-se dois lentes de anatomia da Universidade de Coimbra, Caetano Alberto, em quem a nomeação se não tornou efectiva, segundo afirma Leitão, e Santos Gato que regeu a cadeira até se jubilar em 1772, com 21 anos de residencia na Universidade e 18 de lente.

Outros dois alunos de Santucci foram professores de cirurgia no Hospital Real de Todos os Santos e dêles nos ocuparemos a seguir. Outros mais exerceram lugares de destaque dentro da profissão.

Tudo fazia prevêr que desta vez se instalava definitivamente e em moldes novos o ensino da anatomia em Lisboa, o qual nunca mais, desde Guevara no século XVI, tinha criado fundamentos.

Para esse efeito, tinha a Mesa da Misericordia sobre a matricula dos praticantes de anatomia ordenado que se observasse o mesmo regulamento que existia para os praticantes de cirurgia e de sangria, o que se acha registado pela forma seguinte:

REGISTO DEHUA PROPOSTA Q SE FES
A MIZ.A SOBRE AMATRICULA DOS PRATICANTES DE ANATOMIA (1)

Nesta Caza da Fazenda do Hosp.al Real de todos os S.tos Seacha hum Liuro q̃ serue desematricularem todas as pessoas, q̃ entrão nas Enfermarias domesmo Hospital aprender a Cerurgia, Anatomia e Sangria eno mesmo Liuro está lançado hum assento foi feito em primeiro de Julho de 1694 eestá Reg.do no L.º 4 dos Acordãos a f. 113 cujo treslado he o seguinte:

Havendo mostrado aexperiencia os maos effeitos q̃ sesseguem da desordem com q̃ no Hospital Real de todos os S.tos Se admitem sem excepção depessoa todas aquellas q̃ aprendem Cerurgia e ainda o officio de Barbeiro, fazendosse isto sem authoridade nem dependencia dos officiaes da Fazenda deque Resultão prejudicialissim.as consequencias, que a Meza entendeo tinha obrigação de preuinir cem mendar assentou fazer os Capitulos Seguintes q̃ como Regim.to Seguardarão daqui pordiante inviolavelm.te no d.º Hospital em cujos Liuros Se Registará este assento. Abaixo dos quais estão Varios Capitolos entre elles está o Seguinte Não será admetido apraticante de Cerurgia, ou Barbeiro, nenhũ Sogeito, que ao menos deixe de Saber m.to bem ler eescrever deq.al serão examinados pellos seus mestres na presença dos officiaes da Fazenda. E por q̃ no

(1) Livro de Registo Geral N.º 3, Fls. 211 verso a 212. Arquivo dos Hospitais Civis.

tempo emq̃ a Meza determinou estes Capitulos não nos consta q̃ houuece Anatomico. Fazemos prez.te a Meza p.a q̃ nos declare se este Capitolo se deue entender tambem com Anathomico, e com os Seus praticantes: oSr, Prouedor e mais Irmãos da Meza determinarão oq̃ forem Seruidos.

Hosp.al Real 5 de Dez.o de 1738. *Dom João de Souza, Alexandre Candido e Silva* —

Nossos Irmãos officiaes da Fazenda obseruem em tudo o Seu Regimento eas ordens que tem da Meza tendo entendido que com o Anathomico Se há deobseruar em tudo o mesmo, que Seobserua com os Cerurgiões, e mestre da Sangria. Meza 6 de Dez.ro de 1738. Com auzencia do S.r Prou.dor.

O Marquez de Alegrete — Conde João Xavier Telles — Filipe de Souza Villela — João da Maia — José de Soares Braga — Francisco da Silva O Correio Mor.

O certo é que dois meses após esta deliberação da Mesa, era intimado o Hospital a suspender as disecções anatómicas, o que se acha registado pela forma que segue:

REG.TO DE HUA CARTA DO SECRETARIO DO ESTADO MANDOU AO THEZ.RO DESTE HOSP.AL SOBRE AS ANNATHOMIAS. (1)

S. Mag.de he seruido q̃ V. S.a ordene se suspenda as Annathomias q̃ sefazem nesse Hosp.al athé nova ordem. Deos g.de a V. S.a Paço a *6* de Fev.ro de *1739*. S.r D. João de Souza = Ánt.o Guedes Pereyra.

Apesar da justa reclamação que no caso fez Santucci, esta ordem foi confirmada três dias depois, como mostra o seguinte registo:

REGISTO DEHUA CARTA Q VEYO DO SECRETR.O DE ESTADO (2)

Agora me dis o Anatomico Bernardo Santucci que V S.a lhe empedia dar lições aos seos praticantes em vertude do avizo que lhe foi por ordem de S. Mag.de, e como este se deue só entender arespeito defazer a Annathomia nos corpos mortos e não em dar lições na postilla aos d.es pratticantes, me pareceo fazer a V. S.a esta declaração para q̃ lhe não embarace od.o Exerciceo das Lições D.s G.de a V. S.a. Paço 9 de Feve.ro de *1739*. S.r D. João de Souza = Ant.o Guedes Prr.a

Quasi dois séculos volvidos, repetia-se no Hospital a sucpensão das disecções e, ainda para mais, mandadas interromper por quem

(1) Livro de Registo Geral N.o 3. Fls. 212. Arquivo dos Hospitais Civis.
(2) Livro de Registo Geral N. 3. Fls. 212 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

tinha inspirado «a fundação de hũ Theatro de Anatomia no Hospital Real de Lisboa». [1]

Como explicar êste extraordinário retrocesso?

Um escritor quasi contemperaneo da época, Manuel José Leitão, declara o seguinte: «Apozentado este Professor (Monravá) pelos seus serviços, ou pela sua idade, foi posto em seu lugar Bernardo Santuxe, Medico Italiano, que nutrido talvez com as lições sabias dos grandes Anatomicos, que tinha produzido a Italia, como se tem visto no progresso da Historia, ensinou este huma Anatomia mais solida, mais racional, e pratica sobre os Cadaveres; o que não tinha feito o seu Predecessor, e seu Antagonista, o qual não só se atreveo a fazer uma Critica picante ás suas obras, mas ainda lhe suscitou inimigos que levarão as queixas contra Santuxe até aos pés do Trono; as suas culpas não erão outras, que as de fazer bem a sua obrigação: os Cirurgiões, e Medicos que ignoravão a Anatomia se declararão contra elle e chegarão a persuadir ao rei a sua inutilidade: que a sua pratica sobre os Cadaveres fazia morrer a maior parte daquelles que se applicavão a ella: e do alto do Trono foi deitada huma ordem para suspender o ensino pratico desta Sciencia: quem tal dissera que no tempo em que todas as Nações da Europa estávão persuadidas da sua utilidade, fosse banida de Portugal por inutil e desnecessaria! Este Professor disgostozo, e aborrecido do tratamento que recebera, se retirou reformado á sua Patria, talvez rindo-se da ignorancia dos Portuguezes». [2]

Como se vê, esta explicação pouco esclarece o caso. Duas são as versões que correm sobre a origem da suspensão régia das disecções anatómicas.

Querem uns que esta se filiasse em manobras monrávistas. Monravá sempre até o fim da vida, aspirou a desalojar Santucci para ir novamente ocupar a catedra donde tinha sido posto fóra. Para mais, Monravá contava com amizades no Paço que muito o poderiam ajudar nêsse sentido. Uma dessas personalidades era o seu amigo Manoel Vieira, cirurgião-mór dos exércitos e médico da real camara de D. João V. Monravá nunca deixou de lisongear o rei no intuito de lhe conquistar as boas graças que o levariam, um dia talvez, de novo à apetecida catedra.

---

(1) Gomes de Lima, Manoel. O praticante do Hospital Convencido. Dialogo cirurgico sobre a inflamação. Porto, Ano MDCCLVI. *In* Dedicatória.

(2) Leitão, Manuel José, *loco citato*.

Serrano combate esta versão, apesar-de, como já sabemos, na sua crítica à obra de Monravá, o não poupar, dizendo assim: «Considerando o caracter, vaidoso mas honesto, a não vulgar cultura e o zelo scientifico do professor catalão, é devida justiça crel-o incapaz de promover o aniquilamento do ensino anatomico, só para amargurar o seu rival e successor». (1)

A outra versão é a que fundamenta esta desastrada ordem real em manejos jesuiticos. É sabida a preponderancia e é conhecida a liberdade de que gozavam os jesuitas no reinado de D. João V.

Quem lêr o *Compendio Histórico da Universidade de Coimbra* ficará edificado sobre as manobras obscurantistas da famosa Companhia e não poderá deixar de mentalmente ligar certos factos nêle expendidos com a desastrada ordem que vimos discutindo.

Naturalmente, a dessimulação, a arma mais terrivel usada pela seita tenebrosa, teria vibrado o golpe fazendo-o originar na tão falada versatilidade do rei.

Tudo isto está perfeitamente dentro do programa elaborado e prosseguido, havia muito tempo, pela fatal Companhia, para matar á nascença toda e qualquer veleidade de cultura scientifica no país e não custa a acreditar que o mesmo poder oculto, que embaraçava e se opunha à publicação em português das obras de Bacon, impedisse os trabalhos práticos de anatomia.

Admitida como mais provavel esta interferencia jesuitica na sugestão da ordem rial suspendendo as disecções anatómicas, seria interessante saber quem teria sido a pessoa ou pessoas que direta ou indiretamente instigaram o rei à execução de tal ordem.

Uma pessoa aparece lógica e, mais ou menos, justamente apontada. Essa personalidade é o padre Carbone que, tendo vindo para Portugal ensinar matematicas a D. João V, quando ainda principe, nunca mais deixou de manter intimas relações de amizade com o rei. O padre Carbone foi reitor do colegio de Santo Antão e chegou a ser provincial dos jesuitas entre nós. No colegio de S.to Antão, onde mais tarde foi instalado o Hospital citadino, fez construir numa torre, ainda hoje existente, o primeiro observatório astronómico do país. Homem de muito saber e de muitos talentos era temivel como fiel executor das ordens da Companhia.

Santucci, apesar do desgosto que lhe causou a proíbição das

---

(1) SERRANO, *loco citato*. Tomo II, pag. XXII.

disecções anatómicas, continuou ainda a reger durante uns sete ou oito anos, voltando para Italia só em 1747.

Morto D. João V, no desagrado do qual Santucci tinha caído, é-lhe conferido o habito de S. Tiago por D. José em atenção aos relevantes serviços por êle prestados na regencia da cadeira de anatomia do Hospital. Passou-so isto em 1751 quando Santucci já residia novamente em Lisboa.

Santucci volta de novo para Italia e, segundo um dos seus biógrafos, Lombardi, morreu em Florença, sexagenário, em 1764.

A obra anatómica deixada por Santucci é um volume *in*-4.º com 471 paginas numeradas, precedidas de 116 não numeradas com a dedicatória, o prólogo, o privilégio, licenças e dezoito estampas gravadas, o que para o tempo constituia grande novidade.

Tudo leva a crêr que a edição foi abundante, porquanto ainda hoje, quasi duzentos anos passados, não se pode dizer que o livro seja uma raridade bibliográfica.

Intitula-se a obra: ANATOMIA || DO || CORPO HUMANO, || RECOPILADA COM DOUTRINAS || Médicas, Chimicas, Filosoficas Mathemati- || cas, com Indices, e Estampas, represen- || tando todas as partes do corpo humano, || *Dividida em tres livros*,.................. MDCCXXXIX.

Foi esta obra objeto de grandes elogios da parte do ilustre professor Serrano, que sobre ela escreveu: «Sob todos os aspectos por que haja de encarar-se, a *Anatomia do corpo humano*, de Bernardo Santucci, como compendio elementar, publicado em Portugal, é um livro notavel, e a certos respeitos unico entre nós». [1]

O professor Serrano termina a apreciação do livro de Santucci com o seguinte periodo: «Conquanto, porem, a *Anatomia* de Santucci fosse pautada por vicioso plano, a maneira singela, proficiente e lucida, por que em cada capitulo é exposta a doutrina — completa para o tempo, na feição elementar a que visava o auctor — absolve esta obrinha, em cuja testada, o moço anatomico poude sem immodestia, gravar por lemma os dois versos latinos:

> Hoc dissecta libro, longum servare per Evum
> Integra in humano corpore membra docent.» [2]

Infelizmente, foram muito mal empregados todos êstes encómios

(1) SERRANO, *loco citato*. Tomo II, pag. LXXXII.
(2) SERRANO. *Ibidem*, pag. LXXXIX.

à obra e ao seu autor, porquanto êles são justamente devidos ao anatómico belga Verheyen de quem Santucci servilmente copiou e resumiu a sua *Anatomia*.

O dr. Hermano Neves num curioso trabalho (1) publicado sobre o livro de Santucci prova à evidencia que êste plagiou o texto e copiou as gravuras da obra de Verheyen. Á muita amabilidade do autor do artigo e do nosso bom amigo, o ilustre professor de anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, dr. Henrique de Vilhena, devemos o conhecimento do interessante trabalho para a devida citação, o que daqui lhe agradecemos profundamente penhorados.

Verheyen é, como é sabido, um grande anatómico belga, que demonstrou os seus talentos no fim do século XVII, sendo no seu tempo, como professor da universidade de Lovaina, a sua primeira figura.

Combatido por uns e elogiado por outros por causa dos seus trabalhos anatómicos, podemos, porém, seguir, como Broeckx, (2) a opinião abalisada e imparcial de Haller, *qui accorde à Verheyen une grande exactitude dans les descriptions*.

O tratado de anatomia de Verheyen, que veio desalojar o manual de Bartholin da sua quasi universal expansão, foi, segundo Ritter von Töply, (1) no seu tempo o compendio mais em voga na Alemanha até o aparecimento da obra de Heister e era também muito apreciado em Italia, conhecendo-se-lhe até edições napolitanas, o frontispicio duma das quais vai reproduzido a paginas 241.

Possivelmente, Santucci durante o seu estagio no Hospital de Florença, para aprender anatomia, estudou por uma destas edições italianas da obra de Verheyen, a de 1717, porquanto a outra é posterior à sua vinda para Lisboa.

Na opinião do dr. Hermano Neves, Santucci teria composto a sua obra em latim, lingua em que foi publicado o compendio de Verheyen, e linguagem que êle conhecia bem por se ter doutorado na universidade de Bolonha.

---

(1) Neves, Hermano. O livro de Bernardo Santucci, e a «Anatomia Corporis Humani» de Verheyen. *In* Vol. X do *Arquivo de Anatomia e Antropologia*. Lisboa, 1926.

(2) Broeckx. Essai sur l'histoire de la médecine belge avant le XIXe siécle. Bruxelles, 1837.

(3) Ritter von Töpli. Geschichte der Anatomie. *In* Neuburger und Pagel. Handbuch der Geschichte der Medizin. II Band. Jena, 1903.

CORPORIS HUMANI ANATOMIÆ
LIBER PRIMUS

In quo tam Veterum, quàm Recentiorum Anatomicorum inventa, Methodo nova, & intellectu facillima describuntur, ac Tabulis æneis repræsentantur.

AUTHORE

PHILIPPO VERHEYEN

In Universitate Lovaniensi Art. & Med. Doct. Anat. & Chirurg. Professore Regio, & Ordinario.

EDITIO ANTECEDENTIBUS CORRECTIOR,
Ac cum figuris in nitidiori forma excusis.



NEAPOLI)(MDCCXXXIV.
Publica Authoritate.

bot Y.

Como a *Anatomia* de Santucci esteja escrita em bom português, têm-se suscitado controversias sobre qual seria o idioma em que o seu autor teria escrito o original.

O professor Serrano com grande abundancia de argumentos defende a hipotese de Santucci haver redigido em italiano a sua obra que o padre Seguineau traduziu para português, contra a opinião dos professores Sabino Coelho e Maximiano Lemos que afirmam ter Santucci escrito a sua obra em português.

Levar-nos-hia muito longe e fóra do nosso intento a discussão dêstes interessantes pontos de vista.

Voltando ao plágio praticado por Santucci, começou o dr. Hermano Neves pelo confronto das gravuras e sua semelhança e acabou por verificar que o texto era a tradução resumida da obra de Verheyen.

Seguindo com efeito a ordem das materias contidas no livro de Verheyen, começa Santucci por um capítulo de generalidades, seguindo pelo estudo do ventre e visceras nêle contidas, tórax e suas visceras, cabeça e suas partes, passando então ao estudo da osteologia, e terminado pela miologia. No livro de Verheyen, depois da miologia, ainda há um tratado de angeologia que Santucci resumiu e meteu no capítulo do tórax.

Para provar suficientemente o plágio, é bastante pôr em confronto os dois textos dum capítulo ao acaso, como fazemos a seguir:

SANTUCCI	VERHEYEN
Capitulo I	Prœmium
1. O Corpo humano se divide em tronco, membros, ou artus.	Ut verò administratio anatomica optimo ordine ac methodo procedat, dividunt artis Periti totum Corpus humanum, ac pariter illius cadaver, in *Truncum, & Artus.*
2 O tronco he desde o alto da cabeça até as partes pudendas, e virilhas.	Per Truncum intelligunt totum illud, *quod est à summo vertice usque ad pudenda & inguina inclusivè, exceptis brachiis.*
3. Os membros comprehendem os braços, as pernas, e as suas partes annexas.	Per Artus intelligunt Anatomici *Branchia, & Crura* cum annexis.

4. O tronco tem tres cavidades; a superior se chama cabeça a media thorax, que he o vão do peito, a infima abdomen.

In Trunco (capitato) considerari solent tres Ventres... Vocantur hi Ventres secundum situm & ordinem, quem in corpore tenent, *Supremus, Medius, & Infimus...*

5. A cabeça contém o craneo, e o cerebro, e as duas membranas, que involvem o cerebro, às quaes os Gregos chamão meninges.

Supremus Venter est *illa cavitas, qua cranio circumvallatur,* quæque includit cerebrum, & meninges.

6. O thorax he aquella cavidade entre as claviculas, e o diaphragma, que contém o coração, os bofes, o mediastino, e a parte do isofago, e aspera arteria com os seus vasos.

Secundus Venter est *cavitas illa, qua est inter claviculas, & diaphragma:* continetque cor, pulmones, mediastinum, partem œsophagi, & asperæ arteriæ cum eorum vasis.

7. O abdomen he a cavidade, que principia desde o diaphragma até as partes pudendas, ou osso, que chamão os pubes, e o osso a que chamão coccyx; comprehende o ventriculo, ou estomago, os intestinos, o figado, o baço, os rins, e outras partes.

Venter infimus, sive tertius est *cavitas à diaphragmate usque ad os pubis, & coccygis.* Hæc comprehendit ventriculum, intestina, hepar, lienem, aliasque quasdam partes suis locis describendas.

8. A parte anterior da cabeça se chama rosto, ou cara; a parte superior desta he a testa, que em Latim se diz *frons.* A parte superior da cabeça he a moleira, ou synciput, a posterior e inferior he o toutiço, ou occiput. As lateraes se chamão fontes, ou tempora. A parte, que està entre a cabeça, e o thorax, se chama pescoço, ou collum, a parte anterior do pescoço he a garganta, ou jugulum, a parte posterior cachaço, ou cervix.

Horum iterum diversæ partes diversis signantur nominibus; siquidem pars Capitis anterior, quæ in non barbatis glabra est, dicitur, *Facies,* ejusque pars pars anterior A *Frons.* Pars Capitis superior B vocatur *Sinciput;* posterior, & inferior C *Occiput;* laterales D *Tempora.* Pars inter Caput, & Toracem media E F appellatur *Collum,* ejusque pars posterior E *Cervix,* anterior F *Jugulum.*

9. A parte posterior do thorax chamamos costas, ou dorsum, a anterior peyto, as lateraes lados ou ilhargas, e no meyo sobre a espinhela està o que em Latim se diz *Scrobiculus cordis.*

Pars posterior Thoracis nominatur *Dorsum;* anterior *Pectus;* laterales simpliciter *Latera;* fossula G in medio *Scrobiculus cordis;...*

10. No abdomen se considerão tres regioens; a primeira, e suprema, se chama epigastrica, a qual acaba dous dedos pouco mais, ou menos sobre o embigo. A segunda, e media, se diz umbilical, que termina abaixo do embigo, dous dedos pouco mais ou menos. A terceira, e inferior às outras, he a que chamão Hypogastrio.

In abdomine statuunt Authores tres regiones 1. 2. 3. quarum suprema 1, vocatur *Epigastrium*, quæ terminatur duos circiter digitos supra *Umbilicum*. Succedit media 2. *umbilicalis* dicta, & definit circiter duos digitos infra umbilicum. Reliqua pars inferior 3. constituit regionem infimam, *Hypogastrium* apellatam

11. As partes do Epigastrio lateraes, e superiores, são os hypocondrios, ou vasios, hum da parte direita, e outro da parte esquerda.

Partes Epigastrii superiores & lateralas H H dicuntur *Hypochondria*, distinguuntur que in *dextrum & sinistrum*.

12. As partes lateraes superiores do Hypogastrio são os vasios, que em Latim chamão *Ilia;* e em Portuguez tambem ilhargas.

Partes Hypogastrii laterales superiores K vocantur *Ilia ;*

13. As partes, que estão sobre as genitaes, e nos adultos se cobrem de lanugem, e cabellos, chamão os Latinos *Pubis partes*.

& pars ejusdem infima immediatè supra genitalia. quæ lanugine, aut pilis tegitur I. *Pubis :*

14. As partes lateraes inferiores das mesmas genitaes chamão-se virilhas, ou inguina.

Partes juxta pudenda in flexu femoris laterales M nominantur *Inguina*.

15. As partes posteriores do abdomen, humas são superiores outras inferiores; as superiores se chamão lombos, as inferiores nadegas, ou nates.

Inter partes posteriores abdominis superior N *Lumbos*, inferior o *Nates* constituit.

16. Os membros superiores se dividem em braços, e mãos. O braço em hombro, e cotovello. Entre este, e a mão està o collo da mão ou munheca, a que tambem chamão carpo, a que se segue a parte da mão atè os dedos, que os Gregos chamão metacarpo, a sua parte interior se chama palma da mão, a exterior, costa da mão. Os

Artus superiores, quos Anatomici simpliciter *Manus* appellant, dividuntur in *Brachium*, & *Manum strictè dictam*, sive *extremam*. Brachium rursus secatur in *Humerum*, seu *Brachium* stricte sumptum, & *Cubitum*. Artus superiores terminant digiti utrimque, quorum primus, qui crassissimus est, & extra ordinem locatus.

dedos são cinco. Polegar, index, ou mostrador, o do meyo, o anular, o auricular, ou meminho, ou minimo.

Pollex dicitur, quia multum *pollet* viribus. Secundus *Index, & Demonstrator,* quoniam illo in demonstrando utimur, Tertius *Impudicus,* quia propter longitudinem in quibusdam casibus imponitur locis sordidis. Quartus *Annularis,* quod annulo præ cæteris ornari soleat. Quintus *Auricularis,* quia cum minimus sit auribus expurgandis est aptissimus.

17. Os membros inferiores se dividem em coxas, pernas, e pès. A coxa he a parte superior do joelho para cima. Do joelho atè o peito do pè he a perna, essa tem anteriormente a canella, e a parte posterior desta, que he a parte mais grossa, e carnosa, he a barriga da perna, que se chama em latim *Sura.*

Artus inferiores, Anatomicis simpliciter *Pedes* dicti, dividuntur in *Crus, & extremum pedem.* Cruris pars superior v usque ad *Gem* u dicitur *Femur:* inferior usque ad tarsum v v *Tibia;* ejusque pars posterior ac crassior u *Sura.*

E assim por diante até o fim do capítulo e do livro. Não merece portanto o livro de Santucci qualquer elogio. E' Verheyen traduzido e resumido e sobre o seu alto valor já está tudo dito.

Se pelo que diz respeito ao seu livro Santucci pouco ou nada influenciou o ensino cirurgico hospitalar, outro tanto se não poderá em boa justiça dizer quando aos discípulos que deixou.

Dois há que particularmente nos interessam pois tiveram primacial influencia no ensino da cirurgia no Hospital.

Antonio Gomes Lourenço se chamou o discípulo de Santucci que maior nomeada alcançou. Nascido de gente humilde, em abril de 1709, num lugar do concelho de Mortagua, muito pequeno ainda foge para Coimbra e daí depois para Lisboa onde segue vida atribulada e porventura interessante, mas de que não reza a história.

Em 1734, com 25 anos de idade, matricula-se na aula de Santucci e em 1739 tira a carta de cirurgião.

Cedo começou Gomes Lourenço a servir a Misericordia e o Hospital, como se infere da seguinte petição registada no arquivo hospitalar :

Reg.to de hũa pettição q̃ fez Antº gomesl.º (1)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Diz Ant.º Gomes Lourenço aprovado em cerurgia enathomia prattica eexpiculattiva como consta de suas cartas q̃ se achão nesta S.ta Caza q̃ elle supp.te ha quazi doze annos tem ceruido de cerurgião das vezitas desta S.ta Caza com aquelle lemittado ordenado ea emfermaria do Limoeiro tres annos sem estipendio algum eo Hosp.al por varias vezes nos empedim.tos de Pedro de Arvellos, e Santos de Torres, e agora actualmente está cervindo oditto Hosp.al desde oprincipio de out.º de *1747* por Santos Torres estar intrevado eapozentado tendo osupp.te hu gravissemo trabalho com ocurativo dos feridos etodas as mulheres feridas fazendo todas operações precizas assestindo atodas as juntas satisfazendo a tudo comasatisfação e promptidão q̃ he nottorio eatestão as certidoes einformações q̃ se achão nesta S.ta Caza eneste emprego oSupp.te gasta muito tempo de sorte q̃ havendo qualquer junta perde toda amenha outarde e assistencia dos seus emfermos particulares no q.al Supp.te tem recebido m.ta consideravel perda esem q̃ athégora recebese estipendio algũ nem ajuda decusto mais do q̃ a Illustre Meza passada Atendendo a justificadas rezoes noprincipio do mez de Julho proximo passado concederlhe o meyo ordenado q̃ fica da apozentadoria de Santos Torres oqual consta de vinte milrs̃ emeyo moyo detrigo, emeyo de cevada em cadahũ an.º com cujo estipendio não pode oSupp.te suprir asua caza ecom ditto trabalho do Hospital pouco mais tempo lhefica p.a se poder valler deoutra agencia não sefaz menos poderão A onão ter osupp.te athégora praticantes para o ajudarem afazer ocurativo dos pobres em cuja parte tem tãobem recebido perda, porq̃ os praticantes nesta dilação sehauião depassar com o mesmo lugar passarão aoutro vallendose ossupp.te mais da sua caridade q̃ tem com os pobres do q̃ dequem Oajude afazer̃ ocuratiuo fazendose assim m.to precizo V, Ex.a eos mais senhores fazerem merce aoSupp.te delhe concederem praticantes p.a melhor ceruir aos pobres. P. a V. Ex.a emais senhores lhe fação m.ce attendendo a oreferido concederlhe ad.a licença p.a poder aceitar pratticantes naforma costumada E. R. M.ce.

Despacho

Ameza concede ao supp.te afaculd.e depoder ter pratticantes. —Meza *10* de Ag.º de 1748 = oConde de Val de Reys = Prov.or = D. Aluero de Noronha = M.el de Tavora = Marq de Louriçal = D. José Gomes de Menezes = M.el Rog.e Ferrão = M.el Jorge de Oliu.ra = Luiz X.er deMiranda Henriq.s = Jacinto Joze Frr.a =

(1) Livro de Registo Geral N.º 3. Fls. 265 a 265 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

Verifica-se, portanto, por êste documento, que Gomes Lourenço começou a servir a Misericordia ainda não tinha oficialmente carta de cirurgião e que em 1747 substituiu, no lugar de cirurgião dos feridos do Hospital, Santos de Torres incapaz de todo para o serviço.

A falta de ajudantes para o serviço dos doentes e ao mesmo tempo o seu amor proprio ferido fizeram com que Gomes Lourenço requeresse para ter praticantes.

Dois anos depois, já então lhe não faltavam os praticantes, é nomeado para a regencia de uma das cadeiras de cirurgia então criadas nos termos que seguem:

REG.TO DEHUA PROUIZÃO DE ANT.O GOMES L.ÇO (1)

O Prouedor e Irmãos da Meza da S.ta Caza da M.a desta Cid.e de Lx.a e Hosp.al Real detodos os S.tos etc. sendo informados da capacid.e de Ant.o Gomes L.ço eq̃ cumprirá com sua obrigação hauemos por bem de o prouer em hua das Cadeyras de Cerurgião q̃ novam.te se erigem na Aulla dod.o Hosp.al Real de todos os S.tos com as obrigações apontadas no extruto q̃ sefez p.a od.o effeito q̃ lhe ceruirá de regim.to de q̃ hauerá de ordenado cento sincoenta mil rs cada an.o Com as Cazas em q̃ viue q̃ tudo na forma refferida ordenamos por esta nossa provim.to diguo provizão em q̃ assim ouuermos porbem enão mandarmos o cont.ro OP.e Fran.co X.er Secret.ro desta S.ta Caza da Miz.a afez Lx.a em Meza 29 de Abril de *1750 = o Conde de Sabugoza P = Mel Tellez da S.a = Fran.co da S.a = D. José Menezes e Tavora = Pedro de Freytas Soares = José de Coutto P.ra = Nicollão Luiz da Silua = Mel Vallente* = Prouizão porq̃ V. Ex.a emais senhores hão porbem prover a Ant.o Gomes L.ço em hua das Cadeiras da Aula do Hosp.al Real detodos os S.tos como asima sedeclara = P.a V. Ex.a ver.

Em 1741 já era examinador de sangria porquanto assim se intitulava na *Arte phlebotomanica* que publicou nêsse anno e cinco anos mais tarde no seu *Exame de Sangradores,* tudo obras destinadas a auxiliar os praticantes de sangria.

A obra de que Gomes Lourenço mais se envaidecia era a *Cirurgia classica* cuja primeira parte se publicou em 1754 e a segunda em 1761. Nesta obra já Gomes Lourenço aparece com os

---

(1) Livro de Registo Geral N.o 3. Fls. 268 verso a 269. Arquivo dos Hospitais Civis.

títulos de cirurgião do Hospital, professor de cirurgia, cirurgião do hospital da ordem terceira de S. Francisco e do rial convento de *Corpus Christi* e familiar do santo ofício.

A obra cirurgica de Gomes Lourenço intitula-se na sua primeira parte: CIRURGIA || CLASSICA, LUSITANA, || ANATOMICA, || FARMACEUTICA, MEDICA, || A mais moderna...... Lisboa, Ano M.DCC.LIV. Constitui um volume *in*-4.º de 218 paginas numeradas, afora 22 não numeradas, com a dedicatória, o prólogo, as licenças, e o índice.

O livro é dividido em três partes, a primeira intitula-se *do Universal da Cirurgia,* a segunda *do Geral dos Apostemas* e a terceira *Dos Apostemas em particular.* O texto é escrito em forma dialogal e segundo os moldes da *Cirurgia* de Antonio Ferreira.

No prólogo da segunda parte da sua obra, Gomes Lourenço diz: «... Para melhor perfeição, e clara idéa de huma *Classe Cirurgica* bem perceptivel, ainda que resumida, examinei as fórmas classicas de outros Reinos: e não encontrei melhor frase, nem estilo de melhor organisação nesta parte, do que a do nosso Antonio Ferreira Português, mas na precizão de maior correcção, e refórma em toda a materia;...»

Mais adiante escreve Gomes Lourenço ainda no prólogo: «Chama-se com muita razão classico, e erudito aquele grande mestre, porque organizou bem a sua obra; mas foi naquelle tempo, em que não havia, exercicio algum, nem uso da *Anatomia,* fundamento essencialissimo para a faculdade Cirurgica:...»

O indice desta segunda parte da obra compreende o livro IV que trata *da anatomia,* o V *do geral das feridas,* o VI *do fluxo do sangue,* o VII *das feridas venenozas, e do veneno,* o VIII *das feridas de pelouro da combustão,* o IX *das feridas e contusoens da cabeça,* o X *das feridas da cara,* o XI *das feridas do peito,* o XII *das feridas do abdomem,* o XIII *das feridas dos Tendoens,* o XIV *das chagas em geral,* o XV *da Algebra, dislocaçoens, e fracturas em geral* e, a fechar, um capítulo sobre o embalsamamento dos cadaveres, ocupando dez paginas.

Pelos titulos dos capítulos verifica-se que a obra não avançava muito sobre a de Ferreira e para o provar basta-nos transcrever o que diz Gomes Lourenço sobre o tratamento das feridas complicadas da cabeça: «Depois de limpa de tudo o que for estranho o que podér, ser se formará com *lechinos, pranchetas, mechas,* ou *tiras de panno* &c. segundo a precizão, e intenção, e qualquer das couzas molhadas em *agua ardente,* ou em *espirito de vinho,* e

bem espremidos ensopados em Balsamo de *aparicio*, ou similhante: e feita aformação se administrarão por sima panos molhados em agua ardente, ou em *espirito de vinho*, ou seccos, e atadura que melhor se ajustar na parte: na segunda cura se ha de *digerir* até a chaga estar *digesta*, e depois se *mundificará*: e havendo couza estranha, ou esfolhiação de osso, se extrahirá, e depois se *encarnará*, e por fim se *cicatrizará*, como se diz nas chagas.»

Sobre feridas de pelouro em resposta a quais são os sinais delas diz Gomes Lourenço: «Dirá o enfermo (ou os circunstantes) que lhe atirarão com *arma de fogo*, e que sentira huma dor, e pancada repentina, e *estrondo* de arma: tambem se conhecerá, porque a ferida será de figura segundo a da *bala redonda, triangular* ou *quadrada*, &c. a cor dos labios da ferida se intumecerá, e fazem alguma couza *lividos*; quando a *bala* penetra de huma parte a outra, o orificio, por onde sahe, he maior do que por onde entra: haverá dores e seguir-se-há *febre*, segundo o damno.»

Nas feridas penetrantes do craneo até o cerebro depois de limpa a ferida «se botará nas feridas das *membranas*, e *cerebro* o *balsamo de aparicio, catholico*, e *espirito* de *termentina*, partes iguais misturado e morno, curando como assima, administrando a bebida *vulneraria*.»

Um progresso se nota — a separação das feridas dos tendões das dos nervos.

Justificando-se o autor de ter incluido um capítulo sobre a *Algebra*, diz assim: «...supposto que havia *erroneo abuzo* de se entregar esta indispensavel parte da *Cirurgia* nas mãos dos *idiotas ferradores*, sem a consideração de que o *objecto* destes he hum *quadrúpede*, e o dos *Cirurgoens* he o *corpo humano*, do qual o *Cirurgião* precizamente ha de saber a sua *composição* de *fluidos, solidos*, e *solidissimos*; e da sua *recta* e *inrecta* composição; e o menos perito *Cirurgião* se deve entender sempre mais sciente, do que o mais prezado *ferrador*, não só para as repoziçoens dos *ossos* mas para os reparos dos *accidentes* que podem sobrevir, e logo ha nas *dislocaçoens*, e *fracturas*. Considero porém sufficientemente desterrado este *abuzo*, depois que meu Mestre *Santucce* nos fês prestar o deliciozo exercicio da *anatomia*, huma das razoens, porque me não detenho nesta censura; e muito mais tenho hoje quem nos restitua á maior perfeição a *Cirurgia*.»

Como se vê, Gomes Lourenço pretendeu substituir a antiquada *Cirurgia* de Antonio Ferreira por um compendio moderno e com

novas doutrinas, mas, apesar de a sua obra vir expurgada, sobretudo em materia terapêutica, de muitas rançosas velharias, no conjunto não se afasta muito das obras de Ferreira e de Antonio da Cruz, marcando assim um retrocesso.

O nosso Sá Mattos já dizia o mesmo, apontando-lhe as vantagens da obra: «...porém estas parciaes, e innegaveis vantagens, que constituem a gloria de Gomes, não satisfazem á falta em que jazemos de humas completas *Instituiçoens Chirurgicas,* nem seria senão fomentar a ignorancia entre os nossos naturaes, quem affirmasse que as suas obras tem tudo o q̃ he indispensavel para formar um verdadeiro Cirurgião.» (1)

Não duvidamos das boas intenções do cirurgião Gomes Lourenço em nos querer dar uma obra moderna, sómente o seu espirito não tendo evolucionado atraiçoou-o. E é assim que nos seus dois volumes de cirurgia e apregoando-se um admirador da anatomia só lhe concede dezasseis paginas.

Quanto a nós, Gomes Lourenço, que muito ajudou os que estudavam a arte de sangrar, foi inferior como mestre de cirurgia.

Pelo que respeita à sua *Cirurgia Classica,* teve êste livro um verdadeiro sucesso de livraria, sendo varias as edições de cada uma das duas partes mas nunca se fez uma edição conjunta dos dois volumes da obra.

Como recompensa dos serviços prestados recebeu Antonio Gomes Lourenço em 1765, o habito de Cristo.

Ensinou pelo menos até 1795, data até onde chega o assento de matricula dos praticantes seus discípulos. Parece ter falecido em 1800 com a bonita idade de 91 anos.

Outro discípulo de Santucci que merece uma referencia especial é Pedro de Arvellos Espinola. Era natural de Lisboa, tendo sido batisado na freguesia da Pena em 14 de fevereiro de 1697. Era filho de um cirurgião natural da Madeira.

Em 1719 Arvellos Espinola obteve carta de cirurgião e logo no ano seguinte entrou para o serviço da Misericordia como sangrador, passando em 1729 a servir como algebrista no Hospital.

Em 1738 foi Arvellos Espinola nomeado cirurgião dos males do Hospital, sucedendo nesse lugar a João de Sousa que passara a cirurgião dos feridos. Começou então a ter praticantes e iniciou o seu ensino.

---

(1) Sá Mattos, *loco citato.* Discurso III, pag. 119.

Em 1743 Arvellos Espinola é nomeado cirurgião de numero da casa rial. Em 1746 é escolhido para cavaleiro fidalgo e em 1747 consegue o ambicionado titulo de familiar do santo oficio.

Na vaga deixada por falecimento de João de Sousa em 1748, Arvellos Espinola é promovido a cirurgião dos feridos do Hospital.

Em 1750 é escolhido Arvellos Espinola para juntamente com Soares Brandão, prestes a alcançar o apogeu da sua nomeada, e Manoel Vieira embalsamarem o cadaver de D. João V.

Ainda no mesmo ano, mas já no reinado de D. José, é nomeado Espinola cirurgião da camara de Sua Magestade e é também da mesma época a sua nomeação para cirurgião-mór dos Exercitos.

Sobre Espinola como cirurgião ou como professor nada pudemos porém apurar.

Dufau, 4.º mestre de Anatomia

Deve-se ao grande Marquez de Pombal a nomeação de Pedro Dufau para mestre de anatomia do Hospital.

O Marquez ao regressar de Viena de Austria, em 1749, como se encontrasse doente e a viagem fosse longa e acidentada, fez-se acompanhar do cirurgião francês Pedro Dufau, qne ao tempo desempenhava as funções de cirurgião-mór do Real Hospital dos Militares de Viena.

Dufau acompanhou o Marquez até Madrid onde ficou, como confirma na dedicatória do seu livro de anatomia ([1]) nas seguintes palavras: «...quando por intervenção de V. EXCELLENCIA obtive a licença de hum anno, que a Imperatriz Rainha me concedeo, e de que me aproveitei, para acompanhar honorificamente a Pessoa de V. EXCELLENCIA na sua jornada até á Corte de Madrid, onde me detive, em quanto V. EXCELLENCIA me não mandou insinuar pas-

([1]) DUFAU, Pedro. Exposição da Anatomia pelo que respeita à Osteologia e a Sarcologia. Lisboa, 1764.

sasse a esta Corte, onde fui acceito da Real clemencia, e generosidade, acreditando aos meus estudos, e as minhas experiencias nas materias de minha profissão com hum Regio Alvará dado em o primeiro de Março de 1750, em o qual me conferio a Cadeira de Anatomia, que estou exercendo.»

A biografia de Dufau já foi feita pelo professor Serrano na sua já repetidas vezes citada história dos professores de anatomia de Lisboa e, mais recentemente, foi completada pelo sr. Augusto de Castro [1], quando com paciencia beneditina escreveu a biografia de Manoel Constancio, a proposito da qual publicou mais alguns interessantes dados biográficos sobre Dufau, mestre e amigo de Constancio.

Nascido em Conchez, comuna do concelho de Pau, no departamento dos Baixos Pirineos, batisado com o nome de Pierre de Jazede, em 1716, substituiu Dufau mais tarde êste nome pelo nome de Pierre Dufau e já no ultimo quartel da vida pelos de Jazede Dufau Daressi e Pierre de Jazede Dufau.

Segundo testemunhas da época, seus compatriotas, aprendeu a arte cirurgica no colegio de Pau tendo-a aí exercido algum tempo, após o que passou para a vizinha Espanha onde serviu no exercito dessa nação, assim como serviu o Imperador da Alemanha e as suas tropas, daí vindo então para Portugal.

Em 1 de março de 1750 era assinado o alvará regio nomeando Dufau professor de anatomia no Hospital. Não conseguimos encontrar registo dêste alvará mas existe o registo da provisão da Mesa da Misericordia concebido nos termos que seguem:

Reg.to da prouizão monciur doufau [2]

OProv.or e Irmãos da Meza da S.ta Caza da Miz.a desta Cidade de Lx.a e Hosp.al Real de todos os S.tos etc. Por sermos informados dasuficiencia e Capacidade M. Pedro Dufau havemos porbem deoprover de Cadeyra de Annathomia q̃ novam.te se erige no Hosp.al Real detodos os S.tos com o ordenado de duzentos mil rs̃ eas obrigações apontadas no extrato q̃ sefez p.a o d.o effeito q̃ lhe ceruirá de regim.to, e assim mais terá caza p.a morar q̃ tudo na forma

(1) Castro, Augusto de. Manoel Constancio. O Pareo portuguez. *In Arquivos de Historia da Medicina Portuguesa*. Porto, 1918.

(2) Livro de Registo Geral N.° 3. Fls. 168 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

assima refferida ordenamos por esta nossa provizão em q.to ouvermos porbem enão mandarmos o cont.io Bar.meu Jozé de Oliv.a a fez por desp.o da Meza de 29 de Abril de 1750 — *OConde de Sabugosa P = M.el Telles daS.a = D. José de Menezes e Tavora = Jozé do Couto P.ra = Fran.co da S.a = M.el Vallente = Pedro de Freytas Soares = Nicoláo Luiz da S.a* = Provizão porq̃ V. Ex.a emais senhores da Meza são cervidos prouer na Cad.ra de Aunathomia do Hosp.al Real o Monciur Dufau como assima se declara P.a V. Ex.a ver.

Como é sabido, o Marquez ascendeu ao poder logo após o falecimento do rei D. João V em 31 de Julho de 1750. Logo em seguida mostrou o padrinho não se ter esquecido do seu protegido, pois lhe mandou aumentar os honorários pela forma seguinte, como demonstrou o professor Serrano:

Houve S. Mag.de por bem tendo consideração a se achar nomeado para reger a Cadeira de Anatomia estabelecida no Hospital Real de Todos os Santos desta cidade o Anatomico Pedro de Fau e pela boa informação que tem da sua sciencia de Anatomia e ter mostrado nas curas que tem teito ser perito na arte de Cirurgia: Ha S. Mag.de por bem fazerlhe merce por graça especial e emquanto reger a dita Cadeira e o dito Senhor não mandar o contrario de 480$ reis cada anno, com a obrigação de o servir no que for servido ordenarlhe e os ditos 480$ reis lhe serão pagos aos quarteis pelo rendimento da Alfandega desta Cidade, mostrando certidão de que está regendo a d.a Cadeira e terá o seu vencimento do primeiro de marco deste anno: de que lhe foi passado Alvará a 18 de Setembro de 1750. (1)

Como muito bem diz o professor Serrano ao publicar êste documento: «Quasi de uma assentada, o cirurgião francez achava-se no gozo de mais pingue ordenado (670$ e casas para morar), que o vencido por Santucci.»

Foi ainda nêste mesmo ano de 1750 que Dufau publicou a sua *Osteologia,* pequeno manual em que se tratava da anatomia dos ossos. Ainda na já citada dedicatória do seu livro de anatomia, Dufau dizia: «Prezo-me de ter acrescentado aos ordinarios progressos desta incumbencia a applicação, com que escrevi dous tratados da mesma faculdade: hum de Osteologia, o qual se imprimio no mesmo anno; outro de Myologia, que não chegou a imprimir-se, por se queimar no incendio, que padeceo aquelle Hospital;» é

(1) Registo de mercês d'el-rei D. José, L.o N.o 1. fls 85. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *apud Serrano, loco citato, vol. II, pag. CXXIV.*

evidente a referencia ao incendio que destruiu o hospital em 10 de agosto de 1750.

Três anos não eram ainda passados desde a posse da sua cadeira de anatomia já a Dufau era concedida uma tença de doze mil réis e o inerente habito de Cristo. Por onde se verifica que o padrinho não esquecia o afilhado.

O terramoto de 1755 e conseqüênte incendio vieram acabar de demolir a modesta e imperfeita instalação de anatomia para instrução dos alunos, já damnificada pelo fogo de 1750. Dufau não ficou, porém, ocioso e passou a prestar serviços clinicos numa enfermaria de feridos do Hospital, como provam os seguintes documentos:

Ex.mo Sr. Diz Pedro Dufau Anatomico do Hospital Real de Todos os Santos que elle tem servido no dito Hospital desde o anno de 1750, e continua do mesmo modo com todo o zello e cuidado nos enfermos fazendo e executando todas as diligencias do seu officio declarandoas e pondoas na melhor forma de percepção aos seus discipulos para serem certos nos mais ocultos segredos de Anathomia, e isto continuou até ao anno do terremoto de 1755, o qual fazendo arder o Hospital e fazendo demolir os comodos para continuar o dito exercicio não teve duvida a encarregarse de huma enfermaria dos feridos exercicio distinto da sua obrigação aonde actualmente continúa com o amor dos pobres e zello das suas saudes e nas mesmas enfermarias com licença de V. S.ª tem feito suas anatomias. na prezença de seos discipulos e mais pessoas, e como esta verdade seja notoria e para requerimentos que tem necessita de todo o deferido por attestação ou certidão authentica de V. S.ª de modo que faça fé. E. R. M. «*Como pede. L.ª 2 de Outubro de 1759.*» Com huma rubrica do Sr. Enfermeiro mor. (1)

Êste requerimento teve por despacho o seguinte atestado:

Dom Jorge Francisco Machado de Mendonça Essa Castro Vasconcellos e Magalhães, Enfermeiro Mor e Thezoureiro executor da fazenda do Hosp.al Real de Todos os Santos desta Cidade de Lx.ª etc. Faço saber aos que a presente certidão virem que depois que entrey a servir o lugar de Enferm.º Mor e Thez.º Executor des Hosp.al R.al por Ordem de S. Mag.de achei provido na Cadeira de Anatomia a Pedro Dufaud, o qual por causa de não haver no mesmo H.al aquelle comodo sufficiente p.ª exercitar a sua arte por isso não faz as anatomias naquelles dias como he costume, mas quando se offerece

---

(1) Livro de Registo de Ordens e Editaes do Enferm.º mór D. Jorge de Mendonça. Fls. 47. Arquivo dos Hospitais Civis,

ocazião p.ª as haver, prompta.te exercita o seu logar abrindo e desecando os cadaveres passado aquelle tempo que S. Mag.de manda no seu Regimento, fazendo estas anatomias publicamente diante dos Cirurgiões e mais pessoas que se querem aproveitar das suas liçoens, fazendoas com grande aceitação de todos e incançavel trabalho seu; e tãobem com grande cuidado tem tomado à sua conta huma das enfermarias dos feridos distinto da sua obrigação e nella tem mostrado a sua grande capacidade e sciencia na arte de Cirurgia pelas dificultozas curas que tem feito não só nas muitas amputações de pernas e braços em que tem sido bem sucedido mas tãobem nas muitas chagas e feridas que tem curado, achando sempre nelle huma grande caridade e amor com que trata os pobres enfermos, donde venho a formar o mayor conceito da sua pessoa, tanto de grande anatomico que he, como da arte de cirurgia que exercita e por ser verdade o referido com tudo o que expoem no seu memorial lhe mandei passar a prezente por me ser pedida que por certeza vay por mim assignada e sellada com o sello do d.º Hospital. Lx.ª 10 de 8.bro de 1759. — Dom Jorge Francisco Machado de Mendonça Essa Castro Vasconcellos e Magalhães.

Um pouco posterior mas ainda dêste mesmo ano é o seguinte interessante edital que afixado foi na aula de Anatomia e impresso se acha na obra de anatomia de Dufau. (1)

Dom Jorge Francisco Machado de Mendonça Essa Castro Vasconcellos e Magalhães, Enfermeiro Mór deste Hospital Real de Todos os Santos, e Thesoureiro Executor da sua Fazenda, &c. A Arte da Anatomia he muito necessaria para o desembaraço do bom Medico, Cirurgião, e Sangrador, donde recebem os viventes grande beneficio, ter homens perítos nas faculdades, para se evitar a ruina, e perda das gentes: por este motivo se estabelecêrão Hospitaes, onde os pobres fossem curados, delles sahissem bons práticos para os ricos serem conservados na sua saude, vendose deste estabelecimento tão pio fruto, grande no trabalho, que todos laborão nos mesmos Hospitaes, huns na applicação, e outros nas advertencias, e administrações necessarias, pondo tudo prompto para todo o curativo, e os Senhores Reis deste Reino concorrendo para os do seu mesmo Reino com rendas, honras, e privilegios, em beneficio dos seus vassallos, e ainda para descanço dos peregrinos. E como o lamentavel terremoto do anno de 1755, succedido nesta Corte, e Cidade de Lisboa, fizesse grande impressão no Hospital Real de Todos os Santos, que se demolisse todo, até o presente se fizesse Anatomia, com grande descommodo do Anatomico Pedro do Faut, e dos seus discipulos, por não haver todo o commodo para se poder

(1) Livro de Registo Geral N.º 4. Fls. 62 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

regular, o que se deve observar, para sem confusão de seu Mestre poder este fazer suas demonstrações, e os mesmos discipulos poderem muito bem percebellas, e ainda muitos Cirurgiões de fóra, e de dentro do Hospital, para evitar todo o disturbio, que me consta ha na dita casa novamente destinada para a Anatomia, duas, trez, e mais vezes, que na semana se faz, e esta sempre está prompta com o preciso, e nella os cadaveres, como se pratíca: Ordeno que Paulo José, a quem encarrego ser praticante do dito Pedro do Faut, executará tudo quanto lhe ordenar a respeito de lhes ter casa limpa, e prompta, ir buscar os cadaveres ás enfermarias dos feridos, onde se lhe não poderá pôr dúvida, depois de descarregados no assento da entrada, tendo o dito praticante muito cuidado que assim que seja finda a lição do Anatomico, logo amortalhará o corpo, e todas suas pertenças, pondo-o na casa dos mortos, para se lhe dar sepultura. O mesmo praticante todos os pannos, agua ardente, mortalha, e todo o mais necessario o poderá pedir ao irmão maior Manoel Francisco, a cujo cargo está todo o referido. E porque se deve praticar com os discipulos da Anatomia, chamados praticantes, o mesmo, que se observa com os da Cirurgia, e Sangria, e estes não podem entrar no seu exercicio sem serem primeiro matriculados, fazendo-me requerimento, e petição, como determina o meu edital de 17 de Agosto de 1758, registrado no liv. 4. a fol. 29. do Registro do mesmo Hospital, o qual mando que se observe como nelle se contém, e com as mesmas penas nelle comminadas. E para não haver ignorancia: Ordeno que na Secretaria se extraia huma copia e se fixe na porta da casa da Anatomia. E porque não he a minha tenção prejudicar o exercicio tão louvavel aos praticantes, que de novo forem da Anatomia, dentro de quinze dias da data deste se matricularão; e não mostrando ao praticante na Aula a dita matricula rubricada por mim, o não deixará entrar, o que se deve entender passados os primeiros quinze dias, para dentro delles a mim recorrerem, como assima declaro, recommendando muito a gravidade, e o serio que todos devem estar a hum acto judicioso, não consentindo o Anatomico, como presidente daquella Aula, que haja motim, nem deixando na dita Aula entrar mais que os verdadeiros praticantes, Cirurgiões do Hospital, Mestres de Sangria, Medicos, e todas as mais pessoas de fóra, conhecidas por taes em qualquer das sobreditas faculdades, tomando cada hum seu assento destinado na mesma Aula. E porque a dita Aula he Real: Ordeno que na Secretaria se não leve salario algum aos praticantes de suas matriculas: e o Anatomico Pedro do Faut será fiscal do referido edital, e de me dar parte de sua observancia. O que assim não executar, sendo pessoa de fóra, será estranhada a meu arbitrio; e os da minha jurisdição serão advertidos pela primeira vez, e pela segunda castigados a meu arbitrio. O praticante da casa da Anatomia Paulo José nos dias, que o Anatomico não fizer suas demonstrações, irá auxiliar as enfermarias do Hospital, onde houver maior necessidade, e onde os irmãos maiores o mandarem. O presente edital se registrará no livro, a que toca, na fórma da ordem, que a este respeito tenho estabelecido. Lisboa, dous de Dezembro de mil setecentos e sincoenta e nove.

Por êstes documentos se verifica que Dufau era tido como exemplar no exercicio das suas funções de ensino e no cumprimento dos seus deveres como cirurgião. Dufau correspondia assim á imensa proteção de que gosava nas altas esferas.

No ano seguinte, isto é, em 1760, Dufau reuniu os manuais sobre anatomia que o incendio de 1750 havia destruido, um já impresso — a osteologia, e outro ainda manuscrito — a miologia, e juntando-os agora sobre o titulo de EXPOSIÇÃO DA ANATOMIA, submete-os às censuras para a devida publicidade.

Além desta edição de 1760 teve a «Exposição da Anatomia» uma reedição em 1764. São hoje muito raros os exemplares da *Osteologia* de Dufau de 1750 — os poucos vendidos aos praticantes antes do fogo. Também não são vulgares os exemplares da sua *Anatomia* de 1760 e 1764. Nós só possuimos um exemplar da edição de 1764 da «Exposição da Anatomia», cujo frontispicio vai reproduzido na pagina 258.

Esta obra já foi suficientemente criticada pelo professor Serrano que, apesar de não professar por Dufau uma ilimitada admiração, diz dela o seguinte: «Começarei por dizer que o livro é bem escripto, e que tem methodo, clareza, sobriedade e concisão. Se fora expurgado da chusma de gallicismos repugnantes que o inquinam, era compendio modelo nos assumptos que trata.»

Como já dissémos, trata a obra da osteologia e da miologia por forma bastante geral, tendo-se Dufau socorrido, para não dizer que decalcou, da obra de Winslow.

Começa o autor por escrever sobre a «necessidade de aprender a Anatomia», continuando com a divisão da anatomia e explicando a razão porque se deve começar pela osteologia. Sobre os ossos principia por umas generalidades, seguindo pela descrição «das partes dependentes dos ossos», incluindo nestas o periosteo, ligamentos, cartilagens, medula, etc., continuando com o estudo das articulações e passando a estudar os ossos da cabeça, tronco e extremidades, terminando, finalmente, pelos ossos sesamoideos.

A segunda parte da obra trata da miologia «em fórma de taboada,» diz o autor, acrescentando: «Desta materia tratarei mui brevemente, pois não tenho outro fim mais que instruir unicamente aos que principião a estudar esta sciencia, em que examinarei com exacção as suas partes, quanto me for possivel, persuadindo-me que um resumo della será mais util, do que hum diffuso tratado, que mais seria para confundir do que para ensinar.»

EXPOSIÇÃO
DA
ANATOMIA
PELO QUE RESPEITA A' OSTEOLOGIA,
e á Sarcologia: a Osteologia se divide em quatro partes, a primeira trata dos ossos em geral, a segunda dos ossos da cabeça, a terceira dos ossos do tronco, e a quarta dos ossos das extremidades.
A Sarcologia, ou Myològia dá o conhecimento de todos os Musculos do corpo humano.
Offerecida
AO ILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR
SEBASTIÃO JOSE
DE CARVALHO E MELLO,
Conde de Oeiras, do Conselho de Sua Magestade, Senhor Donatario das Villas do Pombal, Carvalho, e Cercosa, e do Reguengo, e direitos Reaes da de Oeiras, Commendador das Commendas de S. Miguel das trez Minas, e Santa Marinha de Matta de Lobos da Ordem de Christo, e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, &c.
POR
PEDRO DUFAU,
CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM de Christo, Anatomico Regio do Hospital Real de todos os Santos, e antigo Cirurgião nos exercitos Imperiaes, &c.

LISBOA,
Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA, Impressor do Santo Officio. Anno de 1764.
Com as licenças necessarias.

Ao descrever os musculos, Dufau tudo subordina às suas funções, à maneira de Vesalio, fórma já então antiquada.

E' pena que Dufau não tenha feito um compendio de anatomia completo, porquanto pelo estudo das duas partes que publicou faz-se idea de que a fórma sucinta, concisa mas clara, por êle adoptada, devia agradar e calar no espirito dos praticantes da época, discipulos de letras muito grossas.

Quanto à fórma da obra de Dufau ainda diremos que abundam nela os galicismos. Assim, chama *artelhos* aos dedos dos pés, *perioste* ao periosteo, osso *das ilhas* por osso das ilhargas, *nas costas* por aos lados (infeliz tradução de *aux côtés), silhões* por sulcos, *mentão* por mento, e tantos outros.

Em 1764, só com 14 anos de exercicio da regencia do curso de anatomia e 48 de idade, Pedro Dufau conseguiu jubilar-se com os seus vencimentos por inteiro. Por aqui se vê que a proteção não tinha fraquejado. Eis como está registado o respectivo decreto:

Sua Magestade pello Decreto da Copia incluza foy servido haver por jubilado a Pedro Dufau Lente da Anathomia do Hospital Real de todos os Santos, attendendo as molestias com que se acha para continuar na assistencia do mesmo Hospital, econservandolhe o Ordenado de quatro centos eoutenta mil reis que mandava entregarlhe pella Alfandega desta cidade: E hê o mesmo Senhor servido que Vossa Senhoria na mesma forma mande satisfazerlhe na conformidade do ditto Decreto, tudo o que selhe dever pello ditto Hospital dos duzentos equarenta mil reis, que Levava na folha delle; e que se lhe continuem da mesma sortte durante asua vida Deos Guarde a Vossa Senhoria Paço avinte seis de Novembro de mil sette centos sessenta e quatro = Conde de Oeiras Senhor Jorge Francisco Machado de Mendonça. Cumprase e registesse como sua Magestade determina Forte de São Pedro de Paço de Arcos vinte sette de Novembro de mil sette centos sessenta e quatro = Com hũa rubrica do Senhor Emfermeyro Mor. = [1]

Copia do Decreto

Attendendo ao que me foy prezente por Pedro Dufaut Lente de Anathomia do Hospital Real de todos os Santos ea acharse com molestias que o inhabilitão para continuar na assistencia do mesmo Hospital depois de haver servido nelle por mais de quatorze annos continuos. Hey por bem haver oditto Pedro Dufau por jubilado, e que vença durante asua vida o Ordenado de

---

[1] Livro de Registo de Ordens e Editaes do Enfermeiro Mór D. Jorge de Mendonça. Fls. 102. Arquivo dos Hospitais Civis.

quatro centos eoittenta mil reis que percebia em cada hũ anno pella Alfandega desta cidade. O Conselho da Fazenda otenha assim entendido, efaça Executar. Palacio de Nossa Senhora de Ajuda avinte e cinco de Junho de mil settecentos sessenta e quatro = Com hũa rubrica de Sua Magestade.

Sua Magestade manda remetter a Vossa Senhoria as duas copias incluzas assignadas por João Baptista de Araujo Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos dos Decretos e condiçõens a ellas juntas, por que omesmo Senhor foi servido prover a Manoel Constancio para Lente da Aula da Anatomia do Hospital Real de todos os Santos, e a Felipe Jozé de Gouvea para Cirurgião da Enfermaria do mesmo Hospital no Lugar que occupava Pedro Dufau: E ordena Sua Magestade que Vossa Senhoria faça registar nos Livros da Fazenda os sobre dittos Decretos, e Condiçõens, epello que lhe pertencer faça Executar, e observar com amayor Exactidão oque nelles se determina—Deos guarde a Vossa Senhoria Paço avinte sette de Novembro de mil sette centos sessenta equatro = Francisco Xavier de Mendonça Furtado = Senhor Dom Jorge Francisco Machado de Mendonça. Cumprasse e registese comforme Sua Magestade manda Forte de São Pedro de Paço de Arcos vinte nove de Novembro de mil sette centos sessenta e quatro = Com hũa rubrica do Senhor Enfermeyro Mor.

Mas não parou aqui a proteção oficial a Dufau, um ano depois de jubilado é nomeado cirurgião do Real Colegio dos Nobres, que havia sido recentemente criado, e por onde passava a receber mais cento e cincoenta mil reis por ano.

Em 1769, parte para França onde se demora até 1774, ano em que volta a Portugal, só regressando definitivamente a França em 1780 onde faleceu em 1806.

Pelo que respeita à cirurgia hospitalar, não se limitou a intervenção do Marquez de Pombal a nomear Dufau para mestre de anatomia. Logo após o terramoto de 1755, tendo verificado que a Irmandade da Misericordia tinha chegado ao ultimo desleixo e desorganização, nomeou seu Provedor, e portanto do Hospital, o Conde de Vale de Reis, D. Lourenço Filipe de Mendonça e Moura, por decreto de 29 de junho de 1756, o que era contra o estatuido no Compromisso do Misericordia, que mandava proceder a eleição entre os irmãos da confraria para o lugar de Provedor.

Também por indicação do Marquez foi nomeado Enfermeiro-Mór do Hospital, por decreto de julho de 1758, D. Jorge Francisco Machado de Mendonça Eça Castro Vasconcelos e Magalhães, que desempenhou essas ingratas e espinhosas funções até maio de 1766.

Da sua ação a dentro do Hospital reza um livro que intitulou «Breve Memorial» sempre de muito interessante leitura a quem se ocupar da história do Hospital de Lisboa. Já noutro trabalho ([1]) fizemos referencia condigna ao citado livro, onde vêm relatadas quasi todas as medidas que o Enfermeiro-Mór se viu obrigado a tomar para, como vulgarmente se diz, pôr a casa em ordem.

Dando a palavra ao energico e sagaz Enfermeiro-Mór, era como segue o estado a que tinha chegado a cirurgia no Hospital:

«Havia tambem no Hospital tanta desordem nos remedios de Cirurgia para os doentes, por estes estarem em poder dos Enfermeiros, e Ajudantes, que mais se gastava com os furtos dos ditos, e praticantes, que com os mesmos enfermos, e o mesmo succedia com o azeite para allumear as enfermarias; e para evitar esta desordem nomeei hum fiscal com ordenado de dous mil reis por mez, e huma ração para ter cuidado na guarda dos ditos remedios, mandando-lhe fazer hum armario com todas as accommodações, e me tem a experiencia mostrado, pago o lugar, poupar mais de duas partes em unguentos, agua ardente, oleos, panno, fios, e de azeite perto de vinte e quatro cantaros cada anno.»

«Não havia no Hospital instrumento algum de Cirurgia, e quando erão precisos, se pedião emprestados, e quando se não achavão, padecião os enfermos, e hoje com a minha diligencia se acha com alguns proprios, e os mais precisos.»

«Por não haver casa de aceitação dos doentes, e para a visita dos Medicos, e Cirurgiões, mandei fazer casa separada com toda a commodidade, e casa mistica para o Escrivão dos Assentos, e logo casa para o Confessor, e tudo ao pé com porta nas enfermarias para o doente, depois de ser aceito, e logo carregado no assento, como tambem confessado, sem demora, e com todo o commodo ser conduzido para o leito da enfermaria respectiva á sua enfermidade.»

Á já conhecida decadencia da cirurgia vinha juntar-se o descalabro hospitalar. D. Jorge de Mendonça logo no mês seguinte ao da sua posse do lugar de Enfermeiro-Mór providenciou sobre a matricula dos praticantes pela fórma seguinte:

Jorge Francisco Machado de Mendonça Essa Castro Vasconcellos e Magalhães, Enfermeiro Mór, e Tesoureiro Executor da fazenda do Hospital Real de

---

([1]) COSTA SANTOS. Sobre barbeiros sangradores do Hospital de Lisboa. *In Arquivos de Historia da Medicina Portuguesa*. Porto, 1921.

Todos os Santos, &c. Por ser conveniente ao serviço dos pobres enfermos, que neste Hospital se curão, e querer dar a verdadeira ordem, para que os Mestres de Sangria, e Cirurgia em tempo algum se não chamem á ignorancia, sem embargo de terem a obrigação de saberem que os Praticantes, que neste Hospital se admittem por elles, devem ser advertidos dos Capitulos, que são obrigados a cumprir, e não faltarem ás suas respectivas observancias: Mando, que os Praticantes assim de Sangria, como de Cirurgia se não poderão matricular, nem na Secretaria abrir-se-lhes assento, sem despacho meu proferido em petição, para primeiro ser examinado de ler, e escrever, e depois de ser matriculado mostrará certidão de sua matricula ao Porteiro das enfermarias para o admittir ao exercicio do curativo dos pobres doentes, indo na companhia de seus Mestres; e pelo tempo adiante conhecendo os Mestres a capacidade e sciencia dos seus discipulos, e que se achão capazes de certidão de exame na fórma do estylo, os ditos Mestres lhas não passarão sem eu primeiro assim lho ordenar por meu despacho, e o contrario desta ordem quem direitamente a não executar será advertido pela primeira vez, e pela segunda despedido do serviço deste Hospital; e outro sim mando, que dentro de quinze dias todos os sobreditos Praticantes me apresentem suas matriculas para lhas rubricar, e poderem ser admitidos a todo o sobredito. Lisboa Hospital Real 17. de Agosto de 1758 = Com huma rubrica. =

Estas providências foram o prelúdio de outras mais completas, constituindo por assim dizer um novo regulamento do estudo da Cirurgia no Hospital, redigido pela fórma que segue ([1]):

Para melhor clareza das obrigações dos Cirurgiões, Sangradores, e Anatomico a respeito dos seus discipulos, e evitar a desordem sobre a formalidade, que tinhão do seu ensino, e mais no numero delles, ordenei fazer hum livro de registo rubricado por mim com seu encerramento, e no principio se copiárão os Editaes pertencentes a estas faculdades, e dei o modo, e fórma a todo o sobredito, como melhor consta dos Capitulos, que se seguem.

Capitulos, que se devem ler a todo o Praticante de Cirurgia, Sangria, e Anatomia primeiro que seja matriculado, para se conhecer o seu desembaraço de ler, e escrever, e os mesmos conheção a sua obrigação, e como no lugar, que buscão, devem tratar seus Mestres, e seus maiores, e a veneração aos Su-

---

([1]) SEGUNDA PARTE DO MEMORIAL, QUE JORGE FRANCISCO MACHADO DE MENDONÇA ....
Em 18 de Outubro de 1759 dirigio ao ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SENHOR CONDE DE OEIRAS. LISBOA. M.DCC.LXI.

periores do Hospital, observando em tudo as ordens dos Editaes no principio escritos, os quaes lhes serão lidos, e declarados.

I.

Tem a experiencia mostrado, que em qualquer faculdade, tanto de Cirurgia, Sangria, e Anatomia, deve o sogeito ter os melhores principios de ler, e escrever, e não ser admitido a semelhante exercicio sem primeiro ser muito bem examinado.

II.

Devem os sobreditos Praticantes tratarem seus Mestres com todo o respeito, e amor, para que sendo este reciproco, recebão huns, e outros o beneficio de aproveitarem o tempo em que se labora nas Aulas, e resulta da utilidade ao publico, e na mesma Aula estarem com toda a gravidade, e attenção á doutrina, que seus Mestres com seus trabalhos desejão seus discipulos serem perfeitos.

III.

Entrarão nas enfermarias os Praticantes com todo o cuidado em fazerem praticamente o que seus respectivos Mestres lhes mandarem, observando a caridade com o proximo, e lembrando-se muito do amor, com que os devemos curar.

IV.

Não entrarão os Praticantes de Cirurgia, Sangria, e Anatomia nas enfermarias senão juntos com seus Mestres, na fórma, que se dispõe nos Editaes já referidos, e em tudo nelles contheudo observarão com as penas nelles comminadas, e não entrará algum de capote na Aula, e muito menos nas enfermarias.

V.

Abrindo-se o assento de qualquer Praticante, se lhes porá seu nome, onde foi baptizado, os nomes de seus pais, donde são naturaes, se são vivos, ou falecidos, e declarando-se tambem a idade do Praticante.

VI.

Assim que qualquer Praticante for matriculado, será obrigado a tirar certidão da sua matricula, e observando tudo o mais do estylo, dando de propina ao Porteiro da Casa da Fazenda seis vintens, para a Secretaria dois tostões, e para os Santos Cosme, Damião, Sebastião, e Barbara hum cruzado novo; e quando tirarem a certidão, que assima se refere, dará o Praticante doze vintens, como he estylo; porém isto se entenderá sómente nos Praticantes da Cirurgia, e Sangria, mas não nos de Anatomia, que já se tem determinado o que se deve observar.

VII.

Para se matricularem os referidos Praticantes farão sua petição a quem governar o Hospital, que he o Enfermeiro Mór, e não pedirão Mestre positivo, por quanto a Secretaria terá muito cuidado em matricular os Praticantes alternativamente pelos Mestres, para haver igualdade do trabalho, e do lucro, como tambem o numero dos discipulos.

VIII.

Os respectivos Mestres de Cirurgia, e Sangria não poderão trazer na sua pratica nas enfermarias mais de trinta discipulos; e sendo-lhes precisos mais pelo numero dos doentes, farão sua representação ao Enfermeiro Mór para lhes deferir como for razão, e isto se entenderá nas enfermarias dos homens, que nas das mulheres será o numero prefixo do seu Edital. Lisboa 30 de Maio de 1760.

Jorge Francisco Machado de Mendonça Essa
Castro Vasconcellos e Magalhães

Manoel Constancio, 5.º lente de Anatomia e restaurador da cirurgia em Portugal

Quem hoje quizer abordar a imensa personalidade de Manuel Constancio, seja sob que aspecto fôr, tem que se socorrer fatalmente do magnifico trabalho do seu biógrafo, o sr. Augusto de Castro, seu descendente e grande admirador, o qual com perseverante paciencia e elevado critério conseguiu produzir obra que será sempre de útil consulta a todo aquêle que se ocupar do cirurgião ilustre. Pena é que trabalho tão completo não tenha sido posteriormente revisto e possivelmente retocado e dado assim à publicidade em separata.

Manuel Constancio nasceu em quatro de abril de 1726 no lugar das Sentieiras, termo da então vila de Abrantes. Era filho segundo de João Alves e de sua mulher Josefa Marques, gente humilde tanto um como outro.

Ficou orfão de pai aos doze anos de idade e sua mãe com seis filhos, o mais velho dos quais tinha quinze anos e o mais novo só três anos, isto fóra um no ventre.

A seguir à morte de seu pai, habitava Manuel Constancio com a mãe e os irmãos na vila do Sardoal, perto de Abrantes, onde começou a aprender as primeiras letras com o respectivo professor primário oficial.

Dadas as dificuldades da vida é natural que Manuel Constancio, para ajudar a mãe e com decidida vocação para a arte de curar, se prestasse a ajudar o barbeiro sangrador João Rodrigues Margalho, pessoa muito das relações da casa porquanto até era padrinho duma das suas irmãs.

Mais tarde, aos dezeseis anos de idade e quando já não fazia tanta falta à mãe, vai para Abrantes onde estuda português e latim e ao mesmo tempo vai freqüêntando o hospital com o fim de colher conhecimentos cirurgicos. No tempo que lhe ficava livre agenciava a vida exercendo a profissão de barbeiro, segundo é tradição.

O hospital de Abrantes era ao tempo um dos melhores da provincia. Referindo-se a êste estabelecimento de assistencia dizia um escritor da época: [1] «Ha nesta villa um famoso hospital com o titulo de Salvador, em que se curão muitos enfermos, com boa casa da Misericordia, tudo contiguo, e reformado de novo, obra primorosa: terá quatro mil cruzados de renda, e tudo he da administração do Provedor que se elege todos os anos, com sua Mesa de Irmandade, que tem, observado o compromisso, que he antiquissimo.»

Na aprendizagem da profissão de barbeiro sangrador serviu-lhe provavelmente na prática o seu amigo Margalho, como já dissémos, e no estudo teórico porventura a «*Pratica de Barbeyros Sangradores*» de Leonardo de Pristo da Barreyra, pseudónimo do dr. Bernardo Pereira, que, quando Constancio já tinha vinte anos, vivia ainda no Sardoal, onde fixara residencia por aí ser médico municipal.

O dr. Bernardo Pereira tinha publicado em 1719 a sua «*Pratica de Barbeyros*» cujo frontispicio vai reproduzido na pagina 266 e que foi durante muitos anos o breviário dos que se dedicavam a essa profissão. Era obra muito apreciada no seu tempo e já noutro lugar [2] transcrevemos o seu interressante prólogo, em que se faz o quadro da profissão e dá informes sôbre a instrução dos seus profissionais.

---

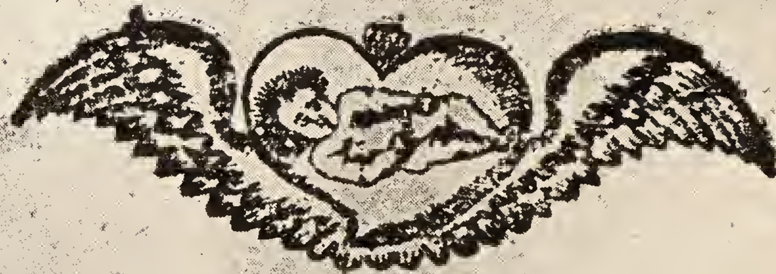
(1) Cardoso, Padre Luiz. Geographia. Lisboa, MDCCXLVII.

(2) Costa Santos. Sobre barbeiros sangradores do Hospital de Lisboa. Porto, 1921.

PRATICA
DE
BARBEYROS PHLEBOTOMANOS,
OU
SANGRADORES
REFORMADA,

Na qual por perguntas, & repostas, para melhor intelligencia, se declara tudo, o que pertence saber aos Sangradores, para a boa applicaçaõ da Sangria, com infinitos cazos, que se apontaõ, nos quais se pode fazer, ou com lanceta, Ventosas sarjadas, ou Sanguixugas; obra muito preciza para os Sangradores, & necessaria para os Cirurgioẽs, pelas muitas advertẽcias, & cazos praticos, que se escrevem, com a decizoẽ de muitas duvidas em quatro Capitulos, em que vay repartida.

POR
LEONARDO DE PRISTO
Da Barreyra, Medico da Villa do Prado.



COIMBRA:

NO REAL COLLEGIO DAS ARTES da Companhia de JESUS,
Anno de 1719.
Com todas as licenças necessarias,
& Privilegio Real.

No final do ano de 1747 e a instigação do Marquês de Abrantes D. Joaquim Francisco de Sá Almeida e Menezes, grande protetor de artistas e estudiosos, veio para Lisboa, indo habitar para casa do cunhado daquêle titular, o conde de Vila Nova de Portimão, D. Pedro de Lancastre, no palacio onde é hoje a legação de França, a Santos.

Em 27 de fevereiro de 1750, cedendo aos impulsos da sua vocação, matriculou-se Constancio na aula de cirurgia do licenciado José Elias da Fonseca no Hospital Real de Todos os Santos.

Sobre o seu primeiro mestre hospitalar, José Elias da Fonseca, pouco se sabe. Começou a estudar no hospital em 1715 onde, como praticante, foi discípulo dos cirurgiões, já nossos conhecidos, Francisco da Silva e Luiz Pereira. Teve carta de cirurgião em 1718 e foi provido nas funções de cirurgião dos males do Hospital em 1740, como se verifica pelo seguinte registo:

REG.TO DE HUA PROVIZÃO Q̃ A MEZA MANDOU PASSAR AO L.DO JOSÉ ELIAZ FON.CA (1)

OProuedor e Irmãos da Meza da Caza da S.ta Miz.a desta cid.e de Lx.a e Hosp.tal Real detodos os S.tos etc. Havendo attenção ao q̃ por sua pettição nos inveou adizer o L.do Jozé Elias da Fon.ca eogrande Cuid.o e Carid.e comq̃ tem assistido aos doentes das Viz.as desta S.ta Caza havemos perbem de Oprover no Lugar de Cerurgião das emfermarias dos malles do Hosp.al Real de todos os s.tos de q̃ haverá omesmo ordenado prões eemolum.tos namesma forma q̃ os tiuerão seus antecessores tudo pago pella faz.da do d.o Hosp.al q̃ assim Oordenamos por esta nossa provizão emq.to o ouvermos porbem enão mandarmos oContr.o o P.e Fran.co X.er afes por desp.o p̃ da Meza de *18* de Outt.o de *1740* =*Luiz Cezar de Menezes*=*Prov.or*=*oConde de Attouguia*=*Marq. de Tavora* =*Ant.o Ribr.ro dos S.tos*=*Carllos de Faria*=*Ant.o de Andr.e Rego*=*Marq.s de Alegrette*=*Bar.meu Glz da Cunha*=*D. Ant.o Aloz da Cunha*=*Martim Corree da S.a*=Prouizão porq̃ V. Ex.a e irmaos da Meza hão por bem prover noLugar de Cerurgião das emfermarias dos malles do Hosp.al ao L.do Jozé Elias da Fon.ca P.a V. Ex.a ver. =

Mais tarde, em 1750, é nomeado José Elias da Fonseca para ocupar uma das duas cadeiras de cirurgia então criadas, o que se acha registado pela fórma que segue:

(1) Livro de Registo Geral N.o 3. Fls. 231 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

REG.[TO] DE HŨ PROUIM.[TO] FEITO A JOZÉ OLIAZ DA FON.[CA] DECERURGIÃO DESTE HOSP.[AL] (1)

OProvedor emais Irmãos da Meza da S.[ta] Caza da Miz.[a] de Lx.[a] e Hosp.[al] Real de todos os S.[tos] etc. sendo informados da capacid.[e] de José Oliaz da Fon.[ca] q̃ cumprira com a sua obrigação havemos por bem deoprover emhua das Cadeyras de Cerurgia q̃ novam.[te] se erigem na Aulla do Hosp.[al] Real detodos os S.[tos] com as mais obrigações apontadas no extrato q̃ se fez p.[a] oditto effeito q̃ ceruirá de regim.[to] deq̃ hauerá de seu ordenado cento sincoenta mil reis cada an.[o] com as mais diguo com as cazas em q̃ viue oq̃ tudo naforma refferida ordenamos por esta nossa provizão emq.[to] ouvermos porbem enão ordenarmos o cont.[o] Lx.[a] em Meza *29* de Abril de 1750. Diogo Prr.[a] Bacellar afis em Meza dia mez e an.[o] supra = *Conde de Sabugoza P.* = *M.[el] Tellez da Silva* = *D. Jozé de Menezes e Tavora* = *Jozé do Coutto Prr.[a]* = *Fran.[co] do S.[a]* = *Pedro de Freytas Soares* = *M.[el] Vallente* = *Nicolau Luiz da Silva* = Provizão por q̃ V. Ex.[a] e mais S.[res] da Meza hão porbem prover a Jozé Oliaz emhua das Cadeyras do Hosp.[al] Real detodos os S.[tos] como assima se declara P.[ra] V. Ex.[a] ver.

Pelos livros de matriculas dos praticantes, existentes no Arquivo da Faculdade de Medicina de Lisboa, verifica-se que José Elias da Fonseca ensinou de 1740 a 1757.

O termo de matricula de Manoel Constancio é concebido nos seguintes termos: (2)

«M.[el] Constancio f.[o] de João Alz já defunto, e de Josefa Marq̃. n.[al] das Centieyras, tr.[o] da V.[a] de Abrantes, praticante de Cerurgia com o L.[do] José Elias da Fon.[ca] Lx.[a] 27 de Fev.[o] de 1750.»

Como se vê, Constancio matriculou-se em 27 de fevereiro de 1750, para praticar com o cirurgião José Elias da Fonseca. Em 29 de abril dêsse mesmo ano eram criadas duas cadeiras de cirurgia no Hospital e para a regencia duma delas era nomeado o citado cirurgião. Por provisão da Mesa da Misericordia da mesma data era nomeado Pedro Dufau professor da cadeira da anatomia que novamente se estabelecia no Hospital.

Assim, por uma curiosa coincidencia, dois meses após a sua

(1) Livro de Registo Geral N.º 3. Fls. 269. Arquivo dos Hospitais Civis.
(2) Livro de matriculas dos praticantes de cirurgia, 1743 a 1766. B-IV-7, pag. 5. Arquivo da Faculdade de Medicina de Lisboa.

matricula no hospital, Constancio ia disfrutar de uma nova orientação dos estudos cirurgicos.

Como já dissémos atrás, eram os praticantes de cirurgia obrigados a freqüêntar a aula de anatomia e sem a certidão respectiva não podiam apresentar-se a exame perante o cirurgião-mór.

Certo é que em meado de 1750 freqüêntava Constancio no Hospital a aula de anatomia de Dufau e a de cirurgia de Elias da Fonseca. Foi sempre um estudante assíduo e exemplar, como o atestam seu filho, o dr. Solano Constancio (1) e Rodrigues de Gusmão. (2)

A nova orientação dada aos estudos de cirurgia no Hospital não modificou sensivelmente o ensino.

Pelo que diz respeito ao ensino da anatomia, como, desde a ausencia de Santucci, em 1747, até a nomeação de Dufau, todos os praticantes de cirurgia obtinham as suas cartas sem a freqüência da aula de anatomia, succedeu o que era de esperar: faltavam os discípulos ao curso de Dufau, porquanto êstes se eximiam o mais possivel à sua freqüência, para o que muito contribuia o pouco ou nenhum caso que o cirurgião-mór fazia dêsse detalhe. O cirurgião-mór ao tempo era um médico e tratava mais dos seus interesses pessoais do que da educação cirurgica dos praticantes.

Para mais, mal esboçado ainda o curso dêsse ano de 1750, um incendio no Hospital em 10 de agosto destruiu em parte a «Casa da Anatomia» e com isso muito sofriam as disecções, cuja prática despertava ainda assim a limitada curiosidade dos alunos.

Dufau foi ensinando como podia e quanto o permitiam a arruinada instalação e as modestas habilitações dos alunos, limitando-se na parte prática a pouco mais da lição no «escaleto».

Assim foi andando o ensino anatómico, mais especulativo do que prático, até que o terramoto e subseqüênte incendio de 1 de novembro de 1755 reduziram a «Casa da Anatomia» a total ruina.

Não suspendeu por isso Dufau a prática das disecções, como o prova o atestado que lhe passou o enfermeiro-mór D. Jorge de Mendonça, já transcrito atrás e no qual se afirma que Dufau «não faz as

---

(1) Solano Constancio. *In* Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras, Necrologia, pag. 77, tomo 3.º, parte 2.ª, Paris, 1819.

(2) Rodrigues de Gusmão. Memorias biographicas dos medicos e cirurgiões portugueses que no presente seculo se teem feito conhecidos por seus escriptos. Lisboa, 1858.

anatomias naquelles dias como he costume, mas quando se offerece ocazião p.ª as haver, prompta.te exercita o seu logar abrindo e desecando os cadaveres passado aquelle tempo que S. Mag.de manda no seu Regimento, fazendo estas anatomias publicamente diante dos Cirurgiões e mais pessoas que se querem aproveitar das suas liçoens, fazendoas com grande aceitação de todos e incançavel trabalho seu.» ([1])

Pelo que respeita à cirurgia não corriam as coisas melhor, por causa do abuso na facilidade com que se passavam as certidões de freqüência, sem as quais os praticantes não podiam apresentar-se a exame do cirurgião-mór.

De tudo isto se conclui facilmente que o curso de Dufau era pouco freqüêntado e que os poucos que lá ião, entre os quais se deve destacar Constancio, o fazião sómente por gosto, por sentirem vocação para a cirurgia e ardente desejo de bem se prepararem.

Foi longa a preparação de Constancio porque, em virtude da sua assiduidade às aulas de Dufau, êste começou a estimá-lo e a tal ponto se lhe afeiçoou que fez dêle seu ajudante tanto no ensino anatómico como no serviço clinico da enfermaria. Diz-se mesmo que das relações intimas entre mestre e discípulo resultou êste aprender a lingua francesa, o que lhe facultou o conhecimento de muitas, e valiosas obras de cirurgia e anatomia, algumas das quais lhe foram mesmo trazidas pelo proprio Dufau mais tarde. Mas não era só no serviço hospitalar que Constancio ajudava Dufau, também na clinica particular e nas operações o acompanhava, ganhando assim a vida e adquirindo fama.

Por isso não é de admirar que só depois de praticar quatro anos no Hospital se apresentasse a tirar carta de sangrador, o que conseguiu em 16 de julho de 1754. Devia ter freqüêntado a aula de sangria dum dos dois mestres de sangria que ao tempo pontificavam no Hospital: Francisco José de Sousa e Manuel Leitão do Vale. Naturalmente, conhecidas as suas habilitações anteriores, Constancio foi dispensado de seguir quotidianamente a visita do mestre sangrador.

Deixou passar mais quatro anos e só então se apresentou a exame de cirurgião, obtendo carta de cirurgia em 21 de outubro de 1758. Fizeram parte do juri, além do cirurgião-mór Antonio Soares

([1]) Livro de Registo de Ordens e editais do Enfermeiro Mór D. Jorge de Mendonça. Fls. 47. Arquivo dos Hospitais Civis.

Brandão, Pedro de Arvelos Spinola, cirurgião da rial camara e ajudante do cirurgião-mór dos exercitos, professor no Hospital Real de Todos os Santos, e Manuel José da Fonseca, cirurgião de sua magestade e examinador de cirurgia e sangria.

Só então, em 1758, iniciou a sua vida clinica, para o que em muito concorreu o seu mestre e amigo Dufau que por toda a parte o recomendava.

Por ocasião da rutura de hostilidades entre França e Portugal, em 1760, motivada pelo chamado pacto de familia, Constancio desempenhou as funções de cirurgião ajudante do corpo de tropas comandado pelo Marquês de Marialva. Não durou muito, felizmente, o estado de guerra, estendendo-se só de abril a setembro dêsse ano.

Em 1763 já Constancio substitui Dufau no ensino anatómico. Em 1 de outubro de 1764 é encarregado das demonstrações anatómicas e em 24 de novembro seguinte é nomeado difinitivamente lente de anatomia nos termos que seguem:

Copia do decreto (1)

Attendendo á boa informação que se medeo da capacidade eprestimo de Manoel Constancio, eater servido de substituto de Pedro Dufau Lente da Cadeyra de Anatomia do Hospital Real de todos os Santos aquem fis mercê haver por jubilado: Hey por bem nomear ao mesmo Manoel Constancio Lente da ditta Cadeyra de Anatomia, com o Ordenado de quatro centos eouttenta mil reis por anno, que lhe serâ pago aos Quarteis com antiguidade do primeyro de Outubro proximo passado em diante, e debayxo das condiçõens declaradas no Papel incluzo assignado por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Meu Ministro e Secretario de Estado, emettido na Folha por onde são pagos os Ordenados dos Minestros, e officiaes do Concelho da Minha Fazenda. O mesmo Concelho da Fazenda otenha assim entendido, efaça executar sem quelhe seja precizo outro algũo titulo mais que oprezente decreto. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda avinte equatro de Novembro de mil sette centos sessenta equatro = Com hũa rubrica de Sua Magestade =

O diploma que nomeava Constancio lente de anatomia marcava-lhe o seguinte regulamento:

(1) Livro de Registo de Ordens e Editaes do Enfermeiro Mór D. Jorge de Mendonça. Fls. 102 e 102 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

Condiçõens com que sua Magestade ha por bem nomear a Manoel Constancio lente da cadeira de anatomia do Hospital Real de Todos os Santos

Serâ obrigado afazer hũ Curso inteyro de Anatomia todos os annos, prinsipiando no primeyro de Novembro até ofim deFevereiro; e fazer as demonstraçoens Anatomicas atodos os Praticantes de Cirurgia, aque os Mestres serão obrigados amandallos a Aula da mesma Anatomia.

——— O mais tempo do anno, será obrigado a Explicar a Anatomia aos dittos Praticantes â vista do Escalleto, etomandolhe as Liçõens para que os mesmos Praticantes de Cirurgia se apliquem Como hê preciso ao estudo epratica daditta Anatomia aqual serâ obrigado afazer tres dias em cada semana, dezencontrandosse dos dias da pratica que dão aos Mestres da Cirurgia ———

Não lhe serâ pago o Ordenado que Sua Magestade constitue ao ditfo Manoel Constancio sem certidão do Emfermeyro Mór do Hospital Real de todos os Santos, porque conste ter asistido todos os dias, Excepto os que forem de Guarda, nos quatro meses que decorrerem do primeyro de Novembro ate o fim de Fevereyro, enq mais tempo do ano das Liçõens da Anatomia Espiculativa tres dias na semana ———

Da mesma sorte será obrigado ao tempo que quizer cobrar os Quarteis do ditto Ordenado a mostrar certidão do cirurgião Mor do Reyño, pela qual mostre ter cumprido com as obrigaçõens do seu Ministerio ensinando completamente a Anatomia fazenda hũ curso inteyro della, todos os annos no tempo acima declarado a Anatomia Espiculativa no mais tempo do anno. Para o que o mesmo cirurgião Mor do Reyno terâ ocuidado de averiguar se cumpre com asua obrigação ou persy, ou por qualquer outro cirurgião da Camara de Sua Magestade, ou da Familia: Tendo entendido que no cazo defaltar â Execução do refferido o Cerurgião Mor do Reyno darâ conta pella Secretaria de Estado dos Negocios do Reyno para que sendo prezente a Sua Magestade possa mandar proceder como lhe parecer justo Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a vinte quatro de Novembro de mil sette çentos sessenta equatro = *Francisco Xavier de Mendonça Furtado* = Nossa Senhora da Ajuda avinte sette de Novembro de mil sette centos sessenta e quatro = *João Baptista de Araujo.*

Começa aqui a actividade inteligente de Constancio. Diz muito bem o dr. Barbosa Sueiro na sua interessante monografia sobre Constancio: [1] «Constancio resplandeceu, incontestávelmente, como

(1) Sueiro, M. B. Barbosa. Manuel Constancio, a sua vida e a sua obra. Conferencia realizada na Faculdade de Medicina, no primeiro Centenário da

astro de primeira grandeza, no seu meio e no seu tempo: desfrutou o favor público, o que se prova pela sua dilatada clinica, e obteve também nas estações oficiaes, o justo reconhecimento que lhe premiasse o valor.»

A carreira de Constancio foi rapida, como se pode facilmente prevêr. Por um lado, nomeado lente com a proteção do seu antecessor que era ao tempo o primeiro cirurgião de Lisboa. Por outro lado, como era de esperar, escolhido para cirurgião da casa do conde de Vila Nova, o que era uma das melhores recomendações para o novo cirurgião, dadas as conhecidas relações de parentesco do conde com as principais familias da côrte.

Mas Constancio não se satisfazia só com o exito clinico, tinha outras aspirações mais. Preocupava-se o seu agudo espirito com o ensino da cirurgia entre nós que, como já vimos, tinha chegado à ultima miseria.

A dedicação e o zelo com que Constancio fazia o ensino são testemunhados por vários cirurgiões que foram seus alunos e conservaram sempre a maior estima e admiração pelo mestre.

Constancio não foi só apreciado pelos nacionais. Um estrangeiro, Balbi, que ninguem poderá com justiça apelidar de lisonjeiro para comnosco, refere-se a êle nos seguintes termos: (1) «Manuel Constancio, apaixonado pela cirurgia, recebeu e executou sem auxilio doutrem o projecto dificil de tirar a sua arte do deploravel estado em que tinha caído na sua patria. Teve a satisfação de ver realisados em vida e em grande parte os seus desejos, Foi pelas suas lições, pelos seus conselhos e muitas vezes pela sua liberalidade, que grande mumero dos seus discípulos se elevaram ao lugar distinto que ocupam hoje na cirurgia portuguesa. Êstes progressos rapidos foram devidos pela maior parte ao método de ensino mutuo e progressivo que empregou na instrução dos seus numerosos alunos, método que só por si seria bastante para formar a reputação de qualquer outro professor.»

Segundo Maximiano Lemos, consistia o método de ensino citado

Régia Escola de Cirurgia de Lisboa, em 7 de dezembro de 1925. Lisboa, MCMXXV.

(1) Balbi, Adrian. Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve comparé aux autres Etats de l'Europe et suivi d'un coup d'œil sur l'état actuel des sciences des lettres et des beaux-arts parmi les portugais des deux hémisphères par. Paris, 1822. Tome II.

«em leccionarem os mais adiantados os diversos ramos de anatomia aos principiantes, servindo-lhes de exanimadores nos tratados em que já tivessem sido approvados. Cada discipulo fazia successivamente exame das differentes secções que estudára, e só começava o aprendizado da secção seguinte depois d'esse exame. Nas dissecções seguia-se o mesmo methodo de ensino. Faziam os mais adiantados as preparações que serviam para o estudo aos mais modernos.» ([1])

Na verdade, Constancio conseguiu logo para começo do seu ensino a reabertura do teatro anatómico, a «Casa da Notomia», como se próva pelos seguintes registos: ([2])

Sua Magestade he servido que Vossa Senhoria a manhaã que se ha-de contar trinta do corrente mes, das outo para as nove horas da manhaã me venha falar a minha Caza para negocio do Real serviço do mesmo senhor. Deos guarde a Vossa Senhoria. Paço a vinte nove de Setembro de mil settecentos sessenta equatro = Francisco Xavier de Mendonça Furtado = Senhor Dom Jorge Francisco Machado de Mendonça.

Em observancia do Avizo incluzo me ordenou o Secretario de Estado o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Sua Magestade ordenava que amanhaã segunda feyra que se hade contar o primeyro de Outubro se abrise a Caza da Notomia que há nesse Hospital para Nella fazerem suas demonstrações os anatomicos Manoel Constancio, e Felipe Jozé de Gouvea. Vossa Mercê logo Executará oque determinão as Reaes Ordens, eporá tudo prompto na forma dos meos Editaes Deos guarde avossa mercê muittos annos Nossa Senhora da Ajuda trinta de Setembro de mil sette centos sessenta equatro = Dom Jorge Francisco Machado de Mendonça — Reverendo Padre José da Fonseca secretario, eEscrivão da Fazenda do Hospital Real de todos os Santos.

Fôra certamente a instancias de Constancio que esta ordem de abrir o teatro anatómico se dera. Começava, pois, o seu ensino com o pé direito. As lições de Constancio começaram a ser contadas de 1 de outubro de 1764 em diante, como o afirma o seguinte atestado: ([3])

([1]) Maximiano Lemos, *loco citato*. Tomo II.

([2]) Livro de Registo de Ordens e Editaes do Enfermeiro Mór D. Jorge de Mendonça. Fls. 100 e 100 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

([3]) Livro de Registo de Ordens e Editaes do Enfermeiro Mór D. Jorge de Mendonça. Fls. 128 verso a 129. Arquivo dos Hospitais Civis.

Dom Jorge Francisco Machado de Mendonça Essa Castro Vasconcellos Magalhães Senhor das terras e Donatario do Concelho de entre Homem e Cavado, Senhor das cazas de Castro Vasconcellos Barrozo edos Sollares dellas Senhor da honrra do Pinho Alcayde Mor da Villa de Mourão e Governador da Cidade de Evora e seu territorio com patente de Coronel de Infanteria dos Exercitos de Sua Magestade Fedelissima Emfermeyro Mor e Thezoureiro Executor da fazenda do Hospital Real de todos os Santos desta cidade de Lisboa etc. ——————————————

Faço saber aos que aprezente atestação virem que Manoel Constancio Lente actual da Cadeyra de Anathomia deste Hospital Real tem cumprido com aobrigação de seu menisterio desde oprimeyro de Outubro de mil sette centos sessenta e quatro athé ofim de Dezembro de mil sette centos e sessenta e cinco na forma do Decreto de Sua Magestade Fidelissima que seacha registado no Livro Geral do registo do ditto Hospital af. *102* v epara constar do refferido lhe mandey passar aprezente que vay por mim assignada etãobem vay sellada com o sello do ditto Hospital. Lisboa vinte de Janeyro de mil sette centos sessenta e seis annos.

Quanto ao modo como Constancio regia os seus cursos de anatomia, o programa, publicado a quando da sua nomeação e já por nós atrás trasladado, foi acrescentado posteriormente com o seguinte edital, sugerido evidentemente por Constancio ao Enfermeiro-Mór do tempo, Francisco Furtado de Mendonça, dadas as considerações de ordem técnica aí expressas. E' como segue o edital, citado, cujo registo se encontra no Arquivo da nossa Faculdade de Medicina.

Francisco Furtado de Mendonça, Marisxal de Campo dos Exercitos de Sua Magestade Fidellissima, e Enfermeiro Mor do Hospital Real de S. José, por Decreto do mesmo Senhor &. — Attendendo á grande utilidade, que se seguia não só do Publico, como aos Praticantes eservos deste Hospital de haver Aulas de Natomia e Cirurgia, pude alcançar ordem para que as ouvesse, havendo tanto tempo que as não havia, ecomo nesta Arte, apratica, eaexplicação, he por onde sefazem scientes os decipulos que praticam, eesta se não alcança sem huma diaria assistencia tanto nas mesmas Aulas, como no Curativo dos Enfermos, ordeno oseguinte

O lente da Aula de Natomia, que prezentemente serve, Manoel Constancio, virá a Caza da Fazenda nas Manhans de segundas, terças equintas deverão, ede inverno, nas segundas, terças, quintas, esestas, naforma abaicho explicada, etanto que os Cirurgioens acabarem ocurativo, que será sempre pelas nove horas, tocando o Porteiro o Sino que serve de tocar â vezita dos Medicos, entrará para asua respectiva Aula onde tomará, eexplicará as liçoens aos seus

decipulos, por duas horas, e no fim dellas fará outra vez omesmo Porteiro o Sinal a Sahida, com o dito Sino, que não seja dos nomiados na pauta que lhe deu.

Os mestres das Aulas de Cirurgia, que actualmente servem Antonio Gomes Lourenço, e José Gonçalves Correa, virão á Caza da Fazenda, nas tardes de segundas, terças equintas doprimeiro de Abril the 30 de Agosto âs quatro horas, edoprimeiro de outubro the 31 de Março, ás tres horas, etanto que oporteiro das Aulas tocar o dito Sino acima entraram para ellas onde prezistirão por duas horas tomando, eexplicando aos decipulos suas Lições.

Nam concentiram; que nenhum dos praticantes, vão as Aulas de Capote, eespadim, eeste sô sepremitirá, aalgum cirurgião examinádo que pertenda hir aellas; eteram muito cuidado na assistencia dos ditos Praticantes, eselhe dâ livre os dias dequartas feiras, sabádos emanhans em que não houver Aula de Natomia etodo omez de Setembro, isto se intende nas Aullas, porque para curativo, os ditos Mestres nomiarão os que ham de vir assistir aelle, enão poderam vir ás Aulas, nem ao Curativo, praticante algum, que não desse oseu nome notempo do ultimo etem oporteiro das Aulas, eacontecendo ovirem tanto docurativo, como as Aulas, serão castigádos como meparecer.

Os que forem prezentemente matriculádos, não selhe poderâ passar Certidam, sem terem cinco annos de Aulas, epratica, attendendo ahum assento que hâ sobrevisto na Caza da Fazenda, cujo ordena, que os ditos Mestres não poderam passar Certidão sempreceder despacho meu, Como Enfermeiro Mor, que os mandarey exãminar, porquem meparecer, eosque tiverem continuádo á mais tempo apratica, etenham completádo os cinco annos, epertendam Certidam, ma requererão, edepois deos mandar examinar, ficando aprovádos, selhe passarão dando odonativo do Costume na Caza da Fazenda, para se distribuir pelos dois Mestres, e sendo examinados por examinadores defora, darão acada hum oito centos reis, eaos ditos exames prezidirão sempre os seus respectivos Mestres.

Os Enfermeiros e Ajudantes, servos do Hospital poderão ir atodas as Aulas, sem darem donativo algum, e cazo que por algum incidente, sahião para fora delle, equeirão continuar as Aulas, tirarão asua Matricula, epagarão odonativo do Costume, epropinas, epertendendo examinaremse, etirar asua Certidam de Exame, darão omesmo donativo aos Mestres, e Examinadores, que os outros defora, eandarão nas ditas Aulas o mesmo tempo que elles — Os ditos servos da Caza serão attendidos nas Lições com igualdade aos mais decipulos, ecomo pela obrigação que elles tem não poderãm hir todas as semanas as Aulas, estes hirão alternativamente naforma determinada por mim aos Enfermeiros das Enfermarias, etodos os decipulos que deram oseu nome na Caza da Fazenda, por quererem continuar nas ditas Aulas, serão chamados pela pauta que o Porteiro tem, com obrigação que tem odito, detodos os Sabados medar parte na Caza da Fazenda das faltas que estes fizerem, para comforme onumero dellas, serem prohibidos de as frequentar, com denegação de serem mais ad'metidos e succedendo adoecerem os praticantes defora,

ofarão saber na Caza da Fazenda por Certidam do Medico ou Cirurgião que-lhe assistir,

Lx.ª na Caza da Fazenda do Hospital Real de S. Joze 16 de Abril de 1776. (1)

Como se verifica pela leitura dêste Edital, as aulas de anatomia e cirurgia podiam ser freqüêntadas não só pelos praticantes estranhos ao hospital mas também pelo pessoal hospitalar que, assim, podia da classe de enfermagem ascender à classe dos cirurgiões, à maneira do que se fazia no grande hospital de Florença de que já falámos a propósito de Santucci.

A isenção do serviço militar aos praticantes do Hospital e os seus deveres também foram ordenados e regulamentados, é de prevêr, por sugestão de Constancio, pela fórma que segue:

Regîsto dos primeiros Avizos que se remeterão ao Senhor Enfermeiro Mor sobre o previlejo dos praticantes depois das ordens de Sua Magestade, expedidas vocalmente ao Sr. Enfermeiro Mor Francisco Furtado de Mendonça para a Criação das Aulas e Natomia.

ElRey meu Senhor manda remeter a V. S.ª acopia iucluza do Avizo que seexpedio ao Tenente General Francisco Miclean, encarregado do Governo das Armas desta Corte, e Provincia da Estremadura, para serem escuzos das Sortes, erecrutas, os Legitimos Praticantes desse Hospital Real de S. Joze, paraque ficando V. S.ª intelligente do Contheudo no sobredito Avizo ofaça registar no Livro aque pertencer. DG.ᵉ a VS.ª Paço a 20 de Mayo de 1776 = *Marquez de Pombal* = Sr. Francisco Furtado de Mendonça; = Cumpra-se e registe-se Caza da Fazenda do Hospital Real de S. Joze 21 de Mayo de 1776, com Ex.ᵐᵃ rubrica. =

2.º Avizo ao Sr. Enf.º Mor sobre os ditos Praticantes

ElRey meu Sr. sendo informado deque hum grande Numaro de pessoas, seacham matriculadas, por Praticantes de Cirurgia, Natomia e Sangria, que não assistião nesse Hospital, como devião, para se instrohirem nas sobre ditas faculdades, equesô havlão procurádo as ditas Matriculas, para se utilizarem das Izenções, e Privilegios concedidos em beneficio do publico, ás pessoas que se empregam naassistencia ecurativo dos Enfermos dodito Hospital: Ordena Sua Magestade, que os ditos praticantes não possam demodo algum exceder ao numero de 100, e que aestes sepassem Certidoens autenticas das suas Matriculas, assignádas pelo Escrivam da Fazenda do mesmo Hospital, selladas

(1) *In* Annuario da Eschola Medico Cirurgica de Lisboa, vol. I (1890-1891).

comosello delle, erubricádas pelo Enfermeiro Mor, digo por VS.ª pelas quaes lheserão Goardádos os privillegios, eizençoens, que lhes competem: Que serão obrigádos assistirem ás Lições das Aulas duas horas cada dia, entrando nas mesmas aulas de Inverno ás tres horas da tarde: Que athe as cinco edeverão as quatro the as seis tambem de tarde. Que tendo os ditos Praticantes alguns impedimentos demolestia, oudeoutro justo motivo, serão obrigados adarem conta por escrito aos seus respectivos Mestres, para as fazerem presentes a VS.ª. Que VS.ª eos seus successores poderão despedir os ditos Praticantes logo que lhe constar que, ou não satisfazem as suas obrigações, oupelos seus procedimentos sefazem indígnos deserem conservados: Que os sobre ditos Mestres das Aulas, seram obrigados adarem conta a VS.ª noultimo dia decada mez não sô das faltas quevolluntariamente fizerem os ditos Praticantes nas suas aulas, como tambem doprogresso, aplicação, e adiantamento que tem nos seus estudos enas suas experiencias: Que os ditos mestres nam possam passar certidoens aos referidos Praticantes, sem quelhes conste com serteza, que seacham com assistencia necessaria, pelo menos debons Sangradores: Eque sejam obrigados anomiarem dos mesmos Praticantes os que lhes parecerem, que assistirem alternativamente as Semanas ao Curativo dos doentes declarando-se os nomes delles na Caza da Fazenda, e nam embaraçando aquelles quevolluntariamente quizerem assistir ao dito curativo. Oquetudo VS.ª fara executar, eregistar este Avizo no Livro aque pertencer. Deos G.ᵉ a VS.ª, Paço emvinte de Mayo de 1776 = *Marquez de Pombal* = Senhor Francisco Furtado de Mendonça, cumprase eseregiste Caza da Fazenda do Hospital Real de S. Joze 21 de Mayo de 1776 = com arubrica do Senhor Enfermeiro Mor Francisco Furtado de Mendonça.

O facto de nada se ordenar de novo quanto às disecções anatómicas faz supôr que se deixava ao critério do esclarecido professor o funcionamento do teatro anatómico.

Como livro de texto é provavel que ao principio, como diz o sr. Augusto de Castro, tivesse adoptado o livro de Dufau, seu mestre e amigo. Mas naturalmente o seu espirito não se satisfazia com uma anatomia incompleta — a osteologia e a miologia foram as únicas partes da anatomia publicadas por Dufau, como já sabemos.

Nunca pensou Constancio em editar um tratado de anatomia, mas o que se sabe pelo testemunho de seu filho, o dr. Solano Constancio, é o seguinte: «Escreveo huma postilla de Anatomia talvez o mais bem disposto compendio que até agora se conheça, e por elle ensinou sempre; porêm nunca foi impresso, e por isso anda desfigurado em copias manuscriptas. He de lastimar que alguns dos seus discipulos o não dê á luz, conservando-lhe o methodo, e

fazendo as mudanças, que os descobrimentos recentes tornão necessarias.» [1]

Mas afinal sucedeu o que era de lastimar não acontecesse, a postilla apareceu à luz da publicidade num exemplar manuscrito da autoria dum seu discípulo Antonio do Espirito Santo.

Em 1891, o dr. Baeta Neves publicou um artigo sobre Constancio comunicando achar-se possuidor dêsse exemplar, um livro manuscrito de mais de trezentas paginas, julgando-o único «porque nem a perfeição caligraphica que apresenta seria qualidade commum a diversos copistas, nem algum d'estes poria em prova mais d'uma vez a sua paciencia para produzir outros exemplares.» [1]

Mais tarde conseguiu o professor Maximiano Lemos publicar nos seus *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* os primeiros capítulos da obra. [2]

Por um dêstes acasos da sorte veio o exemplar em questão a caír na posse da Faculdade de Medicina de Lisboa onde o pudémos consultar e manusear, devido à muita amabilidade do seu ilustre bibliotecário, o nosso querido amigo, dr. Mark Athias, a quem por essa e outras mais amabilidades protestamos aqui todo o nosso mais sincero agradecimento.

Intitula-se a obra: Anathomia || amais correcta, colhida devarios Authores, os mais || peritos que desta sciencia tem descrevido té aopre- || zente, agora novamente corregida, eaugmenta- || da assim no pratico, como no theorico segun- || do asmelhores opinioens; ditada aos || Praticantes desta faculdade neste || Hospital Real de S. José por || MANUEL CONSTAN- || CIO. || Lente Regio desta mesma faculdade. || E agora denovo descripta por- || Antonio do Espirito Santo. || Dos seus Praticantes omais humilde. || Devidida em sinco Tractados. || Lisbôa neste Hospital Real || de S. Jozé; || Anno de 1780. Êste frontispicio vai reproduzido na pagina 280.

O livro começa por uma dedicatória à Senhora da Lapa à qual se segue o prólogo e o elogio à Anatomia, peças literárias que passamos a trasladar:

---

(1) SOLANO CONSTANCIO. *In loco citato.*

(1) BAETA NEVES. Noticia acerca do professor Manuel Constancio. *In* Coimbra Medica, 1891.

(2) Fasciculos, IV, V, VI, 1.ª serie. Porto, 1894, 1895 e 1896.

Anathomia

amais correcta, colhida devarios Authores, oimais peritos que desta Sciencia tem descrevido te aoprezente, agora novamente corregida, e augmentada assim no pratico, como no theorico segundo as melhores opinioens; ditada aos Praticantes desta faculdade neste Hospital Real de S. Jozé por

Manoel Constancio.

Lente Regio desta mesma faculdade.

E agora de novo descripta por

Antonio do Espirito Santo.

Dos seus Praticantes omais humilde.

Devidida em sinco Tractados.

Lisbôa neste Hospital Real de S. Jozé;

Anno de 1780.

DEDICATORIA

Á MAGESTADE AUGUSTISSIMA DE: MARIA VIRGẼ

MAY DE DEOS, RAYNHA DOS CEOS, E SENHORA DA LAPA

«A vós, ó Soberana Imperatriz, e sempre excelsa Maria, May de de Deos, Raynha dos Ceos, e da Terra; socorro dos desamparados, consoladora dos aflictos: a vós ó meu unico refugio, e sũmo bem: a vós ó Doutora sem controversia Maria santissima com o singularissimo Titulo da Lapa, consagra esta minha lemitada offerta: a vós ó amabelissima Senhora unico Thezouro de todas as Sciencias recorre este vosso minimo servo com esta bem deminuta obra, mal definida: mas como he doutrina dos mais famigerados Doutores, deque ninguem sepode exceder asi mesmo, digo, que fiz o que pude, discorri até onde pôde chegar o meu fraco discurso com o que alcansei na Aula de Anathomia, aonde tenho praticado; mas ainda não pude saciar a minha vontade que hé grande de descobrir o que aos Principiantes sefaz mais oculto: porem como sou o menor que na Arte de Anathomia produzio anatureza, aonde havia buscar amparo vivendo nomundo, senão novosso patrocinio; he sem duvida porq̃ (com diz S. Germano) só no patrocinio de huma tal Senhora se forma bem o seguro real das creaturas; mas se o motivo da Dedicatoria se funda no agradecimento do Author, ou porque se considera obrigado dos beneficios; ou porque amateria dolivro que dedica está clamando por tal bemfeitor; por estes dois principios quero amparar-me com ovosso patrocinio: porq̃ só nele fica seguro o meu pobre talento; e recebendo eu este favor davossa Devina protecção seria ingrato se não voltasse á fonte donde nasceo; porque tambem se condemnão á corrupção as agoas que se estancão nas lagoas, por não correrem ao mar donde saihrão; demais seria desagradecido o fogo á sua esfera se peregrinando na terra, não voltasse ao mesmo principio donde dimanara. He bem verdade que o talento he pouco, e de minimo apreço, e a offerta mui limitada; mas considero q̃ no Tribunal das Masgestades tambem se avalua por muito, o pouco do pobre; além de q̃ como vós Senhora com o singularissimo Titulo da

Lapa sois minha unica protectora, protegendo-me sempre, ainda nas mayores afliçoens, em q̃ muitas vezes me tenho visto precipitado; não era justo competisse com vosco outrem nesta offerta; e desta consideração que para mim hé a mais forçoza, se me seguia tambem omotivo para engrandecervos; mas quem poderá sondar o alto mar de vossas grandezas, se sois incomprehensivel nas prerrogativas?

A lemitada obra que vos dedico he Anathomia o mais correcta, colhida de varios Authores, os mais peritos que desta sciencia tem descrevido thé o prezente; e agora novamente corregida. e augmentada, assim no pratico, como no theorico, segundo as melhores opinioens; ditada aos Estudantes desta faculdade neste Hospital Real de S. Jozé, por Manoel Constancio, Lente Regio da mesma facuidade, e meu sapientissimo Mestre, cuja pessoa, senhora, espero favoreçaes com o vosso patrocinio, conservando-lhe a vida, e saude para q̃ assim nos possa prezistir com as suas nunçoens anathomicas tão percisas para a utilidade do corpo humano, sem cujo conhecimento não pode o Cyrurgião ser perfeito; nem o Medico perito, e por consequencia, o corpo humano ser prezervado por meio desta sciencia das ruinas aque está sugeito, einfermidades que o cometem; e como assim; sendo esta abaze deque nos não devemos apartar para desterrar a molestia, econservar a saude; sede vós tambem servida ó bemditissima Senhora da Lapa de vos não apartardes de nós com o vosso patrocinio, p.ª que não só seguremos o remedio do corpo; mas tambem o d'alma; e como vós, Senhora da Lapa, sempre fostes. e haveis de ser o verdadeiro remedio de todas as infermidades para recuperar asaude; fostes, sois, e haveis de ser sempre saude de todos os infermos, *Semper salus omnium infirmorum.*

Qual he a medicina que tudo cura, senão vós, que com o antidoto davossa graça e com as influencias davossa virtude curaes os ricos, eospobres, e saraes atodos os peccadores, como diz S. Jeronimo.

Não hé logo fineza, mas sim divida, ou conveniencia propria o consagrarvos esta minha lemitada obra, para que lembrado do muito q̃ vos devo, medeis graça para curar os achaques d'alma, ecortar as superfluidades daculpa. Sede, pois, Senhora, benigna aos meus sinceros votos, que então fico certissimo farão estes meus escritos no animo dos meus Leitores aquela impressão, que porfalta de oro, e eloquencia de seu auctor, mas não deverdade poderião con-

seguir; eentão crescerão emmim multiplicados votos para acincera devoção, ecandura comque dezejo ser, como sou.

Senhora

Vosso servo, efilho humilissimo,
Antonio do Espirito Santo.»

PROLOGO

«Leitor benevolo á tua censura exponho esta lemitada obra, pequena no volume, mas vasta no que comprehende, se te parecer imperceptivel estimaria ver o teu discurso em melhor fraze, e se não quizeres ter esse trabalho, ao menos critica, porq̃ dezejo ver as sombras do teu sentido, q̃ he oque sepode dizer dequem critica, enão completa. Eu sei muito bem q̃ se fores perito, darás particular estimação á obra, não respeitando o Author; mas sim respeito á materia, que comprehende; pois he sem duvida huma verdadeira descripção sobre a definição de todas as partes deq̃ se compoem o corpo humano, suas figuras, situaçoens e uzos.

Aqui amado Leitor verás descrevida [semedás licença para q̃ assim me explique] abaze detodas as sciencias, principalm.te da Medicina, e Cyrurgia; porq̃ a utilidade destas será frustrada se sem este principio forem exercidas; e se o não vê; por ventura hum cego, e mudo, q̃ nunca viu nem ouviu, q̃ caminhos pode andar sem guia q̃ abreves passos não perigue, que pratica pode dar se não fala, e como ha de responder se não houve nem percebe? Logo fica claro, q̃ todo o Cyrurgião, ou Medico q̃ sem este estimavel principio pretender executar qualquer destas duas faculdades, de jure se percipita, porque perde (além da rectissima conta q̃ tem de dar ao Supremo Juiz) o seu credito; e he causa de q̃ o seu enfermo perca a vida, como a cada passo está sucedendo. edepois se satisfaz com o proverbio dizendo aos innocentes = morreu, porque tinha os dias acabados = etc.

E assim amado Leitor pesso-te q̃ se és amante do bem cumum eutilidade propria desterres com a deligencia as Sombras daperguiça: vê, e examina com atenção este meu pequeno trabalho equerendo falar verdade dirás q̃ sem a Anathomia será o Cyrurgião cego e o Medico mudo, este imperceptivel e aquele impraticavel; o Medico sem tacto como navio sem governo; e o Cyrurgião sem conheci-

mento como arvore sem fructo, ou muzico sem vos, e chama sem fogo ou relogio sem corda.

A alguns apaixonados poderá este meu trabalho parecer de pouca, ou nenhuma utilidade; mas como só escrevo para mim, e para aprender, e não para ensinar sugeito-me, sugeito-me ás noçoens dos Peritos, de quem espero melhor doutrina doq̃ aq̃ tenho descrevido; e como he pensão de todos os Escriptores exporem-se ás censuras, eu não me estimularei, antes estimarei q̃ o meu amado Leitor note para eu aprender.

Contudo não posso deixar de dizer. q̃ sendo a Medicina, e Cyrurgia a sciencia q̃ ensina a conservar, e recoperar avida perdida, esaude docorpo humano claram.[te] se vê quaes devem ser os conhecim.[tos] q̃ deve ter o Medico, e Cyrurgião: 1.° q̃ couza he corpo: 2.° q̃ couza he corpo humano; 3.° q̃ couza he vida do corpo humano; 4.° q̃ couza he vida imperfeita e ofendida; 5.° q̃ couza he saude perfeita; 6.° q̃ couza he saude ofendida; 7.° que tem athé este tempo o engenho humano descoberto para recuperar, e conservar a saude; 8.° saber aplicar esta Medicina em certo tempo, certo modo, e certa doze.

Não pertendo tratar aqui decada hum destes requizitos em particular pelos julgar alheios da minha questão, direi só o que for necessario do 2.° requizito que só faz para o meu proposito, isto he saber q̃ couza he corpo humano; este he o principal emprego do Medico e Cyrurgião, pois nele devem empregar a sua sciencia; não basta saber só oq̃ he corpo em geral; mais particularm.[te] oq̃ he corpo humano; assim como o Relojoeiro, não lhe basta só saber q̃ couza he metal; mas he perciso saber de q̃ partes se compoem o Relogio, e q̃ figura e uzo tem; sem este conhecimento poderá falar muito; mas não saberá que couza he relogio, oq̃ lhe falta, e como secompoem; o mesmo acontece ao Medico e Cyrurgião, sem o conhecimento da Anathomia.

O nosso corpo he uma maquina muito mais perfeita que hum relogio; pois nele vemos uma admiravel composição, e executarem-se todas as funçoens destinadas para conservar a vida humana; vemos os ossos que sustentão toda a maquina, os seus ligamentos, cartilagens, membranas, nervos, arterias, veas, musculos e tegumentos, vemos o coração , e vasos q̃ dele nascem para fazerem as secressoens, sanguificação, a sirculação, e para se capacitar bem doq̃ dizemos he q̃ quem não tiver este conhecimento da Anathomia não he capaz de saber medicina, e muito menos Cyrurgia, q̃ toda he pura

pratica, q̃ emfermidades senão tem conhecido no corpo humano por meio da circulação do sangue, q̃ antes desta erão totalmente ignoradas, q̃ discurso não fizerão os Galenicos, sobre as quatro qualidades de humores? Por ventura vierão a conhecer varias enfirmidades sem o socorro da Anathomia? Quem ignora totalmente a composição do corpo humano, seus fluidos, e uzos, he incapaz de dar uma resposta afirmafiva, e fundamental a este respeito; será impossivel q̃ sem a Anathomia se possa com certeza socorrer o corpo humano sem grave perjuizo do Emfermo; isto deixo eu á inteligencia dos peritos nesta admiravel Arte.

Todos concedem q̃ depois de Herveo descobrir a prodigiosa sirculação do Sangue tem subido aoutro grau de perfeição a Cyrurgia, e Medicina, logo claro fica q̃ quanto mais se for aperfeiçoando a Anathomia, são outros tantos gráus de perfeição q̃ seacrescentão á Cyrurgia e Medicina.

Se os nossos adversarios nos querem persuadir este seu sistema da Anathomia (se com effeito merece este nome) q̃ antes da feliz restauração das belas letras em Portugal, e principalm.^{te} na Universidade de Coimbra se uzava; facilmente concederei com eles porq̃ esta nada menos era doq̃ Anathomia, como facilm.^{te} conhecerá quem tiver huma leve noticia da historia literaria deste Reino, porem nunca já mais nos persuadirão, nem aquem tiver huma leve tintura desta Sciencia, de q̃ não seja necessaria para o bom Medico e Cyrurgião,

A anathomia propriam.^{te} dita q̃ ensina 1.º q̃ são os ossos, sua geração, e uzo; 2.º o q̃ trata dos musculos, sua união com os ossos, mediante aquelas p.^{tes} aque chamão tendoens, eq̃ são quazi semelhantes aos nervos, as suas figuras, descripção, differenças, uzo e tudo o mais q̃ lhes pertence; 3.º o q̃ trata dos vazos, como são arterias, e vêas, sua origem, structura, situação e uzo, e tambem das valvulas: 4.º oq̃ trata dos nervos; 5.º oq̃ dita a vastissima delicadeza das entranhas, sua figura, origem, direcção, estructura, situação, e uzo: como v. g. os olhos, cerebro, coração, bofe, figado, ventriculo, intestinos, baço, mezenterio, e rim, os vazos destinados p.^{a} a geracão em hum e outro sexo.

Desta sim he q̃ eles nunca nos persuadirão ainutilidade, estandonos aexperiencia mostrando todos os dias a sua estreita união com a Cyrurgia, e Medicina, sem aqual estas duas sciencias não póde dar hum só passo com acerto na cura das infermidades. e tendo nós ao mesmo tempo de outra parte o authentico testemunho de tantos

homens sabios nesta arte, q̃ com seus admiraveis escriptos nos promovem ao estudo e utilidade da Anathomia.

Emfim amado Leitor, eu estimarei q̃ esta minha breve descripção te complete a vontade, e satisfaça o dezejo esetenão deres por contente terás paciencia, mostrarás o teu discurso, q̃ eu lhe saberei dar o valor em grau tão sublime quanto esta pelo Author tem de inferior, e pela materia de superior, e não consideres este meu Prologo, como remedio antecipado á materia de q̃ trata, porq̃ posto q̃ sempre costumão os erros, e as desculpas andarem de companhia, comtudo eu em nada me desculpo, nem tão pouco te obrigo; emenos tepesso perdão; porq̃ se achares q̃ dizer não me perdoes, nem seja necessario encomendalo; os q̃ forem mais amantes de palavras, q̃ de obras, comprarão os livros mais pelo pezo doq̃ pelo feitio.

Tudo oque nesta materia descrevo he para honra e gloria de Deos, & proveito do proximo; e não quero o agradecimento de pessoa alguma, nem tão pouco pelo contrario temo a sua calumnia; e como diz São Jeronimo no Tabernaculo de Deos cada hum offerece o q̃ tem; no Theatro do Mundo cada hum diz o q̃ sabe ou o que pode. Porisso q̃ o mais ignorante he oq̃ mais prezume, rezão porq̃ a tudo se atreve oq̃ mais ignora; porq̃ ha de ter animo para censurar oq̃ outros escrevem q.[m] não teve brio nem aplicação p.[a] escrever? Nenhum está tão longe de si como o desvanecido, nem tanto em si, como o conciderado. Sequeres aproveitar não leas para escurecer; mas sim lerás para saber, e se assim o fizeres com os claros do teu juizo forma desta obra o q̃ te parecer; se nela achares algum lucro, desconta o mau em satisfação do bom, e se tudo te parecer inutil faze outra melhor. e dá louvores a Deus q̃ repartiu comtigo tanto dando aos outros tão pouco. Ele te Guarde.

Valle.»

Elogio á anathomia

«D'hum assumpto tão alto, d'huma materia tão vasta, ed'hum objecto tão interessante qual hé aAnathomia, só podião discorrer dignamente aqueles corifeos da Eloquencia, q̃ fizerão em outro tempo pasmar Roma, e admirar Athenas; Sim: eles só erão capazes de lhe tecer o seu elogio.

As grandes qualidades deque anatureza os dotou os fazia merecedores de terem emlugar de Batalhas sanguinolentas, combates

crueis, etriunfos magestosos deque tratavão; esta preciozissima Arte igualmente q̃ o seu admiravel objecto por ponto dos seus eloquentissimos discursos, einimitavel Sabedoria, Sim: ela só era capaz dasua seria atenção.

Porem os mortaes, os mizeros mortaes emtodo otempo estimarão mais aquilo que mais satisfação lhedava, edesprezarão aocontrario tudo oque podia conduzilos ahuma felicidade, edeq̃ essencialmente tinhão huma indispensavel precizão.

Esta foi a rezão porq̃ aMedicina jazeu tantos seculos naconfuzão, e naignorancia, enairregularidade. Asua materia estava disposta; mas afalta dehuma habil mão, q̃ aordenasse afez conservar assim portão dilatado tempo.

Apareceu na Grecia Hipocrates; aquele grande homem, cuja doutrina foi abaze eagloria dos Professores daMedicina, eácusta dehum continuado trabalho principia aordenala, eadevidila.

A Anathomia, porem, não foi logo instituida, anecessidade, areflexão, eodiscurso dos q̃ exercitavão esta profissão, fez declarar oquanto era percizo o seu estudo.

A separação q̃ sefez da Medicina, e Cyrurgia, e a conhecida utilidade que rezultou ao Genero humano desta ultima arte, he aq̃ fez adiantar tanto a Anathomia; não só porque com ainspecção do Cadaver conhecea o homem qual era agrandeza do seu creador eaproducção detão admiravel Fabrica; mas ao mesmo paço comprehendeu q̃ omesmo Creador lhe deixava hum modelo por meio decujo conhecimento podesse valer mais felizmente aos outros indeviduos, seus semelhantes, não menos p.ª que lhe servisse ouzo geral desta Arte, para se inteirar dealguns fenomenos á primeira vista todos por impossiveis, oucontemplados por misteriozos.

Apezar porem d'hum ligeiro estudo que nesta materia sefazia, as infermidades graçavão furiosamente, eaCyrurgia estava como esquecida, ouquazi sepultada, anecessidade porem emque seachavão constituidos diversas vezes magnanimos Monarchas, evalerozos Capitaens deque lhevalessem peritos Cirurgioens, foy acauza deque os seus Professores afossem adiantando; aomesmo tempo q̃ por outro lado a Anathomia ia adquirindo vantagens. Os grandes Theatros Anathomicos constituidos em diversos Paizes da Europa entrarão aproduzir aqueles celebres, esempre respeitados mestres q̃ com as suas delicadas discessoens, igualm.ᵗᵉ que com os seus escriptos ilustrarão a Cyrurgia, eMedicina. Eles depois de nos mostrarem afabrica do corpo humano declararão ouzo certo dosdifferentes or-

gaons q̃ ocompoem, oujá tratando destas mesmas partes em geral, oũ discorrendo particularmente decada huma delas.

Guilherme Arvêo, Bartholino, Falopio, Ruisch, Malpigio, Vangelic, Martin Martines, Verdier, eoutros sem numero deperitissimos indagadores edemonstradores docorpo humano he aquem devemos o conhecimento dacirculação doSangue, movimento dadura mater, digestão, chilificação, uzo do Coração, vazos lateos, e emfim de tudo q̃o há demais recondito, e atendivel.

O conhecimento damesma Anathomia fez q̃ os Cyrurgioens ilustrados com as suas luzes, não só ideassem, mas executassem com feliz sucesso muitas, evarias operaçoens, inventando humas, aperfeiçoando outras, edando ultimamente as mais bem reguladas maximas para todas sepraticarem.

As fracturas, edislocaçoens seadiantarão consideravelm.[te] no seu curativo, pela comprehenção darecta positura dos ossos, cartilagens, &a. remediando-se por este meyo muitas infermidades aoparecer incuraveis.

Ela fez tão bem ver áqueles que se destinassem á prendela quaes serião asqualidades deq̃ sedeverião revestir, tendo por objecto hum mundo abreviado, e hum prodigio da Natureza, como denominarão ao homem varios Authores contemplando a sua perfeição.

Na sua percepção, pois consiste toda a solidez da pratica, não menos q̃ aidéa da Theorica, esó poderia duvidar, ou impugnar esta verdade, aquele q̃ pretendeu negar as luzes ao Sol.

Fica bem clara por estas, eoutras muitas razoens, q̃ sepodião produzir aeste respeito q̃ hé anecessidade q̃ os Professores tem de acultivar, enão menos as grandes utilidades que se seguem á humanidade de ela senão ignorar.

Quantos homens jazerião hoje cobertos de Terra se nas infermidades q̃ padecerão fossem tratados por peritos Professores, munidos com as luzes, econhecimentos q̃ lhe ministrou a Anathomia.

Que destinçoens não adquirio ela emtodas as occazioens áqueles q̃ acultivarão quando servirão juntos, ouassociados com os que não tinhão simelhantes livres? q̃ votos tão acertados não produzio? que felizes sucessos não alconsou? q̃ differensa não fez mostrar entre huns, eoutros?

Nada disto seria percizo referir senão fora suceder com ela oq̃ costuma praticar apequena, e densa nuvem q.[do] se oppoem ao brilhante resplendor do Sol. porque hé tal a cegueira do vulgo ignorante que chega apersuadir-se (enão poucas vezes) q̃ oconhecim.[to] de

Anathomia náo hé essencialm.te percizo para constituir hum perfeito Cyrurgião; isto sucede muito principalmente quando estes dircursos são proferidos por aqueles Professores, aquem afortuna, enão aSciencia fez adquirir o credito. Não acontecerá assim porem aos instruidos, eq̃ com hum delicado descernimento sabem devidir as luzes das sombras, pois estes só dezejarão que ela se eleve áquele subido ponto q̃ sefaz necessario atoda ahumanidade; eque sobre o seu conhecimento Seestribem todas asmais circunstancias, eestudos deq̃ devem ser fornecidos osq̃ pordestino são deputados para valerem á mizera humanidade por meio das duas tão percizas Artes da Cyrurgia, edaMedicina.»

A seguir a êste introito e para começo da obra, vem um capítulo intitulado «Da Anathomia em geral» em que se define o que é anatomia: «Hé uma Arte, que ensina aconhecer a estructura do Homem por meio da dessicação desuas partes integrantes.» Continúa, dizendonos qual o objecto e os fins da anatomia, o que se entende por corpo humano, regiões em que se divide, substancias que o compõem, terminando pela divisão da anatomia: «Em duas: isto hé em Ostheologia, que trata das partes duras, ou dos ossos, epartes que lhepertencem, e em sarcologia que trata das p.tes brandas,» A sarcologia dividia-se: «Em sinco, que são Miologia que trata dos musculos, Angeologia que trata dos vazos, Nervologia que trata dos nervos, Spanchonologia que trata das Entranhas, e Adnalogia que trata das glandolas.»

Passa-se ao capítulo intitulado «Da Ostheologia emgeral» em que se estuda o esqueleto, sua divisão, a conformação dos ossos em comum, as cavidades osseas, sua côr e substancia, as partes pertencentes, como ligamentos, cartilagens, etc., e, finalmente, as conexões dos ossos ou articulações.

Antes de entrar na osteologia em especial, encontramos o seguinte interessante elogio da osteologia:

Elogio á ostheologia

«Huma das 5 partes emq̃ sedevide aAnathomia, eaprimeira segundo aordem que seguimos, hé a Ostheologia; huma daquelas q̃ sefaz indispensavel saber, o perito Cyrurgião empregando noseu estudo toda adeligencia, não só por ser deficil oseu conhecimento

segundo á dmiravel e pasmosa Structura dos differentes ossos, q̃ servem debaze á maquina do corpo humano, mas pelas vantagẽs que seadquirem napratica, ecurativo das mesmas partes quando emfermas.

Esta ordem pois q̃ não hé seguida detodos os Anathomicos parece ser amais natural, emelhor, porisso q̃ sempre abaze dos edeficios faz oprimeiro lugar quando deles se trata, emuito principalm.te amerece o Ostheologia; as cavidades, eminencias figuras, movimentos, situaçoens, euzos &a. São hum pasmoso, edigno assumpto dos nossos discursos; Os differentes fenomenos que vemos, eles executão acombinação dos elementos q̃ igualmente constituem os outros corpos, semanifestão claram.te quando eles seexaminão hé esta huma verdade incontestavel, e q̃ já mais poderá admitir controversia. A Chimica, eAnathomia nos dão omethodo, e nos fazem bem ver, q̃ aquelas coizas aoparecer des necessarias são uteis, econcideraveis.

Eles não são huma materia esteril; mas antes digna, não só danossa atenção mas ainda dehuma diaria inspecção; oseu numero ordinario muitas vezes hé interrompido por mayores, ou menores quantidades; a Sua consistencia nos oferece emdiversos tempos destinta Solidez, não menos q̃ asua cor semostra tão bem variavel. Asua união pordiversos modos algumas vezes senos prezenta igualm.te admiravel. Rezulta pois detudo isto ser o estudo da Ostheologia não só muito necessario; mas ser feito com huma regularidade tal q̃ chega apenetrar tudo oq̃ ela nospode dar deinteressante.

Fica claro á vista do referido quaes serão os progressos q̃ fará o Cyrurgião que tiver estas luzes. Os ossos são huma materia susceptivel demuitas infermidades; adislocação, afractura, acaria, aespinha, aanquilosis, eoutras mais otestemunhão, o desprezo, ou pouco respeito q̃ setem tido com esta tão grande parte da Anathomia, fez q̃ quazi sedesmembrasse aquela parte da Cyrurgia denominada algebra, eq̃ fosse praticada por aqueles q̃ só tem conhecimento daStructura dos irracionaes. Hoje porem q̃ já está Supitado este absurdo, conhecem todos qual seja adifferença q̃ se observa quando era exercitada por idiotas, ecomo prezentemente ohé pelos habeis cyrurgioens.

Quantos Professores destituidos destes conhecimentos, ou q̃ totalmente os ignoravão fizerão perecer muitos mizeraveis, oufazendo-lhe sofrer rigorosas operaçoens, deq̃ não carecião, ou condemnando-os ahuma perpetua lezão demembros? Quantos pela falta de observação, epericia nesta materia, fizerão de huma pequena caria huma total gangrena, the conduzirem os infelizes pacientes a hum horroroso

castastrofe? Observamos nós porem estes effeitos depois q̃ nosprestarão aliberdade depodermos instruirmos nesta importante materia, digo, depois denospermittirem sexaminar, não só os differentes esqueletos armoniados, mas devididos, conhecendo asua differença especulando as cartilagens, vendo os ligamentos, ecomprehendendo ultimam.te tudo oq̃ pertence á Ostheologia? Todas estas vantagens rezultão em favor daqueles aquem oterrivel flagelo das infermidades tem atacado portantos modos, qnantas são as q̃ aos ossos, epartes q̃ lhepertencem sofrem todos os dias; porem eles sefarão mais toleraveis na atenção de ter esta parte da Anathomia fornecido meyos para sepoderem precaver, eremedear tantos estragos.»

Começando pelo estudo dos ossos da cabeça, descreve em primeiro lugar o coronal: «Osso coronal assim chamado por nele secolocarem as corôas, frontal por formar a frente, ou testa, está situado naparte anterior do craneo, e superior do rosto, a sua figura he semetrica, e simelhante ahuma conxa.» Continuaremos a trasladar a descrição dêste osso pois nos servirá de modelo para as restantes descrições osseas, todas feitas mais ou menos à sua semelhança.

«Nele notamos, diz o autor, faces, eminencias, cavidades, mudeficaçoens desubstancia, conexoens, euzos.

Faces tem 2. huma anterior, eexterna convexa, outra posterior, einterna concava, ambas deziguaes.

Eminencias 18. 13 externas, e 5 internas. As externas são alinha perpendicular, que discorre verticalmente pela sua parte media q̃ na infancia devide este osso: asduas elevaçoens frontaes aos lados daprecedente; aelevação intersupersiliar, situada naparte inferior da linha perpendicular; os quatro angulos orbitarios naparte inferior, eanterior, dois externos, emenores, edois internos mayores; as duas arcadas orbitarias, situadas entre os angulos orbitarios: aespinha nazal, entre os angulos orbitarios internos, eas duas linhas, ou cristas semicirculares, aos lados externos dos angulos orbitarios. As internas são acrista coronal naparte media, einferior: Os doistuberculos mamilares, nap.te inferior, eosdois angulos esfenoydaes naparte inferior, eposterior.

Cavidade 21. destinguidas emburacos, fossas, ceyos e xamfraduras.

Buracos 7. 6 externos, ehum interno. Os externos são os dois supersiliares nas arcadas orbitarias, que alguns lhedão onome de goteiras, eosquatro orbitarios aos lados internos das fóssas orbitas dois anteriores, edois posteriores, que tambem alguns querem sejão

goteiras, eoutros lhedão onome de xamfraduras porserem comuas ao ethemoydeo. Ointerno hé oburaco cego situado naparte inferior dacrista coronal.

Fossas 8. 6. externas, eduas internas. As ext: são as duas orbitarias nap.te inferior, equatro das precedentes. As duas mais notaveis, junto dos angulos mayores, e as duas menores junto dos angulos menores, todas quatro incluidas nas fossas orbitas. Asinternas são as duas coronarias devididas pela crista coronal.

Ceyos 2 chamados frontaes, situados aos lados daespinha nazal.

Chanfranduras 4 huma devidida embrexa, q̃ hé a ethemoydal, a qual antecedentemente chamavamos propria situada entre osangulos ethemoydaes, astres seguintes são duas sinuozidades, chamadas zigomaticas, situadas aos lados dos angulos orbitarios externos; eaultima hé agoteira coronal situada nap.te superior dacrista coronal, as quaes antecedentem.te se denominavão improprias.

Mudeficaçoens de substancia 2. compacta, ecelular. A compacta forma duas laminas huma externa denominada craneo, outra interna chamada vitrea. A celular medêa entre asprecendentes, etambem se chama dispula.

Articulaçoens 12. com doze ossos, que pertencem á sinartrozis, edesta faz soturas proprias, ouprofundas econcravaçõens, soturas faz onze duas com os parietaes, pela parte superior, eposterior, duas com os pómulos nos angulos orbitarios externos, duas com os proprios do nariz na parte media, einferior sobre aespinha nazal, duas com os maxilares nos angulos orbitarios internos, duas com os unguiz nos mesmos angulos, e huma com o esphenoydeo pela parte posterior, einferior concravações huma com o ethemoydeo na chamfradura ethmoydal. Destas articulaçoens duas sedenominão soturas proprias, ou profundas, que são as duas com os parietaes como fica dito, eas restantes se denominão armonias, ousuperficiaes.

Osuzos deste osso, são concorrer à formação do craneo, e rosto, fossas orbitas, arcadas zigomaticas, conter nas fossas internas os globos anteriores do cerebro, e nas fossas orbitarias os globos dos olhos. &c.

Este osso na infancia hé destituido deceios, edevidido pelo seu meio oq̃ sucede tambem emalguns adultos; enasua parte sup. hé tambem membranoso.»

Por êste tipo de descrição se faz idea como são descritos os restantes ossos.

A seguir à cabeça estuda a segunda parte do esqueleto ou

tronco. Terminando a osteologia com a terceira parte do esqueleto que «comprehende as extremidades assim sup. como inf. Estas são aqueles orgaons, quesevem pendentes nas p.[tes] lateraes do tronco, tanto sup. como inf., eestas são 4, das quaes as sup. sechamão braços, eas inf. pernas; ecada huma das sup. sedevide em quatro partes, que são espadua, braço, antebraço. emão; como tambem as inferiores sedevidem emcoxa, joelho, perna, epé.»

A preceder o tratado segundo com a miologia vem o elogio desta parte da anatomia, curioso e original documento que a seguir transcrevemos:

Elogio á miologia

«Huma daspartes da Anathomia, com cujo particular estudo adquire grandes vantagens não só o Cyrurgião, mas tambem o Medico, hé a Miologia: ela não é pois daquelas materias infecundas, eque necessitão detoda aforça, e auxilio q̃ ministra aSciencia oratoria para lhe compor o elogio: ela por si mesmo sefaz atendivel, fazendo-se não só objecto das demonstrações anathomicas, mas tão bem dos discursos fizicos. Reconhecem todos os Professores da medicina, ecyrurgia asua utilidade aqueles quando contemplão asituação, figura, euzos &a. dos musculos concavos, estes quando atendem aos ataques movim.[tos] eforças dosq̃ dizemos planos, sendo huns, eoutros capazes deocuparem os nossos discursos, observando, ediscorrendo não só em tudo que assima fica lembrado: mas nas delicadas fibras deq̃ são formados, imperceptiveis, e admiraveis direcçoens devazos sanguineos que os penetrão, eemq̃ nos prezentão especiaes figuras. As differentes classes emq̃ sedevidem, fazem q̃ cooperem para huma mesma acção com oppostos movimentos, afim de fazerem amesma acção perfeitissima.

Eles assim como todas as mais partes doCorpo sofrem violentos ataques, huns produzidos pela malicia humana, eoutros por diversas cauzas, deq̃ vem arezultar a sua vulneração, parlezia, contracção, e resecassão &a. certas são as fatalidades, q̃ pedem huma grande atenção da parte daqueles dequem sefia o restabelecimento da Saude do homem. Os fenomenos maiores q̃ sabemos sefazem nocorpo humano nunca já mais podem ser celebrados sem asua assistencia. eauxilio. Eles concorrem dediversos modos geralm.[te] falando. porem particularm.[te] oseu mayor uzo he omovimento das partes assim continentes como contheudas, asanguificação, e digloção, e digestão,

eaexcressão detodas as materias fecaes, fazem aprova detudo oq̃ refiro.

Eles não merecem menor atenção, quando se trata das Operaçoens Cyrurgicas: amputação de qualquer parte do corpo, as operaçoens dos tumores, edilatação das ulceras &a. farão q̃ haja mayor, ou menor lezão nos movim.[tos] efigura daparte, á proporção q̃ o Operante for tão bem perito, ou ignorante daMiologia; omesmo sedá a respeito de outras mais obras da Cyrurgia, principalmente noq̃ pertence á sicatrização das chagas.

Faz autilidade, que rezulta do conhecim.[to] dosmusculos hum objecto interessante, e huma materia vasta, merecedora não só demayor digressão; mas tão bem deser tratada por melhor penna; por isso q̃ em assumptos taes, quem mais seriamente pensar noq̃ lhe respeita, equem profundamen'e acomprehender, melhor saberá pezar, eestimar com aquele apreço que deve huma couza deque ahumanidade recebe tantos socorros, e a Arte, eos Professores tanto credito. Eu mejulgaria feliz seestas mal limadas frazes tivessem opoder de presuadir qual seja a nececidade doseu estudo, não só áqueles q̃ odesprezão julgando-o desnecessario; mas igualmente aos q̃ pertendem instruir-se emtudo oque hé concernente ahum Cyrurgião que quer, edeve ser perfeito em todas as operaçoens doCorpo humano; principalmente em as que são manualmente praticadas; porq̃ a huns, eoutros mostrará ouzo do tempo, qual hé adifferença que observavão quando aignoravão, eoadiantamento em que seachão depois deacomprehenderem.»

Começa a miologia por umas generalidades sobre musculos e movimentos musculares. Define movimento muscular: «hé aquela acção mediante aqual sahimos do repouzo.» Havia três diferenças de movimento; «natural, voluntario e mixto.»

O estudo dos musculos em especíal inicia-se pela cabeça, dizendo: «A cabeça tem 22 musculos para executar 3 movim.[tos] q̃ são flexão, extenção, e rotação.» E daí para diante os musculos são sempre estudados com a sua acção, como se mostra a propósito do que diz sobre a respiração que passamos a transcrever:

«A respiração hé hum fenomeno composto deduas acçõens, q̃ são inspiração, e expiração. A inspiração hé quando o ar entra nobofe; ele se dilata, A expiração hé quando o ar sae; ele secontráe. Para estas duas acçoens se executarem concorrem 98 musculos proprios; além deoutros comuns como são os do Abdomen, Dorso eLombos.

Para ainspiração concorrem 72 musculos, q̃ são osdiafragmati-

cos superiores, os 44 inter-costaes, os serrados superiores, e posteriores, e os 24 levantadores de Extenon.

2. Os primeiros que metem em acção são os diafragmaticos superiores, t, op. f. nap.[te] inf. do Sternon, cartilagem xifoydea, nas cartilagens dasduas ultimas costelas verdadeiras, edetodas as falsas; e o m. no centro nervoso do diafragma.

44. Os auxiliares destes são os 44 inter-costaes, 22 decada lado 11 ext. e 11 int. Os externos seguem huma direcção obliqua daparte ant. para apost. eos internos daparte post. para aant. todos t. op. f. naborda inf. dacostela sup. eom. na borda sup. da costela inf.

2. Os auxiliares destes são os 2 serrados sup. epost. menores, t. op. f. nas espinhas das duas ultimas vertebras cervicaes, edas duas sup. dorsaes, eom. nas quatro costelas verdadeiras abaixo da 1.ª.

24. Os ultimos auxiliares são os 24 levantadores de Extenon 12 decada lado, t. op. f. nas apof. transversas daultima vertebra cervical, edas 11 sup. dorsaes, eomovivel nap.[te] post. das costelas, ou nos angulos post. das costelas.

Para aexpiração concorrem 26 musculos q̃ são os diafragmaticos inferiores, os dois serrados inferiores, eposteriores mayores; os 16 infra-costaes; eos 6 triangulares de Extenon, ou sternó-costaes.

2. Os primeiros que metem em acção são os diafragmaticos inferiores, t. op. f. nasp.[tes] lateraes do corpo daultima vertebra dorsal; edas 3 sup. lombares, eomovivel no centro nervoso do diafragma.

2. Os auxiliares destes são os dois serrados inferiores, eposteriores maiores; t. op. f. naespinha, ouapof. espinhosa daultima vertebra dorsal, edas 3. sup. lombares, eo m. nas quatro ultimas costelas falsas.

16. Os auxiliares destes são os 16 infra-costaes; 8 decada lado, t. op. f. na superficie interna, epost. das costelas, edeixando huma depermeio, vão ter om. naq̃ lhefica superior.

6. Os ultimos auxiliares são os 6 triangulares de Extenon, ou sternó-costaes; t. op. f. nasuperficie interna do Sternon, eo m. nas porçoens cartilaginozas das 5 inferiores costelas verdadeiras.»

Termina êste capítulo da anatomia com um mapa de inserções musculares e o índice respectivo.

Como introdução ao tratado terceiro da obra vem o elogio da Angeologia seguinte:

Elogio á angeologia

«Aquela parte da Anathomia q̃ dá oconhecimento das arterias, eveias do corpo humano édescripta de todos os Anathomicos debaixo do nome de Angeologia, erecomendado pelos mesmos oseu conhecimento, atodos osque sedestinão aprofessar aMedicina eCyrurgia. Os differentes fluidos que por elas tranzitão, não só são hum simples objecto da inspecção, edemonstração anathomica, igualmente que aestructura destes admiraveis tubos; mas tem muito lugar na Hydraulica, e Hydrostatica como tãobem fornecem huma vasta materia aos diversos sentim.tos da Fizica.

A anathomia é por isso, q̃ celebra o seu conhecimento quando faz ver as tunicas differentes que constituem todo ogenero decanaes q̃ compõem o mais minimo ramo, thé omais groço tronco, demonstrando tão bem as suas direcçõens, ramificaçoens, uzos, ejuntamente as admiraveis e particulares figuras que elas nos prezentão em algumas p.tes onde sedestribuem.

Das noçoens q̃ o Cyrurgião adquire com este exercicio rezultão depois os felizes sucessos q̃ ele alcansa na pratica da Cyrurgia, principalm.te quando seacha constituido naprecizão deseparar alguma daquelas partes q̃ fazem aintegridade do corpo humano. Este conhecim.to faz muitas vezes decedir qual seja o destino q̃ há de sofrer omizero enfermo quando sepropõem differentes methodos nacura dasua emfermidade, ouquando entra emquestão sepoderá ter lugar alaqueação da arteria q̃ leva anutrição para seconservar o artu compreferencia á sua amputação quando ella é proposta como unico meio desalvar avida.

Esta parte da Anathomia ainda menistra outras muitas luzes para aprodução de hum sem numero de assertos; porisso q̃ aMedicina não interessa menos nesta utilidade. Aquele q̃ conhecer e souber oq̃ hé averdadeira Fyzica, pode melhor discorrer nesta materia, eexpor quaes são as grandes vantagens q̃ consegue aquele que tiver este conhecimento. Hé sem duvida q̃ da lezão q̃ estas delicadas partes sofrem seoriginarão muitas emfermidades, talves revestidas dediversa aparencia, doq̃ naverdade hé asua essencia, muito principalm.te quando elas forem internas, esebem que ordinariam.te são irremediaveis os seus estragos, comtudo pode-se adiantar avida, não ignorando estes sucessos, poraqueles meios q̃ aprudencia dita em simelhantes cazos.

Hé certam.[te] innegavel, q̃ pormeio desta noticia q̃ fornece oestudo daAngeologia, seevitão innumeraveis estragos, efunestas consequencias, ouseja atendendo á direcção das arterias quando sefaz percizo operar nocorpo humano; oujá seja discorrendo, quaes podem ser as cauzas capazes delheproduzirem outros muitos accidentes que as costumão acometer não esquecendo lembrar, q̃ quando são cortados os troncos mayores tão bem lhedá grande utilidade Saber quaes são as partes offendidas, para se remedear não só ofluxo deSangue curando-o segundo odamno q̃ se teme; mas ainda para oprognostico, edirecção da cura. Mais sepodia dizer sobre este tão grande assumpto; mas cingirnos-hemos aeste lemitado descurso, deixando tudo o q̃ falta, eq̃ sepodia relatar para q̃ ocurioso oveja em algum dos muitos Authores que desta materia largamente tem discorrido.»

Começa a Angeologia por uma parte geral onde a proposito das arterias explica que estas são «pulsantes» «porque alternativamente sedilatão, econtrahem, durante avida.»

Como explicação dos movimentos arteriaes, diz: «O sangue impelido pela força organica do coração para todas as arterias, cumprime, e esforsa as paredes destes canaes, contra todos os pontos do seu centro, ecauza huma dilatação intermitente, chamada diástole. As arterias recuperando o seu primitivo diametro pelo ressor, e ilasticidade das suas tunicas, secontrahem, eexpelem osangue, cuja acção sedenomina sistole, enisto consiste omovimento constante, ealternativo aque chamamos pulso.»

Sobre as arterias em particular ocupa onze paginas. Das veias em geral se ocupa a seguir, definindo assim as veias: «são huns canaes valvulosos, evasculosos dotados dasmesmas propriedades, q̃ as arterias; porem em grau mais remisso.»

Termina a angeologia descrevendo por fórma muito concisa o coração, a circulação do sangue e do feto e os «vazos lateos».

Antes de entrar no tratado quarto da obra, consagrado á Nervologia, lê-se o seguinte elogio a esta parte da anatomia:

Elogio á nervologia

«Eu julgo impossivel falar dignam.[te] daNervologia, ou fazer ver em hum breve discurso tudo oque dela se pode dizer! Sim; ela hé huma materia revestida decircunstancias taes q̃ só dá lugar á admiração!

O corpo humano com preferencia atodos osoutros q̃ tem vitalidade. não apoderia já mais conservar sem nervos; as diversas funçoens q̃ continuadam.te se celebrão nesta maquina animal, não poderião já mais ser feitas sem oauxilio eforça dos mesmos. O Sentimento, movimento, etudo omais que anossa alma comprehende; todos os fenomenos q̃ observamos fazem abaze, eaprova desta verdade com oconhecim.to desta parte da Anathomia nos instruhimos parapodermos falar com mais liberdade emtodas as outras.

Ela hé huma materia assaz muito vasta, etrabalhosa, por isso mesmo isto faz q̃ nos experimentamos sucederem nocorpo humano terriveis acontecim.tos as cauzas são diversas, e innumeraveis, ede entre as que se numerão na vulneração, aimprudencia, eignorancia daSangria, faz huma grande parte, ou já seja immediatam.te nomesmo nervo, ou seja nas aponevrosis.

Eles em si mesmo offerecem lugar para seestabelecerem, enutrirem pessimos, e mal acondicionados humores, que não só produzem trabalhozas e incuraveis infermidades; mas muitas vezes mortaes, e repentinos accidentes; Não há já mais no corpo humano desordem alguma por minima que seja, emq̃ os nervos mais, ou menos não sejão atacados seja acauza qualquer que for; isto faz bem ver qual hé a grande necessidade, e não menor utilidade doseu estudo.

Asua mesma delicadeza deq̃ assima falamos, álem deoutras mais circunstancias q̃ lhe notamos, tem originado diversas, eintrincadas questoens entre os Authores noque lhe respeita deq̃ setem seguido não Serem unanimis ospareceres, assim arespeito doseu uzo, como deoutras mais couzas. Oestudo pois da nervologia segundo asrazoens mencionadas deve ser feito com toda aquela aplicação que pede hum tal assumpto, edaqui mesmo he q̃ há de tirar mayor, oumenor vantagem o Proffessor q̃ sequizer adiantar naarte decurar, easluzes q̃ nela adquirir o farão destinguir muito particularm.te daqueles q̃ não tiverem amesma aplicação, eigualmente omostrará aSolidez dasua pratica no curativo docorpo emfermo; álem deoutras mais circunstancias, q̃ necessariamente lhe hão deformar hum particular caracter.»

Começa naturalmente a nervologia pela parte geral em que define os nervos «huns cordoens brancos, fibrozos defigura quazi celindrica, mais, ou menos cumpridos, tem asua origem semetrica, ou regularm.te por pares no cerebro, ecerebêlo, por meio damedula oblongada eespinhal.»

Na descrição dos nervos em especial, segue a mesma fórma

esquemática. Assim, tomemos um para exemplo, o oculo-motor comum. Diz o autor: «O 3.º par são os motores internos, tem asua origem daparte anterior da eminencia anular, ou ponto de Varolo, penetrão adura mater junto aoslados das apofizes clinoydeas posteriores, esederigem naespessura desta membrana para ap.te anterior, ao cumprimento dosceyos cavernozos; sahem do Craneo pelas fendas es fenoydaes, elogo que entrão naorbita sedevidem emquatro ramos, oufiletes, dosquaes hum sedestribue nomusculo soberbo, dando fibras ao levantador da palpebra superior, os outros 3 sedestribuem nosmusculos bebedor, abaixador, epequeno obliquo: o ramo ou filete q̃ sedestribue nopequeno obliquo da hum ramo curto, egroço, q̃ forma hum pequeno ganglio de figura lenticular, oqual dá fibras, que sevão destribuir á roda do nervo óptico; as quaes depois dehaverem penetrado amembrana cornea opaca, vão por entre esta eacroydes athé o Iris, onde sedestribuem em ramificaçoens finissimas pelo ligamento siliar.»

Em dezoito paginas completa a nervologia.

Vem agora o ultimo elogio que achamos também interessante transcrever e é dedicado à esplancnologia:

Elogio á spanchonologia

«Eu mequizera certamente dispensar dediscorrer sobre aquela parte da Anathomia, q̃ trata das entranhas docorpo humano semenão vira ligado com aobrigação deofazer, eu conheço quam dificultoso hé este grande assumpto, e por outro lado vejo o limitado domeu talento para desempenho cabal de huma tal empreza.

Eu mepersuado ter ela em si só, tanto q̃ admirar, ecomprehender quanto tem todas as outras partes d'Anathomia juntas; emeparece não será percizo produzir provas para sepersuadir este pensamento.

A particular figura decada huma, aespecial direcção, os differentes uzos Situaçoens, consistencia, cor, numero, edestino, &ª. fazem huma vasta, equazi incomprehensivel materia: o seu estudo envolve muita parte doq̃ pertence aos nervos, edo q̃ respeita aos vazos, musculos, eossos; pois atravação comunicação, eunião q̃ todas estas partes tem humas com outras, assim omostra, eassim opedem.

Todas aquelas perfeiçoens porem q̃ lhe notamos, eadelicadeza q̃ lhe admiramos hé o q̃ fazem abaze danossa atenção, e respeito, principalmente quando eles são atacados por alguma daquelas cauzas

que frequentemente as desordenão, efazem o assumpto dainspecção, ecuidado assim do Medico, como do Cyrurgião são aobstrução, adureza, mudança, reláxação, eoutros diversos accidentes q̃ as acometem, são todos osdias amateria d'observação e reflexão dos Professores.

O conhecim.[to] detudo oq̃ acontece nestas p.[tes] tem produzido diversas mutaçoens napratica daCyrurgia, eMedicina, não só pelo pertencente aos uzos verdadeiros, desconhecidos pela antiguidade, ou Suppostos diversam.[te] porelą; mas ainda emoutras muitas circunstancias.

Aquele q̃ tiver acuriosidade de combinar huns methodos com outros, brevemente conhecerá q̃ eu não falo neste ponto superficialmente, esemfundamento. Por meio do conhecim.[to] q̃ setem alcansado desta parte d'Anathomia setemprecavido, eordenado melhor muitas das Operaçoens q̃ se praticão no Corpo humano.

Eu faria uma larga, mas util narração dosvaríos Sucessos q̃tem acontecido arespeito deseconhecerem, ouignorarem todas as Circunstancias pertencentes á Spanchonologia, como tão bem osgrandes absurdos deq̃ fez persuadir aos Veneraveis AA. d'Antiguidade afalta do conhecim.[to] dasmesmas circunstancias, e q̃ foi cauza d'eles estabelecerem huma doutrina errada, imperfeita, eq̃ deixara bastante occazião p.[a] Sustentar napratica humas tezes vans equazi imaginarias, senão julgára ser impropria esta occazião, oueste estilo para opoder fazer.

Eu só digo fundado na authoridade dosmelhores AA. q̃ sedeve empregar todo o possivel cuidado noseu estudo, capacitando-me q̃ deoutro modo senão poderá já mais alcansar, nem tão pouco creio que todo oque dezejar ser perfeito naarte de curar tenha contrarios sentimentos, como tão bem q̃ possa fazer alguns progresos napratica.

Eu não posso comprehender já mais quaes sejão osbons Sucessos q̃ alcansão osque não estão munidos com estes conhecimentos, naturalmente hão detropeçar acada passo. Airrezolução, ainacção, etudo o q̃ pode surprender os hão de sercar: Os mizeraveis que se lhes prezentarem, talvez sejão conduzidos ahum peyor estado de emfermid.[e] pois estas consequencias são certas sucederem áqueles aquem oseu infeliz destino levou acahir nas maons, ou aserem tratados por hum Proffessor ignorante.

A vós comua certifica esta verdade, ebastantes vezes cheyos demagoa examinamos os funestos estragos q̃ eles produzirão, eq̃ serão emtodo o tempo huns padroens com cuja vista nos animemos

abuscar oadiantamento precioso nesta parte d'Anathomia; desterrando toda aignavia q̃ nos pode embaraçar o sermos uteis á humanidade naqueles cazos emq̃ nos parece destinou o Ente supremo, para lhe valermos com os auxilios que nosmenistrarem todos aqueles conhecimentos deq̃ senão podem dispensar deter osq̃ pertendem ser verdadeiros Cyrurgioens.»

Na «spanchonologia» compreendia o autor, «astructura, situação, euzo das entranhas, edosprincipaes orgaons, não só doscontidos emqualquer das cavidades docorpo humano; mas tambem dos continentes; cujo corpo hé mais oumenos brando, edepouca, ounenhuma rezistencia.»

Conforme esta doutrina, começa o seu estudo pelas visceras contidas na cabeça, «as contheudas» como o autor lhe chama, a dura e a pia mater, o cerebro, o cerebêlo e a medula oblongada. Depois descreve-nos os olhos, o nariz, a bôca e as orelhas, fazendo a proposito dos usos dêstes orgãos ligeiras considerações de ordem fisiológica.

Continuando pelo estudo das visceras do peito ou tórax, descreve as mamas, a pleura, a glandula «tymus», o pericardio e o coração, e a seguir descreve a circulação do sangue, terminando com a seguinte frase, que merece registo: «Foy descoberta acirculação dosangue por Guilherme Arveo no anno de 1628; a cujo trabalho devemos esta tão estimavel noticia, &ª.»

Pela primeira vez aparece em livro didático esta confissão, todos os autores até então se serviam da magnifica descoberta, sem apontarem o seu inventor nem lhe marcarem a sua importancia.

Termina a esplancnologia com o estudo do abdomen, a cavidade principal do corpo, como o autor a qualifica, e das visceras nêle contidas. Trata pois do peritoneo, do figado e «bexiga felia», do pancreas, do baço, do esofago, do ventriculo ou estomago, dos intestinos e do mesenterio, das «capsulas atrabiliarias», dos rins e bexiga, das partes da geração do homem e das partes da geração da mulher.

Apesar do que disse o autor no principio do livro e do que vem expresso no frontispicio, segue-se na obra um tratado sexto sobre «Adnalogia» que, segundo o autor, é a parte da anatomia que trata das glandulas.

Glandulas, para o autor, eram «huns orgãos que tem uzos diversos.» Havia duas especies «humas chamadas conglomeradas, eoutras chamadas conglobaes.»

As glandulas «conglomeradas» eram o cerebro, cerebêlo, medula oblongada e espinhal, as glandulas do «plexo croydes», a pituitaria, a lacrimal e, finalmente, todas as glandulas mucosas.

Depois de nos dizer quaes eram as «glandulas conglobaes», termina êste capítulo com um breve esboço fisiológico sobre a circulação da linfa.

Intitulado «Fiziologia» ainda há a terminar a obra um capítulo sobre fisiologia humana onde se fazem umas breves considerações sobre secreções, crescimento, nutrição, o decrescimento, a saliva, o uzo das partes da geração do homem, o menstruo da mulher, da concepção, do feto e sua circulação e, assim, termina a postilla.

Pelos extratos que fizémos dos vários capítulos da obra, verifica-se que a sua redacção não é das mais felizes e que a exposição do assunto é feita num estilo muito lacónico, fazendo prevêr que foi feita por apontamentos tirados durante as lições do mestre.

Hoje, pela fórma como está redigida a postilla, seria considerada como uns quadros sinópticos de anatomia.

Talvez por isso mesmo, o português empregado não é o mais correcto e abunda em galicismos, o que não admira conhecidos os laços de amizade existentes entre Dufau e Constancio e a sua aturada leitura dos expositores franceses de anatomia, como o Sabatier que acabava de aparecer em França e donde o seu amigo e antigo mestre Dufau lho trouxera.

Barbosa Sueiro, na sua já citada conferencia, diz que «a linguagem de Constâncio distingue-se pelo rigor anatómico, simplicidade e clareza. Não tem um estilo brilhante porém, e as suas descrições, sempre resumidas, por vezes quasi esquemática.

Maximiano Lemos falando dêste livro diz: «A obra de Manuel Constancio, tal como imperfeitamente póde ser apreciada, parece-nos corresponder á reputação que o seu autor grangeou. A exposição é clara, feita por um methodo rigorosamente anatómico, e separada em systemas anatómicos. Afigura-se-nos bem que a *Anatomia* de Manuel Constancio hombrearia com a de Santucci, se fosse expurgada de gallicismos e de incorrecções, cuja responsabilidade nem sempre se póde imputar com justiça ao seu auctor.» (1)

Constancio, o prototipo do *self-made-man,* que de iletrado aprendiz de barbeiro conseguira ascender a cirurgião da real camara e

---

(1) Maximiano Lemos, *loco citato.*

lente de anatomia no Hospital de Lisboa e ter, por assim dizer, o futuro dos cirurgiões nas suas mãos, não se quedou por aqui, tinha outras aspirações mais a realizar.

Alimentava Constancio um grande sonho: transformar a cirurgia portuguesa e fazê-la saír do marasmo em que vegetava, restituindo-a a posição e consideração condignas.

Constancio reconhecendo que a Escola de Cirurgia do Hospital não estava à altura das responsabilidades e exigencias da sciencia cirurgica, envidou todos os esforços para conseguir uma reforma do ensino respectivo.

Para esse projeto contava Constancio com o auxilio de discípulos de valor incontestavel por fórma a garantir-lhe um completo sucesso.

Mais desejava Constancio, que os escolhidos para colaborarem nêsse projeto fossem ao estrangeiro estudar e aperfeiçoar-se, adquirindo assim os conhecimentos indispensaveis a quem pretendia restaurar o ensino da cirurgia em novos moldes.

Nesta ordem de ideas Constancio encetou com a sua costumada persistencia e denodado esforço os trabalhos para conseguir da soberana licença para o envio de uns tantos médicos e cirurgiões em comissão de estudo à Inglaterra.

Dentro de pouco tempo recebia Constancio mais uma prova da consideração oficial pelo seu valor e inteligencia com a notificação de que estava resolvida a partida de pensionistas para o estrangeiro. Imediatamente forneceu Constancio a lista dos seis médicos e cirurgiões que deviam partir para Inglaterra.

Aproveitando a boa vontade da rainha e a amizade do seu ministro, José Seabra da Silva, Constancio conseguiu que seu filho Francisco Solano Constancio, contando apenas quatorze anos de idade, fosse incluido na lista dos pensionistas que deviam seguir. Êste ia «para estudar a medicina e a cirurgia» e aquêles «para se aperfeiçoarem nestas importantes sciencias».

Confirmando esta versão, dizia mais tarde Solano Constancio: «Á munificencia desta Senhora (D. Maria I) liberalmente continuada por seu Augusto filho o Principe Regente, devo em grande parte a minha educação, sendo hum dos pensionarios que em 1791 foram mandados a Inglaterra estudar a medicina e a cirurgia, ou para se aperfeiçoarem nestas importantes sciencias. Esta expedição foi ordenada por S. M. a rogo de meu pay Manoel Constancio, cujo patriotismo, probidade e amor da sua profissão não foram ainda excedi-

dos, e a quem julgo que nenhum portuguez recusará o titulo de restaurador da cirurgia em Portugal.» (1)

Os seis médicos e cirurgiões que partiram nessa missão de estudo, eram: Francisco José de Paula, Antonio de Almeida, Domingos Mathias, Manuel Alves da Costa Barreto, Antonio Lopes de Abreu, Antonio José de Carvalho e Mello.

Constancio não viu realizado êste seu sonho da constituição de uma Escola de Cirurgia com êste nucleo de professores, por estar cansado e velho, segundo refere o filho, devido «à feya e negra ingratidão», consoante expõe Francisco José de Paula. (2)

Como se vê, Constancio é merecedor da consagração que todos que sobre êle têm escrito lhe fazem, a começar nos discípulos e a acabar naquêles que se ocupam de história da medicina.

Francisco José de Paula, um seu aluno, escreveu uma «Oração do Ponto», folheto percursor das dissertações inaugurais, onde tece a Constancio os maiores elogios, tratando-o de «noço estimavel e Sabio Lente» e mais adiante de «erudito Mestre.» (3)

Outro discípulo de Constancio, Antonio do Espirito Santo, o autor da *Postilla,* referindo-se ao mestre, cognomina-o de «meu sapientissimo mestre.»

Antonio de Almeida, seu aluno e amigo intimo, pois foi quem se encarregou de velar pelo filho de Constancio a quando da missão de estudo em Inglaterra, diz no seu *discurso sobre a arte de curar,* referindo-se a Constancio: «adiantou este de tal modo os conhecimentos anatomicos em Portugal, que seus discipulos nada tem que invejar ás Nações estrangeiras; e não parou só nisto seu zelo pela cirurgia: solicitou, e obteve da Nossa Augusta Soberana Maria I. pensões para alguns dos seus discipulos hirem colher das escolas estrangeiras os conhecimentos, que faltavão nas do seu paiz. Em huma palavra póde dizer-se que o Illustre Constancio foi o restaurador da cirurgia em Portugal, como Pareu, e Wiseman o forão em França, e Inglaterra.» (4)

Sá Mattos, que também foi seu discípulo, não tendo nada de lisongeiro, refere-se a Constancio nos seguintes termos que vale a pena arquivar: «Este Esclarecido Prof. occupa hoje a referida Cad.

---

(1) Solano Constancio. *In* Observador Lusitano. 1815.
(2) Castro, Augusto de, *loco citato.* 1921. Pag. 50.
(3) Castro, Augusto de. *ibidem.* 1921. Pag. 62.
(4) Almeida, Antonio d'. Discurso sobre a Arte de Curar. Lisboa, 1815.

com toda a celebridade nacional, e entre os optimos disc. que tem produzido se substitue com o erudito e habilissimo Noberto, em cuja concorrencia podem os Estrangeiros admirar assaz a delicadeza scientifica de Demonstraçoens practico-theoricas do Theatro Anat. Lisbonense, ao menos até o inverno de 1783, em que o experimentamos occullar e auricularmente.» (1)

Manuel José Leitão, também discípulo de Constancio, afirma que o mais glorioso titulo com que se honravam alguns cirurgiões «era o terem sido discipulos de tão bom Professor.» (2)

Lima Leitão chama-lhe «erudito, laboriôso, e nunca assaz louvado Manuel Constancio.» (3)

Camara Sinval, referindo-se a Constancio, disse: «que receei parecer adulador ainda que não fosse mais que justiceiro; e dentre os que descançam já, um existiu, a quem não difficeis concedereis a antonomasia de Pareo portuguez—de restaurador da cirurgia em a nossa terra; he esse. Bem vêdes já que o fraco, mas sincero incenso deste panegyrico vae tributar-se á memoria do illustre professor Manoel Constancio.» (4)

Maximiano Lemos, que freqüêntes vezes o cita com elogio, diz, referindo-se ao Hospital Real de Todos os Santos: «Nos progressos do ensino da cirurgia n'este estabelecimento, importante papel representou o celebre Manuel Constancio, que vive e viverá na historia da cirurgia portugueza pelo facto de a haver impulsionado vivamente com o seu ensino.» (5)

Serrano, falando da iniciativa da criação de estudos de anatomia, no principio do século XVIII, no Hospital, diz, «que só vingou a idéa, definitivamente, ao declinar do século, pela perseverança de um prestigioso cirurgião, benemerito da patria e da sciencia portugueza.» (6) Mais tarde, ainda sobre Constancio, escreve Serrano: «A anatomia continuava planta exotica no safaro torrão que para as lettras e sciencias foi em Portugal o seculo XVIII. Só depois

---

(1) Sá Mattos, *loco citato*. Pag. 103.

(2) Leitão, Manuel José, *loco citato*.

(3) Lima Leitão. Dissertação inaugural pronunciada na abertura dos cursos da Escola Real de Cirurgia de Lisboa. Lisboa, 1828.

(4) Camara Sinval. Oração pronunciada na sessão solemne da abertura da Escola Medico-Cirurgica do Porto em 5 de Outubro de 1848.

(5) Maximiano Lemos, *loco citato*. Tomo II. Pag. 269.

(6) Serrano, *loco citato*. Tomo I. Pag. LXXIV.

de Constancio — um portuguez, emfim — ganhou foros de cidade a anatomia no nosso paiz.» (1)

O Professor Ricardo Jorge considera Constancio e Sousa Martins os dois pioneiros que, na evolução médica portuguesa do século passado, «rasgaram a Portugal o rêgo caudaloso e fecundante da sciência», qualificando Constancio de «devotado restaurador em Lisboa da nova cultura anatómica e cirúrgica.»

Apesar de o seu antecessor, Dufau, se interessar fortemente pela nomeação de Constancio para o substituir na regencia da cadeira de Anatomia do Hospital, êste ainda teve outro concorrente à vaga, Filipe José de Gouveia.

Tudo se arranjou, criando-se um curso de operações para êste candidato, ao mesmo tempo que se nomeava Constancio para a cadeira de Anatomia. É como segue o decreto da nomeação de Gouveia:

Copia do decreto (2)

Attendendo âboa informação, que se medeo da capacidade, eprestimo do Cirurgião Felipe Jozé de Gouvea, eater feito por Ordem Minha hũ Curso de Operaçõens de Cirurgia no Hospital Real de todos os Santos. Hey por bem nomealo cirurgião da Emfermaria do mesmo Hospital que occupava Pedro Dufau aquem houue por jubilado; ehaverâ o Ordenado de duzentos e quarenta mil reis pagos aos Quarteis pella folha dos Ordenados dos Ministros e officiaes do Concelho da minha Fazenda durante avida do ditto Pedro Dufau, epor sua morte ficarâ cessando aforma do ditto pagamento, eo cobrarâ pello Hospital onde ficarâ vagando: Eserâ obrigado aservir debaixo das condiçõens declaradas no Papel junto assignado por Francisco Xavier de Mendonça Furtado Meu Menistro e Secretario de Estado. Omesmo Conselho da Fazenda otenha assim entendido efaça Executtar sem que lhe seja preciso outro algũo titulo mais que o prezente Decreto Palacio de Nossa Senhora de Ajuda avintequatro de Novembro de mil sette centos sessenta equatro = Com hũa rubrica de Sua Magestade =

(1) Serrano. *In* Annuario da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, 1901-1902.

(2) Livro de Registo de Ordens e Editaes do Enfermeiro Mór D. Jorge de Mendonça. Fls. 104 e 104 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

CONDIÇÕENS COM QUE SUA MAGESTADE HÃ POR BEM NOMEAR FELIPE JOZEPH DE GOUVEA PARA CIRURGIÃO DO HOSPITAL REAL DE TODOS OS SANTOS E ENSINAR EM AULA OS PRATICANTES DELLE AS OPERAÇÕENS, E LIGADURAS.

Serâ obrigado acurar todos os Doentes quelhe forem distinados para a Emfermaria de que hê Encarregado.

Continuarâ a ensinar atodos os Praticantes de Cirurgia do Hospital Real de todos os Santos, todas as Operaçõens de cirurgia nos cadaveres em que não houver doenças contagiozas repetindoas muitas vezes e aplicando lhe as Ligaduras proprias eparticullares acada huma dellas.

Depois de bem instruidos os dittos Praticantes lhês farâ Executar as mais Ligaduras para que possão em casos simelhantes fazer ouzo dellas.

Os Mestres de Cirurgia serão obrigados a mandar todos os seus respectivos Praticantes â Aulla das Operaçõens e ligaduras Não serâ pago do seu Ordenado sem que aprezente Certidões assim do Emfermeyro Mor do mesmo Hospital, como do Cirurgião Mor do Reyno, porque conste pela primeyra deque asiste continuadamente, epela segunda que cumpre com as obrigaçõens de que otem encarregado para o melhor serviço do mesmo Hospital, e utilidade, eadicentamento da Arte de Cirurgia = Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a vinte quatro de Novembro de mil sette centos sessenta e qnatro = *Francisco Xavier de Mendonça Furtado* Nossa Senhora da Ajuda avinte sette de Novembro de mil sette centos sessenta equatro = *João Baptista de Araujo.*

Filipe José de Gouveia nomeado no final de 1764 para dirigir uma enfermaria de feridos no Hospital e reger um curso de operações e ligaduras só começou a servir em 1765, como mostra o seguinte atestado:

Dom Jorge Francisco Machado de Mendonça Essa Castro Vasconcellos Magalhães Senhor das terras eDonatario do Concelho de Homem e Cavado Senhor das Cazas de Castro Vasconcellos e Barrozo e dos Sollares dellas Senhor da honrra do Pinho Alcayde Mor da Villa de Mourão Egovernador da Cidade de Evora eseu territorio compatente de Coronel de Infanteria dos Exercitos de Sua Magestade Fidelissima; Emfermeyro Mor e Thezoureyro Executtor da Fazenda do Hospital Real de todos os Santos desta Cidade de Lisboa etc.

Faço saber aos que aprezente attestação virem que Felipe Joze de Gouvea Cerurgião deste Hospital Real tem asistido tanto no Curativo dos Pobres Emfermos que se curão na Emfermaria dos feridos do mesmo Hospital como tão-

bem no curso de Operações Cerurgica e Ligaduras que por ordem de Sna Magestade Fidelissima se faz no ditto Hospital no qual tem continuado todo o ano findo em Dezembro de mil sette centos sessenta e cinco tudo na forma do Decreto do ditto Senhor que se acha registado no Livro do registo geral do mesmo Hospital af. *103v* epara constar do refferido mandey passar aprezente que vay por mim asignada e vay sellada com osello do ditto Hospital Lisboa vinte de Janeyro de mil sette centos sessenta eseis annos. (1)

Em 1768, como não tivesse praticantes para o ajudarem na enfermaria e a ouvirem-lhe as lições, Gouveia requere que a administração hospitalarlhe consi nta a inscrição de alunos, como aos outros colegas cirurgiões. O requerimento teve deferimento da Mesa da Misericordia em 27 de abril do mesmo ano, como próva o seguinte registo:

REGISTO DE HUA PETIÇÃQ QUE FEZ FELIPE JOZE DE GOUVEA, CERURGIÃO DESTE HOSPITAL Á MEZA DA MIZERICORDIA (2)

Illustrissimo e Reverendissimo Senhor = Diz Fellipe Jozé de Gouvea cerurgião deste Hospital, e Mestre das Operaçõens de Cerurgia por Sua Magestade, como consta do Decreto junto, que elle suplicante cumpre comasua obrigação, como mostra pellas attestações adjuntas, e como esta em carregado do curativo de hua Enfermaria de feridos que a comoda cincoenta, enão tem Praticantes para o ajudarem afazer ocorativo como os maes mestres deste Hospital = Pede a vossa Excellencia seja servido conceder lhe faculdade para que possa aseytar Praticantes, ese lhe abra acento no Livro da matricula da Caza da Fazenda comforme o estillo dos mais mestres visto não encontrar as Reaes Ordens deSua Magestade = E Receberâ Mercê = Despacho = Ameza concede ao suplicante aliberdade de ter os Praticantes de que necessitar na conformidade dos outros cerurgiõens efarão matricula como for os mais em Meza vinte sette de Abril de mil sette centos sessenta e outto = Com des rubricas.

Como porém o enfermeiro-mór lhe puzesse obstaculos à distribuição de praticantes pela sua enfermaria, Gouveia requereu novamente à Mesa da Misericordia para ser informado das duvidas que se opunham à execução do seu despacho. Após as informações devidas e como estas lhe fossem desfavoraveis, por nada dizer sobre o

---

(1) Livro de Registo de Ordens e Editaes do Enfermeiro Mór D. Jorge de Mendonça; Fls. 128 a 128 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

(2) Livro de Registo Geral N.º 4. Fls. 120 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

caso o regulamento que baixara juntamente com o decreto real da nomeação, foi-lhe então indeferido o pedido de ter praticantes por despacho de 25 de novembro de 1768, como se próva pelos registos que seguem:

REGISTO DE HUA PETIÇÃO ESEU DESPACHO QUE SEFES A MEZA DA MIZ.A FELIPE JOZÉ DE GOUVÊA MESTRE DAS OPPERAÇÕENS. (1)

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor = Diz Felippe Jozé de Gouvea, mestre de Operaçõens e cerurgião do Hospital Real de todos os Santos por Sua Magestade Fidelissima, como consta do Decreto junto, que elle suplicante, obteve licença de vossa Excellencia, emais senhores da Meza para poder aseitar os Praticantes que lhe fossem precizos, na conformidade dos Mais Mestres do mesmo Hospital, em razão de nãopoder só fazer ocurativo de cincoenta feridos, que tantos são os de sua Emfermaria, de que está encarregado, como tão bem mostra do despacho junto equerendo por empratica omesmo despacho lho duvida o Emfermeyro Mor, pertende o Suplicante que Vossa Excellencia determine que oditto Emfermeyro Mor Informe com aduvida que tiver aeste requerimento, ejuntamente os mais que tem feito os Mestres dito feito aos Mestres do Hospital = Pede a vossa Excellencia seja servido mandar satisfaça ao ditto despacho, ou informe aduvida que se lhe offereçer = E Receberâ Mercê = Despacho — Nossos Irmaos officiaes da Fazenda do Hospital Real informem este requerimento em Meza oprimeyro de Novembro de mil sette centos sessenta e outto = Com duas Rubricas = Informação =

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor = Felippe Jozé de Gouvêa foi provido por El-Rei, para cerurgião do Hospital com a Emfermaria, que occupava Pedro Dufaut, e ordenado duzentos quarenta mil reis, pagos aos quarteis, pella folha dos ordenados dos Menistros e Offeciaes do concelho da Fazenda aprezentando primeiro certidão do Enfermeyro Mór, como cumpre com a sua obrigação, e durante a vida do ditto Pedro Dufaut, epor sua morte o cobrar pello Hospital com obrigação de servir debacho das condiçõens ao Decreto juntas, que por avizo do Secretario de estado o Illustrissimo e Excellentissimo Francisco Xavier de Mendonça foy Sua Magestade servido mandalas remeter, assignadas por João Baptista de Araujo directamente a Dom Jorge Francisco Machado para as fazer Executar, eobservar como amayor exactidão que nellas se determina pello que lhe pertender, eregistar nos Livros da Fazenda para em todo o tempo constar aos sucessores Emfermeyros Mores e

(1) Livro de Registo Geral N. 4. Fls. 121 verso a 122 verso. Arquivo dos Hospitais Civis.

Executores do que se contem no refferido Decreto, oque asim se observou registando-se nos Livros em que se registão semelhantes Decretos e Avizos = Aceitou Felippe Jozé de Gouvea ser Cerurgião deste Hospital debaxo destas condiçõens, e como por nenhuma lhe fosse premetido tomar Praticantes, mas sim o ensinar Praticantes dos outros Mestres, para que os obrigão amandarlhos, elhos mandão, não se lhes concederão the agora, nem se lhes pode conceder como requer sem offença do refferido Decreto, nem os teve oseu anteseçor Pedro Dufaut e sem perjudicar os outros Mestres porque ficão com menos emolumentos, oque tudo parece ElRey quis attender dando a Felippe Jozé mayor Ordenado como hé o duzentos quarenta mil reis, tendo os outros cento cincoenta mil reis, e conservandose oqueseepratica athe agora, observase o Decreto de ElRey sem alteração, ecumprese para com Antonio Gomes Lourenço, e Jozé Gonçalves Correa, a Ordem de huma Junta grande; como seve das copias as Certidõens com que os refferidos instruem os seus requerimentos, que vão juntos, por que desta rezolução pende a decizão de todos sendo certo que os dous refferidos mestres logo que se lhe diminuirem os Emolumentos, requerem â Meza aumento de Ordenados por compensação, com oque não pode este Hospital pellos poucos rendimentos que tem, Hospital Real vinte cinco de Novembro de mil sette centos sessenta eoutto annos = *Nuno Jozé da Cunha e Ataide* = *Felix Teixeira de Mattos* = Despacho Final = Como parece a nossos Irmaos Officiaes da Fazenda do Hospital Real de todos os Santos a quem a Meza recomenda â Exação das Ordens de Sua Magestade, em Meza vinte cinco de Novembro de mil sette centos sessenta eouto = Com onze Rubricas = registesse este requerimento Emformação e despacho da Meza. Hospital Real vintte seis de Novembro de mil sette centos sessenta eoutto = Com huma Rubrica do Senhor Emfermeyro Mor = *Mattos*.

Sobre Filipe José de Gouveia nada mais pudemos apurar e lógico é prevêr pela documentação apresentada que foi professor no Hospital como prémio de consolação por não ter sido nomeado para a cadeira de anatomia que, evidentemente, tinha de ser para Constancio.

Voltando a Constancio, não terminaremos sem dizer que com a bonita idade de 79 anos e 41 de serviço efectivo como lente de anatomia se jubilou por alvará de 24 de maio de 1805 e que veio a falecer nas Sentieiras em 1817 com a avançada idade de 91 anos, sem ter visto a realização do seu sonho dourado — a Escola de Cirurgia.

Por carta régia de 26 de setembro de 1769 foi feita a doação do colegio de S.to Antão com a igreja, oficinas e cêrca para nêle se instalar o Hospital. Esta carta foi remetida ao Provedor da Misericordia juntamente com umas instruções em que bem se vê o pulso do Marquês de Pombal, ainda então Conde de Oeiras.

Nos dias 3, 4 e 5 de abril de 1775, sendo Provedor da Misericordia Luiz Diogo Lobo da Silva e Enfermeiro-Mór do Hospital José Antonio de Castilho Furtado de Mendonça, foram transferidos os doentes que existiam no antigo e arruinado edifício do Hospital Real de Todos os Santos para o referido Colegio de S.to Antão, o qual, pelo facto de ter sido doado pelo rei D. José, se ficou chamando, daí para o futuro, Hospital de S. José.

Aqui termina, pois, com o Hospital Real de Todos os Santos, a nossa modesta contribuição para a história do estudo da cirurgia nêste hospital.